UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUÇÃO EM PSICOLOGIA

RELAÇÃO AMOROSA E TENTATIVA DE SUICÍDIO NA ADOLESCÊNCIA: UMA QUESTÃO DE (DES)AMOR.

Ana Karina Silva Azevedo

NATAL
2006

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

ANA KARINA SILVA AZEVEDO

RELAÇÃO AMOROSA E TENTATIVA DE SUICÍDIO NA ADOLESCÊNCIA: UMA QUESTÃO DE (DES)AMOR.

Dissertação elaborada sob a orientação da Professora Drª. Elza Maria do Socorro Dutra e apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

NATAL
2006

Catalogação da Publicação na Fonte. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
Biblioteca Setorial Especializada do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Azevedo, Ana Karina Silva.
Relação amorosa e tentativa de suicídio na adolescência : uma questão de (des)amor / Ana Karina Silva Azevedo. - Natal,RN, 2006.
125 f.

Orientadora: Profª. Drª. Elza Maria do Socorro.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em Psicologia.

1. Psicologia – Dissertação. 2. Adolescência – Dissertação. 3. Suicídio - Dissertação. 4. Pesquisa fenomenológica – Dissertação. I. Socorro, Elza Maria do. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/BSE-CCHLA CDU 159.922.8:316.62

Universidade Federal Do Rio Grande Do Norte

Centro De Ciências Humanas, Letras E Artes

Programa De Pós-Graduação Em Psicologia

A dissertação "Relação Amorosa e tentativa de suicídio na adolescência: uma questão de (des)amor", elaborada por Ana Karina Silva Azevedo, foi considerada aprovada por todos os membros da Banca Examinadora e aceita pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia, como requisito parcial à obtenção do título de MESTRE EM PSICOLOGIA.

Natal (RN), _____ de _____ de 2006.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Drª. Elza Maria do Socorro Dutra _____

Profª. Drª. Symone Fernandes de Melo _____

Prof. Dr. Georges Daniel Janja Bloc Boris _____

"Ninguém pode fugir ao amor e à morte”.

Públio Siro

Agradecimentos

Primeiramente, gostaria de agradecer a minha mãe, estrela e anjo que desse imenso céu, abençoa, ilumina e inspira essa caminhada. Sua força, luta e exemplo de vida foram inspiradoras aos meus passos na vida. De algum lugar muito especial ela celebra esse instante comigo.

À minha família, em especial ao meu pai e minhas queridas irmãs que sempre me apoiaram, incentivaram, escutaram minhas angústias e souberam compreender os momentos de ausência, sempre compartilhando afetos e vibrando a cada passo dado.

A Adrianinho, o pequenino da família, que me proporciona sempre tantos momentos de descontração e risos que foram essenciais ao longo desses anos de estudo.

Ao meu amado esposo Thales, que acompanhou cada momento dessa jornada, sendo apoio fundamental por sua presença, seu amor, sua torcida, sua escuta e amizade. Palavras serão incapazes de transmitir todo o meu amor e gratidão por tudo o que você representa em minha vida.

À minha orientadora, Elza Dutra, que por tantos anos compartilha vivências, histórias, amizade. Por ter despertado em mim a paixão pelo ato de pesquisar e ter estado tão presente em toda minha formação de psicóloga, sendo uma inspiração e fonte de conhecimento. Mas principalmente, por sempre acreditar em mim e nesse estudo, se apaixonando, tanto quanto eu, pelos temas aqui estudados.

À Maria Elisa, amiga de vida e companheira de caminhada nesse Mestrado, por todas as palavras de apoio, pelos momentos de angústias compartilhados, pela força e

incentivo, pela ajuda e colaboração em todas as partes dessa pesquisa, mas fundamentalmente, por sua verdadeira amizade que engrandece minha vida.

Às amigas que estiveram presentes em momentos importantes dessa trajetória, em especial, Waléria que ao longo da Graduação compartilhou comigo o interesse pelo estudo do suicídio, a paixão pela Psicologia, as alegrias vividas, os sonhos, as muitas histórias e a sua sincera amizade. E Thaís pelos momentos de vida divididos, pela sua experiência como pesquisadora, pela amizade e pelas palavras de carinho.

À Cilene, secretária da Pós-Graduação, por toda ajuda, paciência, e carinho com que sempre trata cada aluno desse programa.

Ao CIT, na pessoa de Fátima, que com todo carinho, acolheu essa pesquisa.

Aos participantes desta pesquisa, que acreditando neste trabalho compartilharam suas experiências, dividiram suas dores e tornaram esse estudo possível.

A Deus, que sempre foi fonte inspiradora de qualquer ato em minha vida.

Sumário

RESUMO

ABSTRACT

1. Introdução.....11

1.1 Justificativa.....20

2. O *ser* adolescente: revisitando alguns estudos.....22

2.1 A formação da identidade na adolescência: uma possibilidade de definição do eu?.....27

3. O relacionamento amoroso entre adolescentes: o ficar e o namorar.....33

4. Suicídio e tentativa de suicídio − a vida por uma escolha.....39

4.1 Tentativa de suicídio entre adolescentes: um modo de ser.....42

5. A Noção de *self* em Carl Rogers: um conceito de *si mesmo* 51

5.1 Uma sinfonia composta sobre o homem: a noção de s*elf*.....53

5.2 Construção da identidade x *self* em Rogers: pensando a formação do autoconceito na adolescência.....60

6. Fazer com: caminhos e procedimentos metodológicos 64

6.1 Narrativa: tecendo o viver, um relato de experiência.....68

6.2 Procedimentos metodológicos.....72

6.2.1 Participantes da pesquisa.....72

6.2.1.1 Caracterização do local da pesquisa.....73

6.2.2 Instrumento de pesquisa.....74

6.2.3 Procedimentos de coleta e análise dos dados.....75

6.3 Revelando significados: a voz que surge em meio às palavras.....80

6.3.1 Impulsividade da tentativa de suicídio.....81

6.3.2 Adolescente suicida e desestruturação familiar.....83

6.3.3 Tentativa de suicídio por ingestão de medicamentos.....85

6.3.4 Sentimento de arrependimento ou culpa após tentativa de suicídio...86

6.3.5 Autoconceito do adolescente.....89

6.3.6 Vivências concernentes à relação amorosa e ao outro amado.....93

6.3.7 Presença de comportamentos depressivos.....102

6.3.8 Gravidez durante a relação com os parceiros pelos quais tentaram suicídio.....103

6.3.9 Multideterminação do ato suicida.....104

6.3.9 Reflexão sobre a tentativa de suicídio como algo mobilizador da ressignificação da vida.....106

7. Conclusão 109

8. Referências Bibliográficas 114

9. Anexos.....121

RESUMO

Os índices de suicídio têm crescido em todo o mundo. No Rio Grande do Norte, Dutra (1999), em estudo que verificava o índice de tentativa de suicídio entre jovens, constatou que somente no ano de 1997 houve 244 casos de tentativa de suicídio. Tais dados, associados à leitura de artigos e de estudiosos do suicídio nos chamaram a atenção para o estudo de tal fenômeno na adolescência. Além deste, um outro ponto passou a provocar questionamentos: a tentativa de suicídio relacionada à motivos amorosos – o fim de um relacionamento amoroso ou a fantasia de abandono do parceiro –, nos fez pensar acerca da forma como o amor se expressa entre os adolescentes, podendo tornar-se um motivo ou razão para que se desista de viver. Com base nesses dados e questionamentos, o nosso objetivo nesta pesquisa consistiu em compreender como adolescentes que tentaram suicídio por questões amorosas vivenciaram essa experiência. Para tanto, adotamos como referencial teórico a Abordagem Centrada na Pessoa e, mais especificamente, o construto *self*, segundo o pensamento de Carl Rogers. A estratégia metodológica utilizada teve inspiração fenomenológico-existencial, utilizando-se como instrumento de pesquisa a narrativa, inspirada em Walter Benjamim (1994) e desenvolvida como estratégia de pesquisa por Schmidt (1990). Participaram do presente estudo quatro jovens (três do sexo feminino e um do sexo masculino), que tentaram suicídio devido a questões amorosas, durante a adolescência, quando tinham entre 12 e 18 anos. As entrevistas foram gravadas em fitas cassete, transcritas e, posteriormente, literalizadas em forma de narrativas. A compreensão das narrativas teve como base os sentidos que emergiram da fala dos jovens, bem como os momentos que nos afetaram, indicando o sentido da experiência da desistência de viver, e a experiência da relação amorosa tal como vivenciada por eles. O estudo evidenciou, dentre muitos aspectos, entre os adolescentes estudados, a presença de impulsividade com relação ao ato suicida; o fato de que estes jovens eram provenientes de famílias com perdas parentais ou separação dos pais. A tentativa de suicídio foi cometida pelos jovens através da ingestão de medicamentos; observamos também a expressão de culpa ou arrependimento após a tentativa de auto-extermínio. Em relação ao autoconceito desses jovens, observamos a presença de baixa auto-estima, atribuições negativas sobre si mesmos, visões distorcidas de si, o que nos permitiu refletir sobre a estreita relação entre o construto *self* e a tentativa de suicídio. Percebemos que fatores como o contexto familiar, a educação, os valores cultivados socialmente e os aspectos culturais de nossa sociedade influenciaram a maneira como os adolescentes de nossa pesquisa se percebiam. Os resultados confirmam a idéia de que devemos perceber a tentativa de suicídio como um fenômeno multideterminado. O estudo realizado favoreceu a reflexão acerca dos resultados, contribuindo, assim, para o desenvolvimento de ações preventivas, podendo se constituir em subsídios para programas e políticas de saúde pública.

Palavras-chave: Relação amorosa; Adolescência; Tentativa de Suicídio; pesquisa fenomenológica.

ABSTRACT

Suicide rates have been rising all over the world. In Rio Grande do Norte state, a study carried out by Dutra (1999) investigated suicide rates among youngsters and found that in 1997 alone 244 cases of suicide attempt were registered. The author took an interest in studying this phenomenon among adolescents after reviewing Dutra's study and the technical literature on suicide. In addition to that, another topic caught her attention and raised new research questions: suicide attempts motivated by love, i.e., the end of a relationship, the fantasy of being abandoned by a partner. These have made the author to question how love manifested itself among adolescents and how it could become a reason for adolescents to give up their lives. Based on the data she analyzed and the research questions she developed, her research objective was to understand how adolescents who have attempted suicide because of love-related reasons have gone through this experience. The theoretical reference for the research was the Client-centered Therapy and more specifically, the construct 'self', according to Carl Rogers. The methodological strategy was inspired by the existential-phenomenological strategy. It used the narrative as a research instrument, inspired by the work of Walter Benjamim (1994) which was developed into a research strategy by Schmidt (1990). Four youngsters (three male and one female) have participated in this study. They have attempted suicide for love-related reasons during adolescence, when they were 12 to 18 years old. The interviews were recorded on cassette tapes, transcribed and literalized into narratives. The understanding of the narratives was based on the meanings that emerged from the youngsters' speeches, as well as from the moments that touched the author. These moments highlighted the meaning of the experience of giving up life and the experience of love-based relationship as experienced by the youngsters. The study detected, among the adolescents who were interviewed, the existence of impulsiveness related to the suicide attempt. Also, the majority of the interviewees came from unstructured family backgrounds and had lost of one of their parents or had to face their parents divorce. The suicide was attempted by these youngsters through the ingestion of medicines. The research also revealed that the youngsters had regretted attempting suicide and felt guilty about it. With regards to their self-evaluation, the author observed that the youngsters had low self-esteem, negative perceptions about themselves and distorted views of themselves. These findings helped the author to reflect on the close relationship between the construct 'self' and the suicide attempt. She also observed that a few factors, i.e., family context, education, social and cultural values, have influenced the way the youngsters perceived themselves . The results of this research confirm the idea that we have to understand the suicide attempt as a multi-determined phenomenon. This study contributed to the analysis and reflection on the factors that contribute to suicide attempts thus providing a foundation for the development of public health programs and policies to deal with this topic.
Keywords: love, adolescence, suicide attempt, phenomenological research

Eu sei que ainda vou morrer de amor
Mas que ninguém venha chorar por mim
Pois muito mais do que se pensa ou diz
Há nesse mundo quem se acabe assim
Meu coração que nunca descansou
Vai me fazer um dia esse favor
E vai ser lindo o dia em que eu morrer
Mais uma vez o amor há de vencer
Pois eu ainda vou morrer de amor
Conheço aquele céu
Que só o amor nos traz
Conheço aquela dor
Do amor quando é demais
Já nada mais do amor
Me resta pra saber
Agora então de amor
Me falta só morrer

Vou morrer de amor –

Música de Luiz Carlos Paraná

1 Introdução

A tentativa de suicídio entre adolescentes é um dado presente em estatísticas nos estudos desse fenômeno. Estudiosos dedicaram espaços, em suas reflexões, a compreender tal ato destrutivo, especialmente quando ocorrido na juventude. Seria a tentativa de suicídio um pedido de ajuda? uma forma de chamar a atenção? um ato desesperado? um ato manipulador? Questionamentos dessa ordem estão sempre presentes nos estudos que visam compreender a tentativa de suicídio na adolescência.

As estatísticas mundiais têm revelado o crescente número de suicídios entre adolescentes. Muito se tem pensado a respeito da ocorrência desse fenômeno nessa etapa do desenvolvimento, marcada por mudanças corporais, pela formação de identidade, por importantes escolhas de vida, entre outras características. Mas o que estaria levando adolescentes de todo o mundo a questionar a importância de permanecerem vivos?

Estudar a tentativa de suicídio traz à tona também um questionamento filosófico principal: se a vida vale a pena ou não ser vivida. Pois se sabe que são muitos os sentimentos revelados na vivência da tentativa de suicídio. Quantos de nós não sentimos o impacto dessa questão ao ouvirmos falar sobre a ocorrência de um suicídio? Sentimentos como perplexidade, inquietação, indignação, ou até mesmo a negação de todos esses conteúdos pode estar presente, revelando o tabu que ainda cerca essa temática. E a tentativa de suicídio de um adolescente traz ainda outros questionamentos, por se tratar da interrupção precoce de uma vida.

O suicídio é um fenômeno presente em todas as civilizações, adquirindo, assim, diferentes significados, de acordo com cada cultura. Em algumas sociedades, como observou Bahls e Palhares (2003), especialmente nas primitivas, a religião impunha o suicídio como parte da vida; e, em outras, eram cometidos suicídios em massa para se fugir da violência de outras civilizações. Esses autores apontaram para a existência de diferentes percepções sobre a forma de lidar com o suicídio nas sociedades orientais e ocidentais. Para as primeiras, matar-se seria um ato de honra, ao passo que, para as últimas, o suicídio e a morte seriam assuntos negados, o que se poderia considerar como um reflexo do individualismo presente nessas culturas, fazendo com que as pessoas não se envolvessem afetivamente e, assim, não viessem a sofrer com a morte do outro.

O que dizer, então, da tentativa de suicídio de um adolescente por motivos amorosos? O outro amado seria capaz de motivar o fato de o adolescente desistir de viver? Isso nos faz pensar acerca da forma como o amor se expressa entre os adolescentes, podendo tornar-se um motivo ou razão para que se desista de viver.

Participando de uma pesquisa realizada no curso de graduação[1], a qual tinha o objetivo de estudar o alto índice de suicídios entre agricultores de nosso estado, ao entrevistarmos jovens residentes em alguns municípios do Rio Grande do Norte, deparamos com um interessante fato: alguns dos entrevistados já haviam pensado em suicídio por questões amorosas: pelo fim de um relacionamento amoroso ou pela não-concretização do relacionamento. Desde então, nosso interesse em compreender esse fenômeno, enfatizado por algumas ocorrências em nossa cidade, despertaram a curiosidade para a investigação

---

[1] Dutra, E. (2003) Aspectos existenciais e psicossociais do suicídio de agricultores no Rio Grande do Norte. Relatório de Pesquisa apresentado ao Cnpq.

mais profunda desse tipo de suicídio. Esse interesse foi sendo ampliado à medida que a revisão da literatura nos ia revelando dados que reforçavam que o suicídio e, conseqüentemente, a tentativa de suicídio são temas presentes em nossa sociedade. Além disso, os índices de suicídio têm crescido ano a ano − como mostram pesquisas como a de Bejarano (1999) −, apesar da dificuldade encontrada para se registrarem tais ocorrências; em função do tabu com que essa temática ainda é tratada em nossa sociedade.

Apesar de estarmos mencionando a questão amorosa relacionada à tentativa de suicídio, sabemos que essa explicação não contempla sozinha a complexidade da compreensão do suicídio, tendo em vista que muitas vezes a causa "atribuída" à tentativa ou à ideação suicida é apenas o que se denomina popularmente como "gota d'água", ou seja, o fator preponderante para a consumação do ato. Estamos certas de que a tentativa de suicídio deve ser compreendida a partir da história de vida do indivíduo, de seu contexto de vida e da cultura em que está inserido, e não apenas por meio de um único aspecto da sua existência, como bem refletem os suicidologistas.

Com base nesse entendimento, neste trabalho procuramos a compreensão da tentativa de suicídio atribuída à questões amorosas na adolescência. A escolha por essa temática se deu fundamentalmente como foi dito anteriormente, pela constatação de que o suicídio e as tentativas de suicídio nessa fase da vida cresceram significativamente nos últimos anos e pelo fato de a questão amorosa ter sido apontada, por muitos adolescentes, como um motivo responsável pela tentativa de morte, como mostram alguns estudos de Dias (1991), Cassorla (1991), entre outros autores.

Ao mesmo tempo, tentar definir o que estamos chamando de adolescência se faz relevante para que compreendamos um pouco as características dessa faixa etária. Elucidar

alguns aspectos dessa etapa do desenvolvimento humano nos possibilita romper com preconceitos e estereótipos atribuídos aos adolescentes, tão comuns em nossa cultura.

Palácios (1995) realiza uma importante reflexão quando sugere que a adolescência pode expressar-se, para alguns, como uma época de dificuldades especiais e de ajustes dolorosos; para outros, poderia ser considerada como mais uma etapa de transição que ocorre na vida. Para esse autor, é melhor falar de adolescentes do que de adolescência, e qualquer fenômeno a ser avaliado deve levar em conta a perspectiva da história evolutiva do sujeito e suas características no conjunto de sua vida. Vale ressaltar que, quando nos referimos à adolescência neste trabalho, não a estamos considerando como um fenômeno universal, que se apresenta da mesma forma em qualquer cultura ou lugar; ao invés disso, estamos sugerindo que essa etapa do desenvolvimento se apresenta de forma singular em cada indivíduo, estando relacionada à maneira como o sujeito existe no mundo e como se relaciona com os fatos nele ocorridos.

Quando se estuda a adolescência, muitos são os fatores que estão envolvidos nessa temática. Idéias como relacionamento familiar, atividade escolar, comportamento social, entre outras, sempre estarão presentes e correlacionadas a essa fase do desenvolvimento humano e há, inclusive, muitas pesquisas realizadas sobre esses aspectos.

Em um estudo que desenvolveram Souza, Minayo, Malaquias (2002) verificaram, que, de 1979 a 1998, em Belém, Fortaleza, Natal, Recife, Salvador, Belo Horizonte, Vitória, Rio de Janeiro, São Paulo (capital), Curitiba e Porto Alegre, houve um aumento de 42,8% do número de suicídios entre jovens de 15 a 24 anos. Natal teve seu maior índice no ano de 1995, em que foram encontrados cinco casos para cada 100.000 habitantes. Outro dado verificado pelas autoras é que, nas áreas urbanas do Brasil, o suicídio é a sexta causa

mais freqüente de morte entre jovens. No Rio Grande do Norte, em pesquisa realizada por Dutra (1997), entre os anos de 1985 e 1996 ocorreram 567 casos de suicídio, dentre os quais 152 eram de jovens com idade compreendida entre 10 e 24 anos, representando 26,8% das taxas obtidas no período estudado. No índice de suicídio apontado entre os jovens de nosso estado, percebemos um aumento de mais de 600% de suicídio de jovens, tendo em vista que, em 1985, foram registrados apenas três casos nessa faixa etária, enquanto no ano de 1996 registraram-se 29 casos de auto-extermínio entre jovens da referida faixa etária, representando um aumento bastante significativo.

Dutra (1999), em estudo que verificava o índice de tentativa de suicídio entre jovens do RN no ano de 1997, constatou que houve 244 casos de tentativa de suicídio no RN, dos quais 62,3% eram de mulheres e 35,7% de homens, e que 82% da amostra pesquisada era composta por pessoas solteiras. Um dado importante para nosso estudo é que 40,9% das tentativas de suicídio em nosso estado foram cometidas por jovens com idade compreendida entre 17 e 23 anos, o que corrobora levantamentos literários de que os jovens apresentam uma grande incidência de ideação suicida, ratificando ainda mais a importância deste estudo.

Chang (2003), ao estudar 48 casos de tentativa de suicídio registrados no Instituto de Saúde da Criança de Lima, no Peru, no período de 1996 a 1999, verificou que 88% da amostra obtida eram de mulheres, enquanto 12% eram de homens, além do fato de que 69% das tentativas ocorridas eram de jovens entre 14 e 17 anos de idade.

Outro ponto que nos chama a atenção em relação às taxas do suicídio e de tentativa de suicídio no Brasil e em nosso estado é o fato de que os dados revelados em estudos epidemiológicos não correspondem à realidade desse fenômeno, estimando-se que

os números reais seriam três a cinco vezes mais altos que os registrados, como asseguram estudiosos da área. Sendo assim, as estatísticas anteriormente apontadas podem ser, na realidade, bem maiores do que no presente momento.

Os motivos apontados pelos jovens, assim como por qualquer ser humano, para a desistência de viver, podem ser os mais diversos possíveis. Razões como desemprego, problemas familiares, dificuldades financeiras, morte de um ente querido, etc são encontrados em bilhetes e cartas suicidas, como fatores "desencadeadores" da escolha por não mais viver. Entre os jovens, como visto em Dias (1991), a questão amorosa, representada pela perda ou separação do outro amado é um desses motivos que impulsionam a tentativa ou o suicídio exitoso. No entanto, outros autores, como Dutra (2000) e Mustelier (2005), também refletiram sobre a tentativa de desistir de viver motivada por questões amorosas, como o fim de um relacionamento amoroso, o desprezo do ser amado, ou até mesmo a ameaça de abandono por parte deste.

Desse modo, para entendermos a tentativa de suicídio de adolescente por motivos amorosos é importante levar em conta a idéia de que o comportamento afetivo dos adolescentes tem peculiaridades que merecem ser destacadas, pois são representativas da faixa etária deles, as quais estão expressas no ficar, no ato da paquera e no próprio namoro.

A partir das idéias de Erikson (1987) e de outros estudiosos da adolescência, é possível sugerir que o adolescente, na relação amorosa, seja "ficando" com outro parceiro, seja até mesmo buscando um amor, tenta reconhecer-se no outro enquanto existente, procura no outro a resposta para a busca de si mesmo, para o seu sentido de vida. Weingatner, John, Bonamigo e Goidanich (1995), ao desenvolverem pesquisa sobre o ficar e o namorar entre os adolescentes, perceberam que tanto o ficar como o namorar são

considerados pelos adolescentes como formas de relacionamento afetivo que permitem a aproximação e o contato entre jovens que se interessam um pelo outro. Entretanto, elas apontam que o ficar, diferentemente do namoro, tem como característica o fato de ser apenas um comportamento exploratório, permitindo a troca de parceiros e, conseqüentemente, maiores oportunidades de experimentação em diferentes situações e com diferentes pessoas. Quanto ao namoro, segundo as autoras, possui uma continuidade e permite maior intimidade que o ficar, favorecendo um maior conhecimento do(a) namorado(a), em face da maior convivência. Um importante aspecto apontado por essas autoras é que o fundamento exploratório do ficar se relaciona diretamente à necessidade de experimentação dos adolescentes, em função da busca da formação de sua identidade.

Tais idéias acerca do comportamento afetivo dos adolescentes e a busca da formação da identidade como um marco dessa faixa etária sugerem a necessidade de esclarecer tal conceito, visando entendermos a busca dos adolescentes pela descoberta de si mesmos, ao tentar encontrar o seu verdadeiro eu, aqui situada no contexto da relação amorosa. Há várias concepções de "identidade" em psicologia, assim como do processo de formação da identidade. Teóricos como Erikson (1987), Lepre (2006), Ciampa (1977) entre outros, trataram desse tema. No entanto a nossa escolha teórica para compreender a formação do autoconceito do adolescente seguirá um caminho a mais. Para lançar luz sobre o desenvolvimento e a formação do autoconceito do adolescente, estaremos dialogando com Carl Rogers e a noção de *self*, a qual constitui o núcleo teórico da sua teoria de personalidade. Adotamos essa noção, o *self*, por entendermos que tal construto nos possibilita uma compreensão da relação do jovem consigo mesmo e com o mundo. A escolha desse referencial teórico foi motivada principalmente pelo fato de que a *abordagem*

centrada na pessoa esteve presente em toda a nossa atuação profissional como psicóloga, traduzindo, assim, a visão de homem que norteia esta pesquisa.

Rogers (1975, p. 484) falando sobre o *self*, menciona

> O quadro organizado que existe na consciência como figura ou como fundo do self, e do self em relação, juntamente com os valores positivos ou negativos associados a essas qualidades e relações tais como foram captadas como existindo no passado, no presente ou no futuro.

Segundo esse autor (1975), o *self* seria formado pela percepção das características e capacidades próprias, pelos conteúdos perceptivos e os conceitos que o sujeito tem de si em relação aos outros e ao ambiente e também pelos valores apreendidos nas relações com as experiências e com os objetos, os objetivos e ideais que são captados como positivos ou como negativos. É "um modelo conceitual, organizado, fluido, mas consistente de percepções, de características e relações do eu ou de mim, juntamente com valores ligados a esses conceitos" (Rogers, 1975, p.481). Assim, o autoconceito, seria a maneira como o indivíduo se percebe, as características e atributos que ele relaciona a si mesmo, a imagem que possui de si e a maneira como se percebe no mundo.

Rogers (1975) entende que o *self* tem um importante papel na regulação do comportamento, no sentido de que a percepção que a pessoa possui de si mesma é essencial na determinação do comportamento, visto que ele é percebido como intencional, configurando-se como uma resposta à realidade, tal como ela é apreendida. Com isto, o *self* é como se fosse o quadro de referência interno do indivíduo.

Dessa forma, falar em adolescência e em adolescente que busca na relação amorosa o reconhecimento da pessoa que é no mundo é falar sobre a maneira como esse jovem se percebe, sobre o conceito que ele possui de si mesmo, pois tal autopercepção seria

determinante para a maneira como ele está se colocando na relação amorosa, e principalmente, na sua relação com o mundo.

Um aspecto a ser considerado no presente trabalho diz respeito ao que estamos denominando como *(des)amor* (no título deste estudo). A escolha desse termo sugere o entendimento da tentativa de suicídio como uma desesperança do adolescente diante dos seus projetos de vida. Sendo assim, utilizarmos o termo *(des)amor* ressalta uma aproximação com o sentimento que percebemos estar presente na vivência do adolescente: uma falta de amor a si, a seus projetos de vida e ao mundo que o cerca.

Este trabalho é uma forma de pensar sobre a experiência de ser adolescente nos dias atuais, sobre a experiência de amar na adolescência e, fundamentalmente, de refletir acerca de sua finitude, revelada na tentativa de abrir mão da própria vida. Desse modo, o nosso objetivo consiste em compreender como adolescentes que tentaram suicídio por questões amorosas vivenciaram essa experiência. Para tanto, pretendemos adotar como estratégia metodológica a perspectiva fenomenológica-existencial, utilizando como instrumento a narrativa, inspirada em Walter Benjamim (1994) e desenvolvida como forma de pesquisa por Schmidt (1990). Tal escolha foi motivada pelo fato de que esse instrumento nos possibilita a expressão do mundo vivido, através do ato de narrar, de contar a própria história, nesse caso a história de ter tentado desistir de viver. A metodologia será melhor detalhada no capítulo concernente a esse tópico.

1.1 Justificativa

Como vimos ao longo desta introdução e poderemos ver nos capítulos seguintes, o número de suicídios entre jovens está entre as cinco primeiras causas de morte da população adolescente do continente americano, como bem pontua Bejarano (1999). Em algumas localidades tem-se verificado um índice elevado de suicídios nessa população. Por exemplo: nos Estados Unidos, Canadá, Japão, Brasil, onde destacamos, neste trabalho, o Rio Grande do Norte. Tal fato torna relevante o desenvolvimento de estudos que investiguem o suicídio e as tentativas de auto-extermínio.

Tem que ser ressaltada, ainda, a importância da produção de trabalhos e de iniciativas que possam contribuir para a compreensão da adolescência; pois se sabe que esta, muitas vezes, é uma fase mal concebida por pais e educadores, em razão dos questionamentos e inquietações dos jovens e diante do estigma da "aborrescência" [2], como muitas vezes, é nomeada tal fase da vida.

Para nós, profissionais de psicologia engajados na promoção da saúde, estudar essa temática é estarmos interessados na saúde mental de nossa população, tendo em vista que o crescente índice de suicídio em todo o mundo chama a atenção para a qualidade de vida nos dias atuais.

Realizar tal reflexão é pensar acerca do olhar e do acolhimento que estamos oferecendo aos adolescentes que tentam suicídio, de modo a favorecer o desenvolvimento de ações assistenciais e preventivas visando a um melhor acolhimento a indivíduos que tentam desistir de viver.

---

[2] Termo utilizado em nossa sociedade para fazer referência às crises vivenciadas pelos adolescentes.

Além dos aspectos aqui lembrados, esperamos chamar a atenção para a ausência, nos currículos de cursos como o de Psicologia e os de outras áreas de saúde, de disciplinas ou módulos que venham a fomentar a discussão sobre a temática do suicídio. Entendemos que, se possibilitarmos a reflexão sobre tal questão na formação dos futuros profissionais que acolherão pessoas com tal queixa, estaremos estimulando a construção de uma postura que possa favorecer a prevenção do suicídio.

Pensar nessas questões é discutir também sobre a ausência de programas sociais, e até mesmo governamentais, que favoreçam a discussão do suicídio em nossa sociedade, pois, só assim, poderíamos estabelecer ações que visem reverter esse quadro crescente ou até mesmo pensar sobre ações preventivas ao suicídio.

Tendo introduzido tópicos principais do nosso estudo, nos capítulos que seguem, nos debruçaremos sobre os estudos relacionados à adolescência, ao suicídio e à tentativa de suicídio e sobre o referencial teórico que fundamenta este trabalho.

Com isso, convidamos os leitores agora a mergulhar conosco em escritos, linhas construídas a partir do encontro desta pesquisadora com autores que contribuíram para a construção de um conhecimento, de uma possibilidade de ver a realidade, de perceber um fenômeno. Convidamo-los a mergulhar em temas que inicialmente nos parecem apresentar dificuldade para serem articulados juntos, mas que fazem parte do existir humano, como as instâncias do amor à vida e da aspiração à morte. Convidamo-los a mergulhar no universo adolescente, a relembrarem sua juventude, a resgatarem esse momento de suas vidas e tentarem, junto a estas letras, palavras, sentenças, tecer uma tentativa de compreensão dos adolescentes que se aproximam da morte, pela perda de um amor na vida.

2. O *ser* adolescente: revisitando alguns estudos...

> *Então, um belo dia, a lagarta inicia a construção do seu casulo. Este ser que vivia em contato íntimo com a natureza e a vida exterior, se fecha dentro de uma "casca", dentro de si mesmo. E dá início à transformação que levará a um outro ser, mais livre, mais bonito (segundo algumas estéticas) e dotado de asas que lhe permitirão voar. Se a lagarta pensa e sente, também o seu pensamento e o seu sentimento se transformarão. Serão agora o pensar e o sentir de uma borboleta. Ela vai ter um outro corpo, outro astral, outro tipo de relação com o mundo* (Becker, 1997, p. 14).

Estudar a adolescência é antes de tudo, compreender em que consiste essa fase de vida. Encontramos definições diversas do que significa ser adolescente, o que mostra a complexidade e diversidade de idéias sobre tal etapa do desenvolvimento humano.

A multiplicidade de conceitos sobre a adolescência representa e reflete a maneira como lidamos com os jovens: ora tentamos entender cada processo do adolescer como algo único, ora tentamos estabelecer comparações e enquadrá-los em uma categoria geral.

Podemos falar em características físicas comuns aos adolescentes, mas, ainda assim, seria difícil definir quando e como precisamente tais aspectos manifestar-se-iam em cada um. E quanto aos aspectos emocionais? Estes, sim, tornam-se ainda mais difíceis de serem definidos de forma conclusiva. Cada adolescente é único e vive a adolescência de maneira singular. Para alguns, tal momento é conturbado, repleto de questionamentos, de mudanças físicas, de perda de referenciais bem como de adoção de novas referências no mundo. Para outros, é apenas uma etapa da vida, como qualquer outra, em que acontecem mudanças, pelas quais é importante passar. Alguns se rebelam, outros se aquietam. Alguns são politizados, outros completamente alheios a assuntos políticos e culturais. O que

queremos dizer com toda essa gama de possibilidades de ser é que a adolescência é uma construção única. E é a partir dessa concepção que percebemos o modo de ser adolescente.

No entanto, ao revisarmos a literatura sobre esse assunto, percebemos que nem sempre é desse modo que a adolescência é abordada.

Primeiramente, precisamos entender o que a literatura nos oferece como faixa etária que define a adolescência, muito embora saibamos que tal período está sendo sempre questionado pelo fato de, em algumas culturas, os jovens virem retardando sua saída de casa, permanecendo mais tempo dependentes dos pais, o que permitiria considerá-los ainda como adolescentes. Porém, para fins metodológicos, faz-se importante delimitarmos uma faixa etária para estudarmos tal fenômeno. Neste trabalho, adotamos a faixa etária proposta pelo Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA −, o qual considera como adolescente o jovem com idade compreendida entre doze e dezoito anos.

Em relação às definições atribuídas à adolescência, encontramos alguns autores que tendem a definir tal etapa do desenvolvimento humano como universal, como podemos perceber em definições como a da Organização Mundial de Saúde – OMS − (2002), em que a adolescência é vista como um processo fundamentalmente biológico, de vivências orgânicas, no qual se aceleram o desenvolvimento cognitivo e a estruturação da personalidade.

Erikson (1987) se situa entre os autores que tendem a universalizar a concepção de adolescência, entendida como uma fase em que não se é mais criança, mas ainda não se possui o status de adulto, sendo considerada como uma “moratória social”, ou seja, uma espera que a sociedade oferece a seus adolescentes enquanto se preparam para exercer papéis adultos. Para esse autor, “a adolescência não é uma doença, mas uma crise

normativa, isto é, uma fase normal de crescente conflito, caracterizada por uma aparente flutuação da robustez do ego, assim como por um alto potencial de crescimento".(1987, p. 163)

Já autores como Palácios (1995) e Aberastury (1990) tendem a imprimir uma marca cultural na definição de *adolescência*, tentando não generalizar a forma de ocorrência desse fenômeno.

Palácios (1995), em reflexão já expressa neste trabalho, tendo em vista que corresponde à visão adotada na compreensão da adolescência como fenômeno particular, ressalta que a adolescência que conhecemos no Ocidente é, até certo ponto, um produto do nosso século, pois o que entendemos acerca do ser adolescente é estar, dentre outras características, no sistema escolar, dependente dos pais, formando um grupo à parte. No entanto a adolescência possui outros significados em outras culturas. Ele diz que a adolescência é considerada por muitos como um período de turbulências, de mudanças dramáticas, de abundantes tensões e sofrimentos psicológicos. Na psicologia, comumente são apresentadas descrições que falam dessas tensões e dramas como elementos caracterizadores da adolescência, mas também encontramos outras correntes que enfatizam o caráter culturalmente determinante da forma como se vive esse período da vida humana.

Esse olhar que Palácios (1995) lança sobre a adolescência demonstra a peculiaridade com que esse tema deve ser tratado, pois ela se expressa de diferentes formas em diferentes culturas. Não podemos falar de uma adolescência geral, que se apresenta da mesma forma e ao mesmo tempo, em diversas culturas. O que existe são adolescentes, seres únicos, que realizam o seu adolescer de maneira individual, particular. Isso chama a atenção para o fato de que essa fase do desenvolvimento deve ser entendida como um

fenômeno psicossocial: deve ser compreendida a partir da história individual de cada sujeito e do contexto social e cultural em que ele está inserido.

Aberastury (1990) refere que a adolescência é uma etapa decisiva de desprendimento, constituindo-se em modificações psicológicas que nos dão a dimensão das "perdas" enfrentadas pelo adolescente no seu ato de adolescer. Essa autora aponta que "as modificações psicológicas que se produzem neste período, e que são o correlato de modificações corporais, levam a uma nova relação com os pais e com o mundo, o que só é possível se for elaborado lenta e dolorosamente o luto pelo corpo de criança, pela identidade infantil e pela relação dos pais da infância".(p. 24). A autora constatou que todas essas modificações corporais incontroláveis, somados aos imperativos do mundo externo, exigem do adolescente novas pautas de convivência, as quais são vividas inicialmente como uma invasão. Isso leva os adolescentes a reterem muitos ganhos infantis, mesmo que estes coexistam com o prazer e com o afã de ocupar o seu novo status. Levam-no a se refugiar no seu mundo íntimo, para se religar com seu passado e enfrentar o futuro. Essas mudanças, em que há perda de seu esquema corporal e de sua identidade de criança, remetem à busca de uma nova identidade, que vai se construindo nos planos consciente e inconsciente e na necessidade de incluir os genitais adultos no esquema corporal.

Essa reflexão de Aberastury (1990) nos faz pensar acerca das perdas que o jovem adolescente sofre em seu "rito de passagem". Não há apenas a perda de um corpo infantil com a puberdade, mas também há a perda do lugar de criança, tanto na família como na sociedade. A adolescência situa-se em um momento da vida do ser humano em que ele não é mais uma criança, mas também não é um completo adulto. Dele se espera que adote mais responsabilidades do que as que tinha quando era criança, mas, ao mesmo tempo, não lhe

são atribuídas responsabilidades referentes ao universo adulto. É neste contexto vivencial que o adolescente se constitui: nesse processo de formação de seu autoconceito, nessa busca de definição de quem é, do que deseja ser.

Para Aberastury (1990), toda adolescência, além de levar um selo individual, leva também um selo cultural, social e histórico, a partir do qual se manifesta. Para essa autora, o mundo atual nos exige, mais do que nunca, a busca do exercício da liberdade sem que se recorra à violência para cortá-la. Assim, o que é essencial, na adolescência, para a autora, é a necessidade de entrar no mundo do adulto, em que as modificações vividas pelo adoescente o impulsionam a um novo papel, que modifica sua posição frente ao mundo e que também o compromete em todos os planos da convivência.

Assim, vemos que a adolescência não é marcada só por mudanças físicas que destituem o jovem do seu corpo infantil, mas também por mudanças psicológicas, que acontecem paralelamente às mudanças físicas. Tais mudanças impulsionam o adolescente a buscar um novo lugar no mundo, e essa busca de ser faz com que tal fase do desenvolvimento seja, ao mesmo tempo, tão mal compreendida e considerada tão peculiar e particular, de modo que diferentes interpretações sejam atribuídas ao ser adolescente.

Concordamos com autores como Palácios (1995), cuja definição de adolescência foi explanada anteriormente, refletindo que ser adolescente e adolescer é vivenciar sensações e a descoberta de um novo mundo, um mundo no qual o adolescente luta para construir o seu autoconceito, afirmar-se como pessoa e ser reconhecido como tal.

Por outro lado, ao percorrermos os estudos sobre a adolescência, percebemos que os mais diversos autores a descrevem como possuindo como característica crucial a

formação da identidade. Assim, estaremos apresentando, a seguir, como alguns desses teóricos refletiram sobre essa temática.

2.1 A formação da identidade na adolescência: uma possibilidade de definição do eu?

Diversos estudiosos da adolescência a definem como uma etapa de grandes modificações: mudanças físicas, emocionais e cognitivas. Entre tais mudanças, muitos autores, se referem à construção da identidade como um marco característico dessa etapa. Mas será mesmo que podemos dizer que a identidade é formada nesse momento de vida? Ou ela seria construída no decorrer de toda a nossa vida?

Na língua portuguesa, no dicionário Michaelis (2000), a palavra *identidade* é definida como "qualidade daquilo que é idêntico. Paridade absoluta" (p. 319). Mas será que identidade seria uma igualdade a algo ao nosso redor, em nosso meio?

Ferreira, Farias e Silvares (2003) apontam que a construção da identidade pessoal é considerada a tarefa mais significativa da adolescência: ela marcaria a transformação do adolescente em um adulto produtivo e maduro.

Gallatin (1986), refletindo sobre alguns teóricos da adolescência, observa que Erikson diz que a adolescência seria um período crucial para a construção da identidade, visto que nesse período o indivíduo pode localizar o seu verdadeiro ego no tempo e no espaço, reconhecendo o passado singular que possuiu e visualizando um futuro pessoal para si próprio.

Entretanto, para Dutra (2000), seria impossível não reconhecer que a identidade do adolescente já vem sendo construída desde a infância, o que torna claro que a adolescência refletiria tanto o período anterior como as novas mudanças ocorridas nesse momento de vida.

Tiba (1986) considera que a identidade se estrutura através de identificações − a princípio, com os pais, professores e ídolos e, posteriormente, com o grupo a que o adolescente pertence, o qual se constitui num modelo de identificação. É nesse grupo que o adolescente divide e troca as suas experiências.

Lepre (2006) diz que a construção da identidade é social e acontece durante toda a vida dos indivíduos, ou em grande parte dela, pois, desde o nascimento, o homem inicia uma longa interação com o meio em que está inserido, a partir da qual construirá não só a sua identidade, mas também suas emoções, seus medos e sua personalidade.

Para Lindoso (2006), a construção da identidade diz respeito à apreensão e interpretação da realidade, uma vez que é um processo de representação simbólica, uma tentativa de compreensão de sua própria posição no mundo.

Ciampa proclama que "compreender a identidade é compreender a relação indivíduo-sociedade" (1977 p. 19). Assim, esse mesmo autor revela que, para compreendermos a formação da identidade no ser humano, precisamos entender o processo de interiorização, tendo em vista que interiorizamos aquilo que os outros nos atribuem tornando algo nosso. Podemos perceber aqui uma aproximação com o *self* em Rogers (1975) o qual é definido pela maneira como nos percebemos e pelos valores e conceitos que apreendemos na relação com os outros. Ciampa (1977) considera a formação da identidade como fruto do processo de interiorização dos valores atribuídos pelos outros a nós mesmos,

assim como também faz Rogers. Tal constatação é relevante para nosso estudo, visto que o conceito de *identidade* é um dos conceitos centrais de nossa reflexão.

Laurenti e Barros (2000) afirmaram que a identidade não é inata e pode ser compreendida de uma forma sócio-histórica de individualidade. O contexto social fornece as condições para os mais variados modos e alternativas de identidade. O termo *identidade* poderia ser utilizado para expressar uma singularidade construída na relação com outros homens.

Com esse breve olhar sobre alguns conceitos acerca da identidade e de sua formação, pudemos perceber as diversas maneiras de abordar essa mesma temática: com uma visão mais individual, interior ao indivíduo, ou com uma visão relacionada a aspectos sócio-históricos. Não pretendemos, neste trabalho, elucidar as diferentes formas de definir *identidade*, mas entendemos que perceber as diferentes maneiras de conceituá-la é relevante para vermos que não podemos generalizar o seu uso e seu sentido, crendo que estamos entendendo a definição de *identidade* da mesma maneira. Por isso optamos, aqui, por compreender a formação da identidade proposta por Erikson (1987), por ele ter sido um dos teóricos que melhor explanaram a formação de identidade na adolescência. Sendo assim, fazer referência a suas formulações teóricas é relevante para compreendermos o tema por nós estudado.

Erikson (1987) define *identidade* como "um sentimento subjetivo de uma envigorante uniformidade e continuidade".(p. 17) Para esse autor, a identidade não seria algo estático, ou imutável, mas sim uma continuidade. Além disso, o autor afirma que falar da noção de identidade é falar de um processo que ocorre no âmago do indivíduo, mas também no centro da cultura coletiva, ou seja, seria um processo que estabelece uma

identidade a partir destas duas identidades: a individual e coletiva. Tal reflexão é relevante, pois apresenta a construção da identidade a partir da interlocução de aspectos individuais do sujeito e de fatores culturais, sociais. Isso reflete, ainda, a concepção de que o sujeito não está dissociado do mundo em que vive; ele é afetado por fatores sociais e culturais do contexto em que está inserido.

Para esse autor, a formação da identidade

> emprega um processo que ocorre em todos os níveis do funcionamento mental, pelo qual o indivíduo se julga a si próprio à luz daquilo que percebe ser a maneira como os outros o julgam, em comparação com eles próprios e com uma tipologia que é significativa para eles; enquanto que ele julga a maneira que eles o julgam, à luz do modo com se percebe a si próprio em comparação com os demais e com os tipos que se tornaram importantes para ele. Este processo é felizmente (e necessariamente), em sua maior parte, inconsciente – exceto quando as condições internas e as circunstâncias externas se combinam para agravar uma dolorosa ou eufórica "consciência de identidade" (1987, p. 21).

Ainda mencionando a construção da identidade e principalmente o aspecto dinâmico dessa construção, o autor menciona que

> O processo descrito está sempre mudando e evoluindo; na melhor das hipóteses, é um processo de crescente diferenciação e torna-se ainda mais abrangente à medida que o indivíduo vai ganhando cada vez mais consciência de um círculo, em constante ampliação, de outros que são significativos para ele – desde a pessoa materna até a "humanidade". O processo "inicia-se" algures no primeiro "encontro" verdadeiro da mãe e do bebê com duas pessoas que podem tocar-se e reconhecer-se mutuamente, e só "termina" quando se dissipa o poder de afirmação mútua do homem. Entretanto, como foi sublinhado, o processo tem sua crise normativa na adolescência e é determinado, de múltiplas maneiras, pelo que ocorreu antes, e determina grande parte do que ocorrerá depois. (p.21)

Tal afirmação nos alerta para o fato de que o processo de formação de identidade, para Erikson (1987) se inicia ainda na infância, a partir das relações que a criança

estabelece com a mãe e com o mundo. Para tratar desse aspecto da adolescência com maior profundidade, o autor pontua que, nessa fase, o adolescente passa a recapitular o que já aconteceu na sua vida bem como se prepara para o que ainda o aguarda no futuro. De certa forma, é na adolescência que o jovem efetua escolhas profissionais, escolhe um grupo de amigos com quem se identifique, pessoas com quem deseja se relacionar, e todos esses comportamentos favorecem a sua volta para si mesmo, tentando descobrir quais são os seus reais interesses, desejos, sonhos e verdades; enfim, tentando entender quem ele realmente é. Portanto tal processo não se inicia e termina na adolescência, mas, como bem vimos, ele remonta aos mais tenros anos da vida e permanecerá em constante construção, na medida em que o sujeito vai estabelecendo novas e diversas relações com as pessoas, com os valores culturais, com o seu contexto de vida.

Sobre isso, Cassorla (1998) reconhece que é inegável que o adolescente é um indivíduo separado de seus pais e isso faz com que ele se encontre consigo mesmo, com as dificuldades e satisfações que essa busca determina. Nessa busca, muitas vezes os adolescentes procuram identificação com ídolos, grupos de amizade, cultura, valores, e nesse aspecto, segundo Erikson (1987), o potencial ideológico de uma sociedade que fala de maneira mais forte ao adolescente, que deseja ansiosamente ser reconhecido e aceito por seus pares, por seus professores, por aqueles que o rodeiam.

De fato, reconhecemos a importância de tal processo construtivo na adolescência: todos recordamos o nosso adolescer e lembramo-nos de nossos questionamentos, de como precisávamos sentir-nos aceitos e pertencer a algo: grupo de amigos, banda de música, equipe esportiva, etc. Em como desejávamos ser amados, admirados, compreendidos, em meio a tantas mudanças. De como nos sentíamos diante do corpo que mudava e nos fazia

relacionar-nos com o mundo de uma maneira diferente, ante as responsabilidades que nos eram impostas, dos direitos que ainda não possuíamos, dos medos e inseguranças, mas também da descoberta de paixões, do valor das amizades, do encontro por afinidades. Enfim, a adolescência é uma fase repleta de mudanças, mas também de maravilhosas descobertas. Em meio a tantos movimentos, o adolescente finda descobrindo e solidificando conceitos sobre sua identidade, passando a tomá-los como seus.

Por isso, tendo em vista o objetivo deste trabalho, é importante que continuemos a percorrer uma trajetória teórica visitando o que a literatura tem referido sobre outro aspecto característico da adolescência: o relacionamento amoroso entre os jovens − o ficar e o namorar.

3 O relacionamento amoroso entre adolescentes: o ficar e o namorar.

Sempre que lemos revistas direcionadas ao público adolescente, deparamos com um tema comum: o ficar e o namorar; ou seja, as formas de relacionamento amoroso dos jovens. Por volta dos anos 90, a mídia, os pais, os sistemas educacionais e toda a sociedade foram surpreendidos por um novo comportamento jovem em que era possível estar afetivamente ao lado de outro jovem, sem necessariamente tal envolvimento constituir um namoro. Surge o "ficar", termo que passou a ser utilizado, e continua a ser até hoje, para definir uma das modalidades de envolvimento amoroso entre os adolescentes. Também costumam apresentar este tema os veículos de comunicação atuais e da mesma forma, ele também está presente em pesquisas acadêmicas, enquetes, que discutem a questão do relacionamento amoroso entre os jovens.

Acreditamos que esse seja um fenômeno em constante modificação com o passar dos anos, e nisso se concentra a maior dificuldade para estudá-lo. Ao realizarmos uma pesquisa bibliográfica sobre o tema aqui citado, deparamos com pesquisas que remontam a datas de até 10 anos atrás. Isso, necessariamente, não invalida a riqueza desses estudos que buscaram compreender tal fenômeno; ao invés disso, retratam a dificuldade em acompanhar os possíveis desdobramentos das diferentes modalidades de relacionamento amoroso dos jovens de nossa sociedade nos dias atuais.

A despeito dessas observações, baseamo-nos em tais pesquisas para tentar compreender o fenômeno aqui relatado, de modo a podermos visualizar a forma como os adolescentes se relacionam com o amor e como se dá o envolvimento com o outro em suas vidas.

Weingatner, Bonamigo e Goidanich (1995), em pesquisa intitulada *O Ficar e o Namorar visto pelos adolescentes*, refletem sobre a forma do relacionamento amoroso entre os jovens. Para os referidos autores, o adolescente busca, nessa etapa, não só uma identidade sexual, mas também uma identidade psicológica e um posicionamento social. Sendo assim, a aquisição de uma identidade própria seria muito importante para permitir-lhe estabelecer uma relação de intimidade com os outros.

Nessa perspectiva, Erikson (1987) discute que o amor adolescente é uma tentativa para se chegar a uma definição da própria identidade mediante a projeção de uma imagem difusa da própria pessoa numa outra, imagem que é vista refletida e gradualmente aclarada. Para esse autor, quando amadurecido em sua capacidade física de procriação, o jovem humano ainda é incapaz de amar de maneira vinculatória, o que apenas duas pessoas com identidades razoavelmente formadas podem oferecer-se mutuamente, ou de cuidar das coisas de um modo suficientemente sistemático e atento para servir de esteio à parentalidade. Erikson (1987) aponta que, para estabelecer uma relação de intimidade com outro, o jovem tem que possuir uma auto-imagem firme e, conseqüentemente, uma identidade, pois sem conhecer suas próprias necessidades e vontades, uma pessoa não será capaz de admirar outra.

Aberastury (1990) discute o amor adolescente e ressalta que com a maturidade genital, há uma estimulação do jovem para relacionar-se com o outro sexo, definindo-se o papel de procriador. Assim, o adolescente inicia a busca do objeto de amor em seu mundo interno, concretizando-se com a descoberta do par, se for conseguido o desprendimento dos pais.

Para a referida autora, o tema do amor para o jovem também perpassa toda a sua concepção de adolescência, do desprendimento do seu papel de criança para a assunção de um novo papel, a ocupação de um novo lugar no mundo e de uma nova forma de se relacionar com este.

Tais idéias nos levam a pensar que o amor não funde dois seres em um, não elimina a subjetividade do outro nem o faz adquirir o eu do ser amado. Através do outro, e desse amor ao outro, o amante se reconhece como sujeito, como ser existente, o que favorece o desenvolvimento de uma imagem, de uma identidade.

E quanto ao namoro e o ficar? Weingatner et al. (1995) verificaram que, entre os jovens que eles investigaram, o ficar seria um contato de curta duração e, muitas vezes, restrito a apenas uma noite. Em tal forma de relacionamento, não haveria exclusividade, ou seja, em uma mesma noite um jovem poderia ficar com mais de uma pessoa. Os sentimentos são considerados mais superficiais, sendo necessário apenas a atração física ou um interesse por uma pessoa para que o relacionamento seja estabelecido. Aqui se tem um envolvimento predominantemente corporal, que envolve o beijo, o abraço, o carinho, sendo acompanhados de conversas entre o par.

O namoro seria um contato mais prolongado − podendo durar de semanas a até mesmo anos −, no qual a exclusividade, diferentemente do "ficar", estaria mais presente. Além desses aspectos, os sentimentos envolvidos nessa forma de relacionar-se são mais profundos, sendo necessário que se "goste" da pessoa para que o namoro se concretize. Assim, ele é caracterizado por um maior contato entre os adolescentes, levando a um maior conhecimento do parceiro e de sua família, e gerando uma maior liberdade para os jovens conversarem e demonstrarem seus sentimentos um ao outro. No namoro, além de um

envolvimento corporal (como descrito sobre o ficar), existe uma tendência para se fazerem coisas, como ir ao cinema, viajar, etc junto com o parceiro A relação seria marcada também por amizade e companheirismo.

É importante destacarmos que, para Weingantner et al. (1995), o ficar pode vir a tornar-se namoro, e muitas vezes o namoro é precedido pelo ficar, que é entendido como "um período de experimentação para ver se o namoro pode dar certo" (p. 196). Dessa forma, a transformação do ficar em namorar ocorre por um aumento na duração do contato com o parceiro, pela continuidade no relacionamento, pelo estabelecimento de exclusividade na relação bem como de um compromisso, por um aprofundamento dos sentimentos e um aumento da intimidade no relacionamento.

Weingatner et al. (1995) ressaltam que tanto o ficar como o namorar são formas de relacionamento afetivo que proporcionam modos de aproximação e contato íntimo entre os adolescentes. O ficar é entendido por eles como "um comportamento exploratório, pois permite uma constante troca de parceiros, que possibilita mais oportunidades de experimentação em várias situações e com várias pessoas" (p. 201). Os autores relacionaram tal necessidade de experimentação com o aspecto apontado por Erikson e referido anteriormente neste tópico do nosso trabalho, que consiste na necessidade dos adolescentes de experimentarem várias possibilidades na busca de uma identidade. Sendo assim, o ficar seria importante para eles, pois responde às suas necessidades, tendo em vista que eles não estão prontos para assumirem relacionamentos mais íntimos, como o namoro, face ao fato de ainda não terem definido a sua identidade.

Tal pensamento mostra-se pertinente, pois os autores apontam que os adolescentes adotam o comportamento de ficar mais no início da adolescência, quando a experimentação

e a descoberta são essenciais. Para eles, “o namoro está freqüentemente presente nas projeções para o futuro, numa fase posterior, na qual o jovem sabe quem é e o que quer, tendo definido a sua identidade” (p. 202).

Rieth (1997) diz que o “ficante”, em suas primeiras experiências amorosas, descobre-se através do outro, do seu corpo, o que resulta numa nova maneira de sentir, de pensar e agir no mundo.

Rappaport (1996) afirma que, em alguns momentos, o adolescente pode passar a ter interesse e curiosidade em observar e tocar o corpo de um outro, o que funcionará como um espelho em que ele conhece o outro para se conhecer. Para a autora, a busca do amor entre jovens é determinada pela paixão, um sentimento arrebatador, intenso, incendiário e que torna o adolescente vulnerável e submetido a seus desejos, fantasias e aos caprichos daquele a quem ama. Muitas vezes, para Rappaport (1996), o objeto de amor dos jovens, na verdade, é uma criação da fantasia e do desejo do amante, amando um ideal construído a partir de suas vivências, daquilo que ele gosta e admira, ideal que ele identifica, inconscientemente, com a pessoa amada. Nesse sentido, a autora percebe que, quando o jovem ainda está desestruturado e confuso sobre si mesmo, essas relações costumam trazer mais angústia do que prazer. Para ela,

> O adolescente se vê confrontado com a exigência: seja “homem” ou “seja mulher” que parte dele próprio, da família e da sociedade. Das respostas possíveis, é importante que cada um se respeite, se “dê um tempo” para vivenciar seus sentimentos, experimente situações, relações, encontros e desencontros, para que se assuma “numa boa” e possa se tornar um adulto razoavelmente equilibrado (p. 49).

Em relação a outro aspecto, Arilha e Calazans (1998) dizem que o ficar ainda causa um certo impacto, por ter modificado a seqüência linear que englobava primeiramente um envolvimento afetivo, para em seqüência haver um envolvimento físico, e só assim haver um compromisso de casamento.

A partir dessas idéias, alguns questionamentos surgem em relação ao relacionamento característico dos adolescentes, especialmente − aqueles que, em função de algum desses tipos de relacionamento, pensam em desistir de viver. Poderíamos pensar se os jovens que tentam suicídio por motivos amorosos[3], ao fim de um relacionamento, sentiriam alguma insatisfação, uma não-realização de si mesmos e de seus projetos, um não-reconhecimento de si enquanto ser existente, o qual poderia ser propiciado pelo amor ao outro? Seria o relacionamento amoroso o espaço em que o jovem se encontraria, se reconheceria, se afirmaria, ocupando um lugar no mundo? Poderíamos pensar que, no momento em que ele não mais possuísse esse amor, estaria entregue à solidão, ao sentimento de abandono e que sua solidão somente cessaria no momento da morte? Assim, será que o jovem, visando aliviar o seu sofrimento, refugiar-se-ia de sua angústia em atitudes que visassem a tal objetivo? Tais questionamentos mobilizam essa pesquisa.

Portanto pensamos que a tentativa de suicídio pode ser uma alternativa para o ser humano visando aliviar um sofrimento sentido como insuportável. Veremos adiante o que os autores e estudiosos dessa temática pensam a respeito das tentativas de suicídio.

---

[3] Lembramos aqui que o que estamos chamando de motivos amorosos podem ser: o rompimento de um relacionamento amoroso, ou até mesmo um amor platônico, um amor que o adolescente sente por outro (a) e não é correspondido(a).

4 Suicídio e tentativa de suicídio − a vida por uma escolha

O suicídio sempre esteve presente na história das civilizações. Certamente muitos de nós nos lembramos de casos de suicídio que ocorreram próximos a nós, ou escutamos em algum momento de nossas vidas alguém que tenha tentado matar-se. Entretanto, mesmo com essa evidente realidade, esse tema ainda é um tabu, sendo ignorado e, muitas vezes, negado pela nossa sociedade. Tal negação representa um certo reflexo da construção histórica da concepção do suicídio no Ocidente, visto que, ao se realizar um passeio histórico pelos estudos sobre esse fenômeno, fica evidente a dificuldade em se lidar com esse ato.

Podemos perceber tal evidência a partir dos estudos de Silva (1992), ao rever a historicidade do suicídio presente na literatura. Esse autor comenta que, já na Grécia antiga, o indivíduo, para se suicidar, deveria ter um prévio consentimento da comunidade em que vivia, tendo em vista que o suicídio simbolizava um atentado contra a estrutura comunitária existente. O Estado tinha, então, o poder de evitar, induzir ou autorizar um suicídio. Em outras culturas ocidentais, o ancião tinha como dever matar-se para preservar a solidez do grupo, que se via ameaçado pela debilidade do espírito que habitava tal corpo. Segundo Kalina e Kovadloff (1983, p. 50), "havia uma franca indução comunitária ao suicídio, religiosamente estimulada e normativamente legitimada".

Silva (1992) observa ainda que no Egito havia uma certa valorização do suicídio, tendo em vista que lá havia a Academia de Sinapostumenos, palavra que em grego, significa "matar juntos". Em Roma e Atenas, ocorreram reações diferentes ao suicídio: o senhor que se matava tinha sua morte plenamente legitimada, ao passo que o escravo que se

suicidava era condenado por seu ato. A mesma autora observa que, no século V, Santo Agostinho e o Concílio de Arles (425 d. c) condenavam o suicídio. No "Decret de Gratien", um compêndio de direito canônico do século XIII, condenam-se todas as formas de suicídio. Já na Europa cristã, matar-se seria atentar contra a propriedade de Deus, o único que poderia ser responsável por tirar a vida de alguém. Assim, os suicidas não tinham direito aos rituais religiosos, seus herdeiros não tinham direito aos bens, e o cadáver era castigado publicamente, podendo, inclusive, ser exposto nu ou queimado.

Esse breve retrospecto histórico nos permite visualizar a concepção do suicídio nas sociedades ocidentais e o modo como tal concepção foi influenciada pelo desenvolvimento histórico e social desse fenômeno ao longo das civilizações.

Cassorla (1984, p. 9) lembra que "o suicídio significa, traduzindo-se a palavra: morte de si mesmo." Já Durkheim (1992) define-o como

> ... todo o caso de morte que resulta directa ou indirectamente de um acto positivo ou negativo praticado pela própria vítima, acto que a vítima sabia dever produzir este resultado. A tentativa de suicídio é o acto assim definido, mas interrompido antes que a morte daí tenha resultado (p.10).

Dias (1991) entende como suicídio "a agressão deliberada que o indivíduo exerce contra si próprio com a finalidade de pôr um fim à sua vida" (p. 90).

Cassorla (1998) diz que hoje sabemos que o suicídio é a *ponta do iceberg* de uma série de comportamentos e fantasias, especialmente pelo fato de que os seres humanos ignoram o que é a morte e criam fantasias sobre ela. Segundo esse autor, observações em prática clínica mostram que o suicida não quer morrer; ele deseja fugir de um sofrimento insuportável, sendo a morte algo casual.

Cassorla (1984) aponta, ainda, que as pessoas podem matar-se ou procurar a morte de uma forma consciente ou inconsciente, devido ao fato de que existem em todos nós instintos de vida, que levam ao crescimento, ao desenvolvimento, etc; e instintos de morte, que lutam para fazer os organismos vivos voltarem a um estado de inércia.

Ainda segundo Cassorla (1991), é importante destacar que não existe uma causa para o suicídio, e sim uma série de fatores na biografia do indivíduo, envolvendo tanto aspectos constitucionais como ambientais, culturais, biológicos, fisiológicos, psicológicos, dentre outros, numa seqüência progressiva. O que se apresenta como "causa' é o elo final, a "gota d'água" dessa cadeia.

Assim como Cassorla, Dias (1991) também acredita que o suicídio é multideterminado por fatores que somente podem ser apreendidos a partir da focalização do indivíduo inserido no grupo social ao qual pertence e estabelecendo-se um intercâmbio de informações.

Sobre esse aspecto, Dutra (2002) também explana que "um ato suicida ou qualquer outro comportamento destrutivo, assim como o próprio viver, não estão dissociados do mundo em que vivemos" (p. 72).

Silva (1992) compreende que o suicídio deve ser visto como um processo em si mesmo, que não termina com a morte, pois o suicídio é um gesto de comunicação: o indivíduo se mata para se relacionar com os outros, e não para ficar sozinho. Para essa autora, a morte é encarada pelo suicida como a única maneira que ele encontrou para restabelecer o elo de comunicação com os outros. Assim, como afirma Sabino (1986, p. 144), "o suicídio é um ato de publicidade: publicidade do desespero".

Com isso, podemos perceber o cuidado que devemos ter ao tentar compreender o suicídio, pois este não provém apenas de uma causa, não tem só uma justificativa; ele só pode ser entendido a partir da história do indivíduo, da dinâmica de suas relações, da forma como ele se insere no mundo, do indivíduo como um todo.

Cassorla (1991) assinala que o suicida, ao mesmo tempo, quer viver e morrer, face ao fato de estar sempre em conflito, apresentando, muitas vezes, fantasias de encontrar uma nova vida, de fusão com objetos perdidos, de encontrar-se com Deus, dentre muitas outras. Tal compreensão é de grande importância, pois nos permite situar o suicídio, esse fenômeno crescente e expressivo em nossa sociedade. No entanto o nosso estudo focaliza a tentativa de suicídio, o que torna relevante que tentemos expor o que a literatura considera acerca desse comportamento autodestrutivo, especialmente quando acontece entre adolescentes.

4.1 Tentativa de suicídio entre adolescentes: um modo de ser...

É interessante iniciarmos este tópico sugerindo o entendimento da tentativa de suicídio entre adolescentes como um modo de ser. O que estamos chamando de um modo de ser, pode ser considerado como uma forma de expressão do jovem, uma maneira de este comunicar-se com o mundo que o cerca, uma forma de pedir ajuda, uma possibilidade de se expressar no mundo em que vive.

Mas é de grande relevância para este estudo a diferenciação entre a tentativa de suicídio e o suicídio propriamente dito. Reservar um momento para explanar sobre a

tentativa de suicídio significa dizer que ela possui peculiaridades que a diferenciam do suicídio exitoso.

Cassorla (1991) refere que, do ponto de vista epidemiológico e psicodinâmico, as tentativas de suicídio se diferenciam dos suicídios em si, tendo em vista que nas tentativas os sujeitos são mais jovens e são preferencialmente mulheres. Martins (1990) também verifica que a tentativa de suicídio acontece predominantemente em mulheres e entre jovens.

Dutra (1999) em estudo que investigava o índice de tentativa de suicídio entre jovens do Rio Grande do Norte no ano de 1997, constatou que, nesse ano, houve 244 casos de tentativa de suicídio no estado e que, entre estes, 62,3% das tentativas foram feitas por mulheres e 35,7% por homens, além de que 82% da amostra pesquisada era composta por pessoas solteiras. Um dado importante para nosso estudo é que 40,9% dessas tentativas de suicídio foram cometidas por jovens com idade compreendida entre 17 e 23 anos, o que corrobora estudos realizados no Brasil, os quais revelam que os jovens apresentam uma grande incidência de ideação suicida, ratificando ainda mais a importância deste estudo.

Chang (2003), ao estudar 48 casos de tentativa de suicídio registrados no Instituto de Saúde da Criança de Lima, no Peru, no período de 1996 a 1999, verificou que 88% da amostra obtida eram mulheres, enquanto 12% eram homens, além do fato de que 69% das tentativas ocorridas eram de jovens entre 14 e 17 anos de idade.

Entretanto autores como Andrews e Lewinson (1992) comentam que, apesar de algumas pesquisas apontarem para o fato de que as mulheres tentam mais que os homens suicidar-se, não foram encontradas, em seus estudos, significativas diferenças entre homens e mulheres com relação aos dados sobre a tentativa de suicídio. Assim, percebemos que,

apesar de as referências estatísticas estarem nos mostrando que as mulheres tentam matar-se mais que os homens, isso não exclui que tal fenômeno também aconteça no gênero masculino, merecendo, portanto, serem estudados juntamente os casos referentes ao sexo masculino e ao feminino. Tal olhar possibilitaria, inclusive, verificar se há diferenças entre gêneros, na escolha por desistir de viver.

Cassorla (1991), refletindo sobre a desistência de viver, destaca que quem pensa em suicídio, ou fala em suicídio, o faz porque está sofrendo, o faz pedindo ajuda. E isso nos leva a refletir que o indivíduo que traz à tona, em pensamentos ou palavras, o desejo de não mais viver, o faz por estar sentindo e vivenciando um grande sofrimento, que beira o insuportável, de modo que a sua própria morte é vista como "solução" para sua dor, uma dor psíquica, que não pode ser medida, mas que é sentida no existir humano. Em relação a essa reflexão, Dutra (2002) aponta que aquele que realiza um ato extremo como o suicídio o faz por estar vivenciando um momento de desarmonia existencial, em que se percebe a perda de referenciais, o que se transforma em uma grande desesperança em relação à vida.

Martins (1990) aponta que o gesto suicida deve ser compreendido como uma resposta estratégica a uma situação. Já Souza et al (2002) diz que os jovens tendem a dar sinais de impulsos de morte antes de cometê-lo, por meio de sintomas como depressão, isolamento, dentre outros.

Para Jacobs (1998, p. 42), a tentativa de suicídio poderia ser definida como a ação potencial de automutilação, como a ação não-fatal que há evidência, explícita ou implícita, de intenção individual de matar a si mesmo.

Jacobs (1971) conclui que um jovem é capaz de atentar contra a própria vida quando se sente totalmente abandonado, efetivamente sem qualquer esperança de alcançar

um “relacionamento social significativo” . Em seu estudo, ele relacionou grupos de jovens que haviam tentado suicídio com um grupo-controle de “não-suicidas”, descobrindo que o grupo de jovens que havia tentado suicídio tinha sofrido comoções emocionais severas, como um romance desfeito, gravidez, morte de pessoa amada, dentre outras dificuldades.

Cassorla (1991) chama a atenção para uma peculiaridade que permeia as tentativas e ideações suicidas em mulheres adolescentes que muito interessa ao nosso estudo: muitas vezes, as tentativas de suicídio estão relacionadas a razões amorosas, afetivas. Cassorla (1991) percebeu que o ato suicida geralmente ocorre após uma desilusão em relação a uma pessoa significativa, como namorado ou figura parental, que ameaça abandonar à jovem ou que ela sente que irá abandoná-la. O propósito do ato parece ser uma chantagem, para agredir o objeto perdido, ou provocar-lhe culpa e obrigá-lo a voltar.

Para esse autor, os estudos de vínculos afetivos dessas jovens, em que a ruptura ou ameaça da ruptura do vínculo leva ao ato suicida, fornecem uma pista: a de que essa relação é de tal intensidade constituída que os limites do *self* se confundem, de modo que a pessoa não sabe mais onde começam e onde terminam os próprios desejos e fantasias e onde começam os do outro. Percebe-se, então, uma formação de relação simbiótica; assim, a perda do parceiro é sentida como perda de parte de si mesma, onde estavam projetados muitos aspectos idealizados.

Dutra (2000), discutindo acerca da tentativa de suicídio entre jovens, aponta que eles sempre identificam os motivos causadores de suas tentativas de pôr fim à própria vida, numa espécie de justificativa para tal ato. Alguns dos motivos indicados estão relacionados à família, ao namorado, ao marido, ou até mesmo a situações insatisfatórias de vida,

fazendo-nos perceber que esses fatores são indicativos de motivos que se referem à figura de outros no mundo.

Dias (1991) também realiza reflexões sobre o suicídio amoroso. Para essa autora, o indivíduo, muitas vezes, atribui a responsabilidade de seu ato ao outro parceiro ou, até mesmo, dedica a sua tentativa de auto-extermínio a esse outro ser. Essa autora considera que aquele que tenta suicídio em situação de abandono se mata ansiando matar o outro dentro de si mesmo. No caso de um amor impossível, o amante é visto como bom, sendo as dificuldades amorosas decorrentes de fatores externos, o que favorece uma idealização do outro. A autora aponta, em relação àqueles que se suicidam por amor, "uma tendência a simbiotizar, ou seja, viver misturado ao outro, sem conseguir diferenciar-se, como que numa barganha em que cada um dá um pouco, compondo uma pessoa só. Em caso de separação, ficar só novamente torna-se insuportável" (p. 155).

Mustelier (2005) destacou que, entre os fatores que precipitariam a tentativa de suicídio, estão a ruptura de um relacionamento amoroso, o fracasso escolar, o flagrante durante a prática de um delito, discussão com os pais, gravidez e instabilidade emocional.

Bouchard (2005) aponta que a perda de um ser amado é algo difícil de suportar, independentemente da idade. Entretanto, a autora verificou que os jovens suicidas parecem estar bastante envolvidos em seus relacionamentos amorosos, de modo que tal ruptura deixa profundas marcas. A dor que eles sentem é tão intensa que eles chegam a pensar que jamais se recuperariam dela, que esse sofrimento não teria fim. Desse modo, esses adolescentes tentariam suicidar-se como forma de livrar-se de tal sentimento. Essa reflexão traz à tona o seguinte questionamento: como os jovens e, de uma maneira geral, o ser humano, situam o amor e o ser amado em seu processo existencial? o que faz com que

esses indivíduos se mobilizem de tal maneira com a dor da perda de um amor e pela separação do ser amado?

Outro autor que também reflete sobre os significados do rompimento amoroso para o ser humano é Caruso (1989), o qual refere que a separação de um casal traz a vivência da morte na sua consciência, face ao desaparecimento do outro em si mesmo. Dessa forma, nas relações amorosas, os sujeitos depositam parte de si mesmos uns nos outros. Assim, na separação, há não só a destruição da imagem do outro no indivíduo, mas também a perda de si mesmo na consciência do outro.

Dutra (2002), refletindo acerca da tentativa de suicídio de jovens, observou, entre os que praticam esse ato, que havia, em cada um deles, uma necessidade de ser amado e de se sentir aceito, percebida no relato da falta de amor e na busca de um outro. Essa autora aponta também para uma impulsividade revelada nos relatos dos jovens por ela estudados, possivelmente relacionada a uma percepção de não ser amado por um outro, o que leva a autora a pensar numa história já marcada por rejeição e desamor, que emergem em um dado momento da vida, causando a revolta do indivíduo por não existir para o outro.

Assim, o que se percebe no caso do suicida, particularmente daquele que tentou o suicídio, é que ele apresenta uma incapacidade para elaborar o luto, o que o faz matar o outro concretamente em si próprio, mesmo que para isso ocorra a sua morte.

A contribuição de Cassorla (1991) e Dias (1991) é extremamente valiosa para a tarefa que nos propomos neste trabalho: entender a relação entre a tentativa de suicídio na adolescência e a vivência na experiência da relação amorosa. A idéia desses autores e de tantos outros nos levam a questionar o lugar do amor na dinâmica desses indivíduos. Será que a alusão à possibilidade de esses adolescentes estabelecerem relações simbióticas com

seus parceiros reforçaria, de certa forma, o pensamento popular de que, quando se ama, se é um só ser com o outro, se gosta das mesmas coisas e se pensa da mesma maneira? Será que, quando amamos, não estamos presentes enquanto pessoas, e não fundidos com a outra? Poderíamos supor que a perda sentida pelo adolescente, pela não-realização de um amor, é sentida como uma perda de si, do que ele é, o que levaria a pessoa a se lançar no mundo como um ser que depara com sua solidão e com o seu estar-no-mundo como ser único?

Entender as questões que associam o amor, ou o des(amor), à tentativa de suicídio é pensar nos sentidos que permeiam o existir humano, movimentos que impulsionam para a vida, para o desenvolvimento, mas também para a destruição e a autodestruição, especialmente levando-se em consideração o que afirma Dutra (2000):

> A tentativa de suicídio é mais freqüente do que pensa a maioria das pessoas, não só nos países chamados de primeiro mundo, mas também no Brasil. Contudo, o mais preocupante nesses resultados é a constatação de que são os jovens, em sua maioria as mulheres, aqueles que mais buscam a morte voluntária (p.22).

As contribuições dos autores citados para a compreensão da reflexão da relação amorosa e a tentativa de suicídio são essenciais, no sentido de nos levarem a refletir acerca do papel do amor no existir de cada indivíduo.

Além disso, podemos pensar na tentativa de suicídio, na escolha por não mais viver, como um (des)amor a si, uma falta de amor a seus projetos de vida, seus sonhos, uma falta de amor ao que se é, à própria vida vivida. Um amor que, na relação amorosa, se expressa num reconhecimento de si através do outro, no qual o jovem pode se perceber

como pessoa existente e um ser de potencialidades. Ao perder o outro, ou na ameaça de perda desse outro no qual ele se reconhece, o adolescente perde um pouco de si, do que é, e como foi dito anteriormente, é lançado na solidão que lhe é inerente, lançado num mundo em que é responsável pelo que é, pela sua vida e seu destino.

Inspirados nesta reflexão aqui apresentada e para entendermos a forma como esses jovens se percebem e como constituem a maneira como se relacionam com o mundo, com os outros e consigo mesmos, é importante conhecermos um aspecto da teoria da personalidade de Carl Rogers (1977). Esse autor aborda e propõe conceitos como o de *self*, o qual está diretamente relacionado à forma como os seres humanos e, conseqüentemente, os adolescentes, formam e estruturam o conceito de *si mesmo* em seu desenvolvimento no transcorrer de suas vidas. Entendemos que refletir com Rogers (1975) sobre tal conceito neste momento do trabalho nos possibilitará fomentar reflexões sobre a interlocução dos temas aqui discutidos. Possibilitará, ainda, um modo de compreensão sobre a forma como os adolescentes que pensam em se matar em razão do rompimento de uma relação amorosa se percebem no mundo e, conseqüentemente, em relação aos outros. Tal idéia se consolida na reflexão de que todos os seres humanos estão ou estarão passíveis de algum dia em suas vidas vivenciarem o rompimento ou a não-realização de um amor idealizado, entretanto, nem todos que vivenciam tal experiência pensam ou tentam matar-se.

O que faria, então, com que adolescentes que vivenciam uma situação como a descrita nestas linhas cogitem abrir mão de sua existência? Para nós, inicialmente, tal escolha estaria perpassada por toda uma concepção de si mesmo, ou seja, de um autoconceito que permearia a forma como o indivíduo se relaciona com o mundo e com as

pessoas que o rodeiam. Nas próximas linhas, tentaremos, com Rogers (1975) e os teóricos que, junto a ele, ajudaram a pensar a sua teoria, lançar luz sobre tal problemática.

5 A Noção de *self* em Carl Rogers: um conceito de *si mesmo*

Um aspecto importante a ser considerado quando falamos em adolescência e na temática que aqui nos propomos estudar é a compreensão do conceito de *self*. Dessa forma, como neste trabalho nos propomos estudar adolescentes que tentam suicidar-se, situando a questão amorosa em seu processo de existência, acreditamos ser de suma importância referirmo-nos à noção de *self*, contemplada na teoria de personalidade de Carl Rogers (1975).

Optamos por retratar a noção de *self* em Rogers (1975) por ela ter toda uma consonância com a nossa formação e prática profissionais, fundamentadas na *abordagem centrada na pessoa*.

A teoria de personalidade de Carl Rogers (1975) tem caráter fenomenológico e se baseia no conceito de "*si mesmo*" como construção explicativa, descrevendo como ponto final do desenvolvimento da personalidade uma congruência básica entre o campo fenomênico da experiência e a estrutura conceitual de "*si mesmo*", ou seja, do *self*, termo introduzido por esse autor em sua teoria em 1947. Para Rogers, esse desenvolvimento ser alcançado significaria que o indivíduo se teria livrado da tensão e da ansiedade, o que corresponderia ao grau máximo de uma adaptação orientada, de um funcionamento pleno. Rogers (2001, p. 219) menciona que esse funcionamento pleno se deve ao fato de que o organismo está consciente de si mesmo, permitindo que a consciência de si mesmo ocorra de maneira livre na e através da experiência.

Rogers (1977, p. 39) entende que "o ser humano tem capacidade, latente ou manifesta, de compreender-se a si mesmo e de resolver seus problemas de modo suficiente

para alcançar a satisfação e eficácia necessárias ao funcionamento adequado." Tal noção constitui-se na idéia-mestra de sua teoria, a qual lança um olhar positivo sobre o ser humano, percebendo-o como um ser com potencial para desenvolver as suas capacidades. A noção de *self* nessa dimensão existencial tem um papel primordial, visto que, para que essa idéia-mestra seja realizada plenamente, seria necessário que fosse oferecido ao ser humano um ambiente de relações humanas positivas e não ameaçadoras à noção que o sujeito possui de si mesmo, ou seja, o *self*.

Em tal definição percebemos que, quando o autor utiliza referências ao ambiente em que o sujeito está inserido e ao valor de tal circunstância positiva para que o sujeito realize plenamente suas capacidades, ele tenta não fincar sua concepção apenas em aspectos internos ao homem. Entretanto, como em todas as teorias, podemos perceber, na de Rogers, pontos de contribuição e limitações. E, possivelmente, esta seria uma das grandes limitações da teoria rogeriana, pois a percepção do ambiente promovida pelo autor ainda não daria conta da contextualização do homem em seu mundo social, contemplando as diversas implicações do ambiente na construção da subjetividade humana. Tal observação, no entanto, não inviabiliza o uso de seus constructos neste trabalho; ao contrário, eles nos permitem ter uma visão crítica e consciente do referencial teórico que adotamos. Como o próprio nome sugere - *abordagem centrada na pessoa* -, ela coloca a **pessoa** como centro de sua construção teórica e nos leva a refletir que esse autor propôs uma "abordagem" à compreensão do homem, e não um sistema teórico fechado e definitivo de conhecimento.

5.1 Uma sinfonia composta sobre o homem: a noção de s*elf*

A definição do termo "*self*" ou "*conceito de si mesmo*" é um constructo, uma elaboração eminentemente fenomenológica, em que o conceito de *si mesmo* ou o *si mesmo* como objeto percebido dentro do campo perceptual, é o conjunto de percepções ou imagens relativas a nós mesmos. É como se fosse uma configuração organizada das percepções que o indivíduo tem de si mesmo que são admissíveis à consciência − as percepções e conceitos que ele possui de si mesmo em relação aos demais e do meio. Para Rogers (1975), o *self* seria estruturado como resultado da interação com o ambiente e da interação valorativa com os outros. Seria "uma estrutura perceptual, isto é, um conjunto organizado e mutável de percepções relativas ao próprio indivíduo" (Rogers (1977), p. 44). Ou seja, ele consistiria numa "configuração experiencial composta de percepções relativas ao eu, as relações do eu com o outro, com o meio e com a vida, em geral, assim como os valores que o indivíduo atribui a estas diversas percepções" (Rogers, 1977, p. 165). Assim, percebemos que o *self* é um constructo dinâmico, tendo em vista que articula diversas instâncias da percepção do sujeito, as quais contribuem para a formação da noção do eu, tais como: a visão que ele possui de si mesmo, a forma como os outros o percebem, como ele se relaciona com a vida, etc. Tais observações nos permitem refletir que este não seria um constructo estático, ou seja, formado em um dado momento da vida do sujeito e não mais modificado. A riqueza dessa concepção está exatamente em ela ser mutável, em se modificar na medida em que o sujeito estabelece diferentes relações com o mundo, na medida em que o sujeito vivencia outras experiências, podendo, assim, modificar a percepção acerca de si mesmo.

Segundo Rezola (1975), uma das características desse *self* fenomênico é que ele é consciente, ou seja, só inclui experiências e percepções simbolizadas na consciência, ficando, assim, excluídas as experiências inconscientes. Uma outra característica é que ele é uma *gestalt* ou uma configuração organizada, a qual é regida pelas leis do campo perceptual. O caráter de totalidade organizada serve para explicar as grandes flutuações nos sentimentos ou atitudes do indivíduo para consigo mesmo.

Essas flutuações recebem uma explicação e um sentido: elas serão positivas quando forem uma organização sólida e estável, incluindo as experiências do sujeito – e portanto enriquecendo a visão que o sujeito possui de si mesmo- ou por estarem organizadas de uma forma defensiva. E serão negativas quando se rompe a organização, quando estão incongruentes com a imagem que o sujeito possui de si, fazendo com que a noção de si mesmo seja experimentada como inconsciente e pouco firme, de modo que as atitudes, para ele, mudariam. Isso fez Rogers refletir que não estava tratando com uma entidade de lento crescimento, de aprendizagem gradual, mas sim que se configurava numa *gestalt*, em que a mudança de um aspecto poderia alterar toda a configuração global.

Uma última característica do *self* é que ele contém principalmente percepções de si mesmo bem como valores e idéias que temos a respeito de nós mesmo e do mundo em que estamos inseridos.

Um aspecto importante a ser relatado é que, para Rogers, a construção do *self* se inicia ainda na infância, visto que "a criança, na medida em que entra em interação com o ambiente, vai formando gradualmente conceitos sobre si, sobre o ambiente, e sobre si em relação com o ambiente" (1975 p. 481). Tais apreciações (experiências sociais e valorações dos outros) que a criança recebe do mundo passam a fazer parte do seu campo perceptivo.

Com isso, na medida em que vão ocorrendo experiências na vida do indivíduo, estas podem, segundo Rogers (1975), ser simbolizadas e organizadas de modo a se relacionarem com o *self*, assim como podem ser ignoradas, por não se relacionarem ao autoconceito do sujeito, como também podem ser recusadas, não sendo simbolizadas pelo sujeito, ou até mesmo ser simbolizadas de forma distorcida, por serem vividas como incoerentes com a imagem que o sujeito possui de si mesmo. Um exemplo disso é o fato de que, se alguém se percebe como uma pessoa de aparência desagradável, jamais perceberá experiências que lhe indiquem que é uma pessoa bem apresentável, porque isso não é coerente com a imagem que ela possui de si mesma.

Sobre isso, Rogers (1975) menciona que,

> Os valores ligados à experiência e os valores que são uma parte da estrutura do self são, em alguns casos, valores experimentados diretamente pelo organismo[4], e noutros casos são valores introjetados ou pedidos dos outros, mas captados de uma forma distorcida, como se fossem experimentados diretamente. (p. 481)

Percebemos, assim, que o *self* se estrutura a partir da experiência do indivíduo. Portanto, caso o sujeito simbolize suas experiências de forma distorcida das experiências sensoriais, isso resultará em uma introjeção de valores e conceitos sobre o sujeito como se esses valores e conceitos fossem realmente experimentados. Como pudemos ver no exemplo acima, em que a pessoa introjeta valores que recebeu dos outros crendo que seriam os seus e passa a se relacionar dessa maneira com o mundo que a cerca, tendo uma visão distorcida do eu, o que o afastaria de sua real experiência. Sendo assim, o ser humano

[4] Para Rogers (1975), " o organismo é sempre um sistema total organizado em que a alteração de qualquer das partes provoca uma alteração nas outras partes" (p.71).

passaria a negar algumas experiências, ou até mesmo a distorcê-las, para preservar a estrutura do seu autoconceito.

Nesse caso, podemos perceber uma incongruência entre a experiência e a noção de *self* do sujeito, visto que o comportamento dele não mais se dirigiria para a satisfação de suas necessidades, mas sim para manter intacta a estrutura do *self*.

Dutra (2000) diz que a congruência é considerada por Rogers como uma comunicação interna, em que a experiência que é sentida, é simbolizada de maneira apropriada pela consciência. E diz, ainda, que negar ou distorcer experiências, como foi explanado anteriormente, seria agir de maneira inautêntica, assumindo valores e pensamentos dos outros, na crença de que são seus, alienando-se, portanto, em relação a seu *si mesmo*.

Nesse sentido, podemos perceber que o *self* seria um regulador do comportamento, porque teria capacidade de orientar as ações do indivíduo e de influenciar, ou mesmo determinar, como afirma Rogers (1975), a maneira como o sujeito vai se relacionaria com o mundo que o cerca.

Mas que tipo de reflexão podemos fazer acerca dos adolescentes que pensam em desistir de viver? Podemos pensar que eles adotaram um conceito de si mesmos distorcido, que os impossibilita de ver em sua realidade as possibilidades que existem ao seu redor. Podemos refletir no sentido de que, na formação e estruturação do seu *self*, eles absorveram conceitos negativos em relação a si mesmos, não se percebendo como seres capazes de crescer e de se desenvolver positivamente. Assim, passam a adotar os outros como referência para definir quem são, distanciando-se da capacidade de auto-avaliação,

autocorreção, apontadas por Rogers como capacidades que disponibilizam o sujeito para a experiência e para o crescimento.

Rogers (1975) define experiência como aquilo que inclui o que acontece dentro do invólucro do organismo em um dado momento e é potencialmente acessível à consciência, incluindo atos conscientes e aqueles que não o são. E essas experiências se organizam segundo a lei da Gestalt, segundo a qual algumas podem se tornar, em um dado momento, figura e, em um outro, fundo. Algumas experiências passam a maior parte do tempo sendo fundos, mas podem vir a se tornar figuras a qualquer momento.

Rogers (1975) chama de *percepções* aquelas experiências que são simbolizadas, incluindo o que é consciente e o que pode vir a emergir na consciência.

Importante ressaltar que esse mundo de experiências organizadas em um campo de forças é patrimônio exclusivo do sujeito e não pode ser conhecido num sentido total e plenamente por nada alheio a ele. Assim, o único caminho é a compreensão empática do sujeito mesmo, ou seja, olhar o outro a partir do ponto de referência dele mesmo, e não a partir do nosso, o que configura um grande exercício, principalmente no campo da clínica e da pesquisa fenomenológica.

Outro aspecto importante a ser mencionado quando falamos da noção de *self* proposta por Rogers é a tendência atualizante, a qual busca a conservação e o enriquecimento do eu e, para isso, se oporia a tudo o que viesse a ameaçá-lo. Rogers (1977) reflete que “todo organismo é movido por uma tendência inerente para desenvolver todas as suas potencialidades e para desenvolvê-las de maneira a favorecer sua conservação e seu enriquecimento”(p. 159).

O sucesso dessa capacidade inerente do ser humano se dá em função da forma como o sujeito percebe a situação e a forma como realizará tal percepção sobre o fato vivido, o que está diretamente relacionado ao conceito que o sujeito tem de si. Com isso, percebemos que a tendência atualizante, juntamente com o *self*, seriam os componentes determinantes do comportamento humano.

A teoria da personalidade da Carl Rogers nos faz perceber como é importante entendermos as noções básicas a que ele se refere como *self* e *campo fenomênico*, uma vez que tais noções facilitam a nossa compreensão sobre a forma como o ser humano se relaciona consigo e, conseqüentemente, com o mundo. Podemos ver que a maneira como o ser humano vai interagir e se posicionar diante do mundo está diretamente relacionada à forma como ele se percebe e como percebe o mundo e as pessoas com quem convive. Assim, a maneira como os adolescentes que tentam suicídio se colocam diante do mundo em que vivem revela a maneira como eles se vêem, face ao conceito que atribuem a si e a como imaginam que os outros os vêem. Tal pensamento nos faz atentar para a importância de conhecermos e compreendermos tal conceito proposto por Rogers, como uma forma de nos ajudar a entender a inserção desses adolescentes no mundo.

As idéias apresentadas até aqui nos levam a pensar sobre a formação do conceito de si mesmo entre adolescentes que tentam suicídio por questões amorosas. Percebemos, ao longo deste percurso teórico, que muitos adolescentes, na relação amorosa, buscam no outro amado uma forma de se perceberem, de se definirem, de encontrarem seu papel no mundo. De certa forma, como vimos na noção rogeriana, o modo como os outros nos percebem influencia o modo como vamos nos perceber. O adolescente, ao sentir que o outro a quem ama, o qual o ajuda a visualizar a maneira como ele se percebe no mundo,

passa a não mais amá-lo, fica imerso em um universo de questões que dizem respeito à maneira como ele se percebe e se conceitua. Experiências de rejeição, de incorporação de sentimentos negativos à noção de eu do adolescente podem ser reavivadas pela experiência de um outro que antes o aceitava e amava agora não o querer mais. Não se torna difícil perceber porque o nível de apego que os jovens atribuem a suas investidas amorosas, ou o significado que elas representam em suas vidas, ocupa um lugar de relevância em seu viver. O outro que nos ama nos diz que somos especiais, que somos admiráveis, que temos coisas boas a serem amadas, ressaltam nossos atributos e, sim, dizem muito de nós mesmos, no momento em que sua fala, seu olhar permitem vermo-nos aclarados nesses gestos.

Podemos pensar que a tentativa de suicídio, como forma de comunicação, seria uma maneira de o indivíduo dizer para um outro ou para si próprio que é difícil suportar essa perda, esse sofrimento, mas tal experiência por si só não é capaz de definir tal escolha, pois ela está permeada por toda uma construção de vivências que possibilitaram uma visão positiva ou negativa de si mesmo. E isso, sim, seria o fator primordial para determinar, reger a maneira como o indivíduo, o adolescente, vai experienciar e, até mesmo significar, a perda de um amor, o rompimento de uma relação amorosa. O *self*, a noção do eu, é construída como uma sinfonia, com partes, momentos, movimentos que, juntos, compõem a forma como nos percebemos, determinam a maneira como vamos significar as experiências em nossas vidas. Muito embora a tentativa de suicídio seja interpretada como um ato extremo, final, ele pode ser entendido, nesse contexto, como uma forma de ser, uma forma de existir. Nesse sentido, compreender a história de vida desse indivíduo pode nos fazer entender que morrer pode ser uma escolha para potencializar o existir, o qual seria continuar a viver, ainda que apenas na lembrança dos outros.

5.2 Construção da identidade x *self* em Rogers: pensando a formação do autoconceito na adolescência

Ao longo deste resgate teórico, fizemos explanações sobre conceitos da adolescência e de alguns aspectos a ela relacionados, tais como: o comportamento afetivo, a formação de identidade e a tentativa de suicídio. Agora, introduzimos um outro tópico do trabalho, referindo-se à noção de *self* em Carl Rogers. Por que, então, optar por escolher compreender a adolescência através da noção de *self* e não da construção da identidade de Erikson? Por que não utilizar o termo *identidade* e adotar *self* ou *autoconceito*? Existiriam diferenças de significado entre esses termos?

Primeiramente, como já elucidamos em um outro momento, a escolha por abordar a adolescência a partir da noção de *self* em Rogers se deu, fundamentalmente, a partir de nossa trajetória acadêmica e profissional. Mas uma interessante constatação nos fez dedicar um momento deste trabalho para relacionar a noção de *identidade* de Erikson estudada neste trabalho com a noção de *self*, o que se deve à importância dos estudos desse autor sobre a da formação da identidade adolescente.

Erikson (1987) entende a formação da identidade como surgida

> ...do repúdio seletivo e da assimilação mútua de identificações da infância e da absorção destas numa nova configuração, a qual, por seu turno, depende do processo pelo qual uma sociedade (muitas vezes através de subsociedades) identifica o indivíduo jovem, reconhecendo-o como alguém que tinha de tornar-se o que é e que, sendo o que é, é aceito como tal (p.159-160).

Sobre este tema, Erikson (1968) ressalta, que:

> A fim de experimentar a totalidade, o jovem deve sentir uma continuidade progressiva entre aquilo que ele vem sendo durante os longos anos da infância e o que promete converter-se num futuro antecipado, entre aquilo que ele se concebe ser e o que percebe que os outros vêem nele e esperam dele. Individualmente falando, a identidade inclui a soma de todas as sucessivas identificações daqueles primeiros anos quando a criança queria ser, e era freqüentemente forçada a tornar-se aquilo que as pessoas de quem dependia queriam que ela fosse. A identidade é um produto único, que encontra agora uma crise a ser resolvida apenas através de novas identificações com os companheiros de mesma idade e com as figuras dos líderes, fora da família (p. 87).

Nesse sentido, para Erikson (1987), no jovem a força do ego emerge da confirmação mútua do indivíduo e da comunidade, no sentido de que a sociedade reconhece o indivíduo jovem como portador de novas energias e de que o indivíduo, assim confirmado, reconhece a sociedade como um processo vivo que tanto inspira honra como exige confiança. Percebemos assim, uma relação dialética entre o adolescente e a sociedade, em que, ao mesmo tempo que ele produz esse meio, também é por ele produzido.

Aberastury (1990) afirma que a inserção do adolescente no mundo social do adulto define a personalidade do adolescente. Esse novo plano de vida exige o estabelecimento do problema dos valores éticos, intelectuais e afetivos, através do nascimento de novas idéias e da aquisição da capacidade de luta para consegui-lo. Isso implica projetar-se no futuro e ser, independente do ser com e como os pais. Entendemos, assim, que o indivíduo empreende uma “luta” para descobrir-se, descobrir o seu projeto de vida, descobrir o seu lugar no mundo. A autora coloca, ainda, que esse processo exige um lento desenvolvimento, em que são negados e afirmados seus princípios. Ele luta entre a necessidade de independência e sua nostalgia, entre a necessidade de apoio e sua dependência.

Esses autores colocam o processo de formação da identidade como algo dependente da forma como o jovem interioriza as experiências vivenciadas em sua vida, a forma como o mundo o percebe e as pretensões dele sobre o seu futuro. Rogers não foge a essa compreensão. Como vimos no início deste capítulo, ele compreende a noção de *self* como o conjunto de percepções que teríamos de nós mesmos, sendo o resultado dessa relação com os outros e com o mundo que nos rodeia. Nisso incluem-se também os valores, ideologias, objetos, enfim todo o mundo que nos circunda e o contexto em que estamos inseridos. Assim como os demais autores aqui citados, Rogers também percebe um caráter contínuo da formação do autoconceito, pois ele é estabelecido a partir da inserção do sujeito no mundo.

Outro ponto de concordância entre os autores está na idéia de que essa construção se inicia não na adolescência, mas desde a infância, no relacionamento da criança com a mãe e com aqueles que compõem o seu mundo, o que é importante, uma vez que não podem ser negadas as experiências já vividas pelo sujeito na formação do seu autoconceito.

Como podemos ver, os pontos de confluência apenas contribuem para nossas reflexões e nos fazem pensar que, apesar de estarmos utilizando terminologias diferentes, estamos compreendendo o fenômeno de forma semelhante.

Possivelmente, o que distancia Rogers dos demais teóricos é Rogers não focar a construção deste momento na adolescência. Ele analisou e compreendeu esse processo de formação ao longo da vida do ser humano, não se centrando nessa fase do desenvolvimento para pormenorizar suas contribuições teóricas. Isso de modo algum inviabilizaria o uso de seus constructos teóricos para compreender a adolescência. Esta, então, poderia ser uma de nossas contribuições: relacionar a construção rogeriana sobre o *self*, com as particularidades

vivenciadas na adolescência. Com isso, não estamos descartando as demais teorias sobre a formação da identidade, inclusive porque elas são relevantes para a discussão de qualquer compreensão sobre a adolescência, mas focaremos tal elaboração na contribuição de Rogers.

Após tentarmos refletir sobre alguns aspectos envolvidos na temática aqui estudada, apresentaremos a forma como trabalharemos neste estudo, quais serão os nossos procedimentos e quem serão os jovens participantes de nosso estudo.

6 Fazer com: caminhos e procedimentos metodológicos

A escolha dos passos metodológicos por meio dos quais estudamos a presente temática foi de suma importância, por revelar a forma como tentamos compreender a realidade aqui estudada. Mas, fundamentalmente, ela revela a postura com a qual lidamos com esse contexto e como nos colocamos diante dele. Assim, devemos entender que, como bem refere Marcuschi (1999), a metodologia é a forma com que abordaremos o problema no contexto em que a teoria delineia.

A metodologia adotada por nós inspira-se numa perspectiva fenomenológico-existencial, utilizando como instrumento de pesquisa a narrativa, de acordo com o pensamento de Walter Benjamim (1994) e com a sistematização de Schmidt (1990).

Para pensarmos a pesquisa qualitativa em psicologia, é necessário, de acordo com Bicudo & Martins (1994), entendermos "os significados de fato e do fenômeno, uma vez que a pesquisa quantitativa trabalha com fatos e a qualitativa, com fenômenos" (p. 21). Esses autores mencionam, ainda, que "esses fenômenos apresentam dimensões pessoais e podem ser mais apropriadamente pesquisados na abordagem qualitativa. Os estudos assim realizados apresentam significados mais relevantes tanto para os sujeitos envolvidos como para o campo da pesquisa ao qual os estudos desses fenômenos pertence" (1994 p. 27).

Forghieri (1993) ressalta que o método fenomenológico "apresenta-se à Psicologia, como um recurso apropriado para pesquisar a vivência consistindo em focalizá-la através do envolvimento existencial e do distanciamento reflexivo do pesquisador" (p. 60). E Amattuzzi (1996) diz que a pesquisa fenomenológica é “uma pesquisa qualitativa que lida com o significado da vivência" (p. 5).

Rogers (1970), refletindo sobre o método de pesquisa fenomenológico, afirma:

> Para minha maneira de pensar, este tipo de estudo pessoal, fenomenológico – especialmente quando se lêem todas as respostas -, é muito mais válido que a tradicional perspectiva empírica 'bem-construída'. Este tipo de estudo (...), dá realmente uma profunda compreensão do que significou a experiência (p.132).

Assim, um importante aspecto a ser considerado está na reflexão de Triviñnos (1987) ao pensar que foram os pressupostos do pensamento fenomenológico que permitiram a construção da abordagem qualitativa, tendo em vista que esta considera que os significados dados pelos sujeitos aos fenômenos dependem do próprio meio que alimenta a sua existência.

A pesquisa fenomenológica, a qual fundamenta o nosso referencial, segundo Amatuzzi (2001), tenta compreender o que acontece através do clareamento do fenômeno, não tendo intenção de verificar dados, mas sim de compreendê-los.

Esse autor (2001) pontua, ainda, que a pesquisa fenomenológica toma o relato em sua intencionalidade constitutiva e própria, sendo visto pelo que ele é. O pesquisador fenomenológico busca no relato e no discurso a experiência intencional, aquela experiência vivida. Com isso, não visa encontrar a estrutura do pensamento que se revela no uso de determinadas palavras, ou mesmo o desejo que é por ele revelado. Nesse tipo de pesquisa se realiza uma tentativa de se aproximar do significado que se revela no contato com aquilo que é vivido pelo sujeito. Dessa forma, o melhor relato é aquele que torna presente a experiência vivenciada pelo indivíduo.

Assemelhando-se ao pensamento do autor acima citado, Turato (2003) pensa que a melhor maneira de indagar acerca de um fenômeno é perguntar "como" ele acontece, e

não perguntar o “porquê”, pois quando nos interessamos pela forma como ele se apresenta, através do uso do “como” levamos o sujeito a pensar no processo, descobrindo a forma como o fenômeno estudado se relaciona com os diversos eventos que nele se inserem.

Outra reflexão realizada por Amatuzzi (2001) ampara-se no fato de que o pesquisador tem uma postura ativa, presente. Uma postura que solicita e acolhe, sendo um facilitador no acesso ao vivido. Esse vivido emerge no ato da relação pessoal, a qual favorece a oportunidade de dizê-lo, de acessá-lo. Assim, Amatuzzi (2001) explana que “o vivido é surpreendido na relação, pela própria pessoa, que então o comunica, facilitada pelo pesquisador” (p. 19).

A pesquisa de inspiração fenomenológica acentua a importância do encontro de subjetividades, no sentido de que a revelação da experiência é possibilitada pelo encontro entre o pesquisador e pesquisado. Não estamos falando apenas de um entrevistador em busca de informações a serem relatadas, mas sim do encontro intersubjetivo entre dois seres humanos que, em relação, favorecem a emergência da experiência vivida.

Em relação a esse aspecto, Coltro (2000) diz que a pesquisa fenomenológica partiria de uma compreensão do viver, e não de definições e conceitos, sendo uma compreensão voltada para os significados do perceber.

Quanto aos participantes do estudo, Amatuzzi (2001) considera que não existem sujeitos da pesquisa, mas sim colaboradores, que ajudam a pensar junto o assunto, sendo o objetivo da entrevista fenomenológica surpreender o vivido no momento em que a experiência da pessoa é pensada e dita pela primeira vez. Nesse tipo de pesquisa, o melhor avaliador é o colaborador, pois somente ele poderá afirmar se se reconhece na leitura efetuada pelo pesquisador, naquilo que é dito por ele. O autor percebe com isso que existem

dois níveis de resultados nessa pesquisa, os quais são: um que reflete aquilo que foi dito pelo indivíduo, e outro que se refere à estrutura da experiência em questão.

Um aspecto interessante apontado também por Amatuzzi (2001) é a influência dos aspectos socioculturais e individuais no autoconceito, o qual filtra a formulação do vivido. O meio pelo qual tomamos consciência de quem somos pode limitar a maneira como apreendemos a nossa experiência ou ser fator limitante dela. Por isso, é importante que, ao se entrevistar alguém buscando o seu vivido, colha-se aquilo que pode ser visto, o que pode ser pensado e dito pelas estruturas do autoconceito ou por fatores socioculturais, lembrando que a tentativa é para se ir além dos modos comuns de pensamento, buscando a fluência na experiência. Mas isso requer do pesquisador certas condições, como ter senso crítico, para deixar de lado as próprias estruturas e valores, de modo a ter abertura para os fenômenos que se revelam. A postura do pesquisador deve ser aberta o suficiente para possibilitar a aproximação da experiência vivida, para além das idéias, teorias e estruturas do pensamento.

Sobre isso, Moreira (2004) diz que a postura do pesquisador nessa abordagem é uma postura de abertura às possibilidades, o que faz com que o conhecimento obtido seja algo construído na relação do homem com o mundo, estando, assim, num constante processo de construção. Nessa mesma direção está o pensamento de Critelli (1996), ao afirmar que o fundamento do método fenomenológico é aquilo que se busca compreender.

Amatuzzi (2001) descreve a entrevista fenomenológica como mobilizadora, porque comumente ela deixa o entrevistado diferente de como ele estava antes da realização da entrevista. Por isso há um entendimento de que esse tipo de pesquisa é também uma pesquisa participante, em ação interventiva, especialmente quando sonda

vividos mais profundos. Quando a entrevista se caracteriza por ser mobilizadora, com acesso ao vivido, indo além do que foi dito, a análise já se inicia no próprio encontro com o sujeito, tendo em vista que, como afirma o autor, "entrevistador e entrevistado, pesquisador e colaborador, através da própria relação clinicamente conduzida, pensaram juntos e ´disseram` o vivido"(p. 21).

O que o autor quer dizer quando afirma que o pesquisador e o pesquisado pensam e dizem juntos o conteúdo vivido é que, pela natureza desse encontro, o pesquisador, através de sua presença e de sua disponibilidade para ouvir e para estar com outro, favorece no pesquisado um melhor contato com os conteúdos vivenciados por ele. Dessa forma, constata-se que o pesquisador, nesse tipo de pesquisa, é participativo, está implicado no processo de descoberta do vivido pelo outro, através desse encontro de subjetividades. Tais idéias nos levam a conceber a pesquisa fenomenológica como um fazer-com, uma construção possibilitada pelo encontro e diálogo com outro ser, com outro interlocutor.

Tendo em vista que foram apresentados os principais fundamentos da pesquisa qualitativa de enfoque fenomenológico, torna-se relevante pontuarmos as considerações de Walter Benjamim (1994) sobre a narrativa, a qual foi o instrumento de pesquisa utilizado nesta pesquisa.

6.1 Narrativa: tecendo o viver, um relato de experiência

O filósofo alemão Walter Benjamin (1994) postulava como conceito central de sua concepção, a experiência, expressa através da narrativa. Para ele, a arte de contar tem se tornado rara, pelo fato de partir de uma transmissão de uma experiência, sendo esse ato

dificultado em razão de a sociedade capitalista moderna não oferecer condições para sua realização.

Uma primeira condição para que a arte de contar se perpetue é o fato de essa experiência transmitida torna-se comum ao narrador e ao ouvinte. Porém no atual contexto social, essa condição requer uma comunidade de vida e discurso que o rápido desenvolvimento capitalista destruiu. Uma segunda condição para a não-extinção da arte de contar é o fato de que ela nos remete ao artesanato, o qual permitiu a sedimentação das diversas experiências e de uma palavra unificadora. Para Benjamin (1994), o artesanato é como a narrativa, pois ela também dá forma à matéria narrável, participando da ligação entre a mão e a palavra, o gesto e a palavra. Uma terceira condição é a de que a comunidade da experiência instaura a prática da narrativa. Mas Benjamin (1994) atenta para o fato de que dar um conselho não significa intervir na vida do outro, mas sim "fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada" (p. 11).

Perceber esses aspectos e condições para a perpetuação da existência da arte de contar é compreender que a narrativa tem um fluxo vivo, contínuo e aberto a novas propostas e ao fazer junto, numa relação de intersubjetividade, composta pela experiência do narrador e o ouvir do ouvinte. Nesse sentido, narrar é a arte de intercambiar experiências, aquelas passadas de pessoa para pessoa, que são a fonte a que recorrem os narradores. Assim, no momento em que a experiência coletiva se perde, e em que a tradição comum já não oferece uma base, outras formas de narrativa tornam-se predominantes, como é o caso do romance e o da informação jornalística.

A narrativa é uma forma de comunicação, pois mergulha a coisa na vida do narrador para depois retirá-la dele. Com isso, a marca do narrador fica impressa na

narrativa. A relação entre o ouvinte e o narrador está no interesse em conservar o que foi narrado. O narrador tece a rede que as histórias constituem entre si, em que uma se articula na outra. E seu dom é poder contar sua vida, e sua dignidade é poder contá-la inteira.

Benjamin (1994) afirma que "o narrador é a figura na qual o justo se encontra consigo mesmo" (p. 221).

Schmidt (1990) diz:

> A narrativa é preciosa pois conecta cada um à sua experiência, à do outro e à do antepassado, amalgamando o pessoal e o coletivo. E o faz de uma maneira democrática ou, mais precisamente, da única maneira possível para que uma prática social seja democrática – fazendo circular a palavra, concedendo a cada um e a todos o direito de ouvir, de falar e de protagonizar o vivido e sua reflexão sobre ele (p. 51).

Morato (1999) acrescenta que o que é experiencialmente vivido marca a experiência humana como um momento de transformação e de criação de significado. Dutra (2002), refletindo acerca da narrativa, afirma que, na medida em que o narrador conta a sua história, em que narra os fatos, os acontecimentos e afetos que percorrem a trajetória vivencial, há o desvelamento da experiência, a qual vai sendo construída e reconstruída através da linguagem. No momento em que o narrador nos conta a sua história, ele nos introduz em sua vida, nos sensibiliza e nos coloca como participantes de sua experiência, fazendo do pesquisador um sujeito dessa experiência.

Assim, é na busca da experiência, do vivido, que a narrativa se configura como procedimento metodológico.

Comenta, ainda, Dutra (2000):

> Entendemos que a modalidade da narrativa mantém os valores e percepções presentes na experiência narrada. É a história de uma tentativa de morte que está sendo transmitida naquele momento para o pesquisador. O narrador não "informa" sobre a sua experiência, mas conta sobre ela, dando oportunidade para que o outro a escute e a transforme de acordo com a sua interpretação, levando a experiência a uma maior amplitude, tal como acontece na narrativa.
>
> A narrativa tem a capacidade de suscitar, nos seus ouvintes, os mais diversos conteúdos e estados emocionais, uma vez que, diferentemente da informação, ela não nos fornece respostas. Pelo contrário, a experiência vivida e transmitida pelo narrador nos sensibiliza, nos alcança nos significados que atribuímos à experiência, assimilando-a de acordo com as nossas (p. 116).

Sendo assim, propomo-nos, nessa relação de intersubjetividades que é o encontro entre o narrador e o ouvinte, e na nossa figura de pesquisadora, possibilitar a expressão da experiência, por via da narrativa e da revelação da experiência do amor adolescente. Nesse processo, a narrativa configura uma colcha de retalhos em que os tecidos são as experiências ao longo da vida, tecidas no ato de narrar, de falar sobre o próprio viver. Desse modo, a narrativa incorpora as experiências, à medida que estas vão sendo narradas, contadas pelo narrador, à medida que este encontra um outro ser, disponível para construir junto com ele o que viveu. Narrar, antes de contar uma história vivida, é poder ressignificá-la, vivê-la de uma outra maneira.

Morato (1999) afirma que o narrador deixa a luz tênue de sua narração consumir a mecha de sua vida. Assim, narrar seria um ofício construído numa relação artesanal composta pela experiência e do narrador juntamente com a dos outros. Seria, então, um ofício sem um fim, pois sempre haveria coisas a serem contadas, a serem ditas.

Ainda sobre o ato de narrar, Dutra (2000) ressalta:

> É através dela (a narrativa) que o homem se revela, explicita-se e pode captar o significado das suas experiências, pois na medida em que se expressa, ele se

> transforma, exercitando a sua possibilidade de um construir-se, de um vir-a-ser constante. É a angústia que, ao se revelar nas palavras, encontra o outro, o ser do outro. E na medida em que a sua experiência se abre para o ser-com, coloca-nos como parte dela. Não se trata, portanto, de um pesquisador que observa o sujeito. Não significa ouvir a sua história de longe, analisando-a, interpretando-a logicamente; enfim, não existe uma postura de estar "de fora", como observador, da experiência (p.128).

6.2 Procedimentos metodológicos

6.2.1 Participantes da pesquisa

Fizeram parte do presente estudo quatro jovens (três do sexo feminino e um do sexo masculino), que tentaram suicídio devido a questões amorosas, durante a adolescência, ou seja, quando tinham entre 12 e 18 anos. Inicialmente, o nosso objetivo era entrevistar adolescentes que estivessem na faixa etária aqui delimitada – entre 12 e 18 anos – e que tivessem cometido tentativa de suicídio. Entretanto a localização de tais pessoas e o contato com elas nos fez deparar com dificuldades de naturezas diversas, tais como o tabu em lidar com a questão pesquisada, a necessidade de haver autorização dos pais – o que impediu que algumas entrevistas pudessem ser realizadas – e a dificuldade do próprio jovem em assumir a realização de tal ato, o que nos obrigou a ampliar o nosso horizonte de participantes da pesquisa. Ao mesmo tempo, sempre nos eram indicados jovens que já não estavam na faixa etária almejada no estudo, mas que haviam tentado suicídio pelas questões aqui estudadas quando estavam na idade que pesquisamos. Isso nos fez decidir realizar a pesquisa com tais participantes. Essa alteração não prejudicou o procedimento metodológico nem implicou mudanças significativas nele, isso porque a própria narrativa, nosso instrumento de

pesquisa, mostra que, à medida que o narrador nos conta a sua história, ele nos narra os fatos, os acontecimentos e afetos que percorreram a sua trajetória vivencial, desvelando a sua experiência, a qual vai sendo construída e reconstruída através da linguagem. Assim, como bem explana Dutra (2000), "entendemos que a modalidade da narrativa mantém os valores e percepções presentes na experiência narrada" (p. 116). Isso torna pertinente a entrevista de jovens que tenham vivido a experiência de desistir de viver por amor durante a adolescência, visto que a nossa investigação busca exatamente a vivência desse acontecimento, o qual é resgatado em toda a sua intensidade no ato de narrar, ou seja, no ato de contar a história.

Para tanto, foram coletados dados no CIT – Centro de Informação Toxicológica de Natal –, o qual registra casos de tentativa de suicídio em nossa cidade, tendo, inclusive, verificado que algumas ocorrências registradas em seus arquivos foram motivadas por questões amorosas. Sendo assim, alguns adolescentes indicados por tal órgão foram contatados para participarem de nossa pesquisa. Outra fonte de dados foi a indicação de pessoas que conheciam adolescentes que haviam vivenciado uma experiência como a que estávamos recrutando. Lembramos que a participação dos jovens se deu de maneira voluntária – eles aceitaram participar da pesquisa de forma espontânea – e salientamos também que todos tiveram a sua identidade preservada na análise dos dados.

6.2.1.1 Caracterização do local da pesquisa

O CIT é um centro de referência do estado do Rio Grande do Norte, reconhecido pela Vigilância Sanitária. Seu objetivo é desenvolver atividades de apoio a equipes médicas no atendimento ao paciente intoxicado, desenvolvendo atividades didáticas de extensão e

capacitação. Sua principal função é a provisão de informações passivas, ou seja, fornecer as principais informações a profissionais de saúde.

O CIT de Natal foi o segundo a ser implantado no Nordeste; o primeiro, nessa região, foi o da Bahia. Entretanto o primeiro centro a ser criado em todo o Brasil foi o CIT do Rio Grande do Sul, o qual se constitui em um importante centro de referência, composto por uma grande equipe e capacitado a desenvolver pesquisas em seu próprio instituto.

Criado em 1984, e atualmente funcionando no Hospital Gizelda Trigueiro, o CIT-Natal surgiu a partir da verificação, pela Drª. Giselda Trigueiro, da necessidade de se implantar um centro de apoio médico para fornecimento de informações toxicológicas. O atendimento realizado por tal centro não é clínico; ele fornece informações por telefone, em serviço de plantão 24 horas, dando suporte às redes pública e privada dos hospitais de nosso estado. Desse modo, plantonistas especialmente capacitados para tal função orientam procedimentos adequados nos atendimentos por intoxicação (por medicamentos ou venenos) ou picadas de animais peçonhentos, a partir de indicações da própria Vigilância Sanitária. Tais atendimentos são notificados, com dados hospitalares e pessoais do paciente e o paciente tem sua evolução acompanhada por plantonistas do CIT até o fim de sua hospitalização.

6.2.2 Instrumento de pesquisa

A metodologia adotada neste estudo foi qualitativa, de caráter fenomenológico-existencial, e o instrumento de acesso à experiência foi a narrativa, tal como foi proposta por Walter Benjamin (1994) e adaptada como método de pesquisa por Schmidt (1990). Foram realizadas entrevistas semi-abertas, com um pergunta disparadora que permitiu ao

jovem expressar sua experiência de tentar desistir de viver na adolescência – "**Como foi para você a experiência de tentar suicídio?**". O fato de a entrevista ter sido concebida apenas com uma pergunta inicial não significa que não pudéssemos pontuar questões pertinentes que pudessem ser esclarecidas e aprofundadas ao longo da relação intersubjetiva estabelecida no encontro com o entrevistado. Em entrevistas pré-testes, percebemos que algumas questões fizeram-se presentes nos relatos de adolescentes, e tais questões, como foi referido anteriormente, constituíram-se em pontos de referência para as entrevistas finais. Os aspectos que produziram o roteiro da entrevista foram: relacionamento familiar, relacionamento social, questões relacionadas à vivência escolar, expressão de valores pessoais, vivência amorosa, auto-estima e projetos de vida e idealizações sobre o futuro.

6.2.3 Procedimentos de coleta e análise dos dados

Inicialmente foi realizada uma pesquisa documental nos prontuários do CIT – Natal, a qual possibilitou a identificação de adolescentes que poderiam compor a amostra da pesquisa. Após esse momento, deu-se o contato com tais adolescentes, visando a sua participação voluntária. Muitos dos endereços que nos foram fornecidos continham erros e falhas de registro, assim como muitos adolescentes haviam se mudado do endereço de registro, dificultando o acesso a essas pessoas. Alguns contatos foram estabelecidos e foi respeitada a decisão de alguns sujeitos contactados em não participar da pesquisa, alegando não estarem prontos para falar do acontecido naquele momento.

Ao mesmo tempo, psicólogas escolares foram informadas da existência deste trabalho, com o intuito de que houvesse indicações de adolescentes que estivessem disponíveis para compor o nosso estudo. Entretanto, deparamos com questões burocráticas, como o receio de alguns diretores escolares em expor seus alunos a falar sobre uma questão tão difícil. Em algumas instituições, o assunto esteve na pauta da reunião pedagógica. Tal dificuldade por si só reflete o tabu em se lidar com questões relacionadas ao suicídio.

A intenção deste trabalho também foi comunicada em hospitais de urgência, varas da infância e juventude, pastorais da juventude e projetos que envolvessem a população adolescente. Porém, em se tratando de uma amostra tão específica que delimita a questão da tentativa de suicídio a partir de um motivo amoroso, tornou-se ainda mais restrita a nossa amostragem. Uma outra dificuldade colocada pelos profissionais contactados foi a incerteza sobre como conseguiríamos tal amostra na adolescência, quando muitas vezes, a tentativa de suicídio é "encoberta" pelos pais e familiares sob a denominação de "acidente".

A partir disso, como já foi explicado, tomamos a decisão de ampliar nossa amostragem para jovens que tentaram suicídio por amor durante a época em que eram adolescentes. Um outro fator que nos motivou a ajustar a amostra explica-se pelo fator tempo. Para conseguirmos adolescentes com as características que pretendíamos pesquisar, precisaríamos de mais tempo, o que não era possível por termos que cumprir prazos. Assim, iniciamos os nossos contatos para a participação voluntária dos jovens na pesquisa.

As entrevistas foram gravadas em fitas cassete, transcritas e, posteriormente, literalizadas em forma de narrativas. A compreensão das narrativas teve como base os sentidos que emergiram das falas dos jovens bem como os momentos que nos afetaram, indicando o sentido da experiência da desistência de viver e a experiência da relação

amorosa no viver do entrevistado. Lembramos aqui que esse momento foi precedido de inúmeras e cuidadosas leituras dos depoimentos obtidos, os quais permitiram a aproximação do sentido atribuído pelos jovens à tentativa de suicídio. Tal forma de análise dos dados é semelhante à utilizada por Dutra (2002): os depoimentos são comentados e interpretados a partir dos significados revelados na experiência narrada, e compreendidos a partir do diálogo com os autores que ajudaram a compor o corpo teórico do trabalho e aqueles que investigaram a temática das tentativas de suicídio de jovens.

Outro aspecto a ser explicitado é o procedimento da literalização das entrevistas. Schmidt (1990) diz que a literalização consiste em transformar as narrativas em um texto literário, através da condensação e organização cuidadosa dos depoimentos de cada um dos depoentes. Assim, a literalização consiste no momento em que, após a transcrição das entrevistas, os depoimentos são transformados em texto, tendo as falas unidas de modo a permitir ao leitor a sensação de que está ouvindo o entrevistado narrar a sua história. Assim, as intervenções do entrevistador não estarão textualizadas no depoimento, mas certamente sua fala e sua presença estarão incluídas na narrativa.

Após a literalização, os depoimentos foram devolvidos aos seus respectivos autores, para que estes pudessem rever as suas falas, verificando se as literalizações estavam fiéis ao que fora expresso por eles.

O local de realização das entrevistas – estabelecido em comum acordo com os entrevistados – foi o Sepa[5] (Serviço de Psicologia Aplicada), além de outros locais adequados e acordados com o entrevistado.

---

[5] Clínica-escola da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

O fato de optarmos pelo número de quatro participantes se justifica por entendermos que, em se tratando de uma pesquisa qualitativa, que prioriza os significados do fenômeno investigado, o subjetivo, o particular, não havia necessidade de realizarmos o estudo com um número maior de jovens. Na escolha dos participantes, também tivemos cuidado de não termos preferência por gênero, tendo em vista que nos propúnhamos a conhecer o fenômeno estudado, independente de sua ocorrência no sexo masculino ou no feminino. A despeito de os dados estatísticos revelarem uma maior incidência de tentativas de suicídio entre mulheres, é importante que estudemos ambos os gêneros, uma vez que rapazes também tentam suicídio por questões amorosas. Vale lembrar que o motivo amoroso, junto com a faixa etária, foram os principais critérios adotados na escolha dos participantes.

Quanto aos nossos passos de análise, baseamo-nos nos procedimentos sugeridos por Bicudo e Martins (1994).

Os passos metodológicos foram:

1. Lemos, inicialmente, a transcrição/depoimento, a fim de nos familiarizarmos com o texto que expressava a fala sobre a experiência vivida, aproximando-nos dos significados atribuídos vivencialmente.
2. Em seguida, procedemos à marcação ou destacamento dos significados que emergiram da fala do narrador, evidenciando o fenômeno estudado e os aspectos a ele relacionados. Os pontos demarcados podem ser identificados como núcleos significativos que nortearam o momento de análise e a discussão dos dados. É importante frisarmos que tal momento

não se revestiu de rigidez, tendo em vista que seria possível que outros pesquisadores indicassem diferentes núcleos significativos a partir de suas perspectivas próprias e da relação estabelecida entre pesquisador e pesquisado.

3. Com isso, obtivemos núcleos significativos, que representavam partes do depoimento, cujos significados se relacionavam com o todo do texto e, fundamentalmente, com a relação estabelecida entre o pesquisador e o narrador.

4. Por fim, procedeu-se à interpretação [6] dos dados, que apontou para o entrelaçamento dos elementos, segundo Szymanski (2002). À medida que núcleos significativos eram destacados, iniciava-se o processo de interpretação das informações, visto que já se faziam presentes a experiência vivida nesse encontro intersubjetivo que é a entrevista, os pressupostos do pesquisador e os marcos teóricos de referência. Foram usados trechos dos depoimentos dos narradores para dar suporte à interpretação. Um aspecto a ser destacado em relação a esse momento da

[6] O nosso entendimento sobre o que significa interpretar os dados está fundamentado no pensamento de Figueiredo (1994, p. 20) de que "a interpretação responde à obra, fala a obra, (realiza a obra), mas ainda não fala da obra, não é um julgamento da obra nem uma decifração dela na sua suposta objetividade. Essa interpretação não goza da liberdade que se espera de um juízo; ela é solicitada ao intérprete pela experiência que a obra lhe propicia (e se ela não propicia nada de muito notável, nada haverá para interpretar); ela é uma exigência ao intérprete colocada pela sua própria experiência com a obra. Esta interpretação tem, portanto, uma dimensão existencial". Tal noção está em concordância com nosso modo de fazer pesquisa. Dutra (2002) afirma que tal noção de interpretação está inserida em uma forma de fazer pesquisa que reflete a abertura dos sujeitos à experiência, entre o pesquisador e o pesquisado, na qual o ato de se revelar ao outro, afeta ambos pela e na sua experiência.

> interepretação é a transcrição das entrevistas. Szymanski (2002) relata que, nesse momento, também se configura uma análise, já que, ao realizar tal procedimento, o pesquisador revive a entrevista e os aspectos da interação que se estabeleceram entre as pessoas da pesquisa. Para a autora, "cada reencontro com a fala do entrevistado é um novo momento de reviver" (p. 74).

6.3 Revelando significados: a voz que surge em meio às palavras...

Neste item do trabalho, nos dedicamos a interpretar os resultados obtidos na realização desta pesquisa. Para compreender os dados nela revelados, é imprescindível explicitarmos o contexto com o qual deparamos ao realizar este estudo. É difícil falar sobre a tentativa de desistir de viver; é difícil, principalmente, assumir essa escolha. O fato é que estudar a tentativa de suicídio é entrar em contato com um universo de significados nos quais transparece o tabu em relação ao tema. A busca nem sempre fácil por encontrar participantes da pesquisa, saber esperar e compreender o momento do sujeito, entender seus questionamentos e ter uma postura acolhedora ao que o fenômeno nos faz encontrar foram posturas necessárias ao bom andamento da pesquisa.

Ao mesmo tempo, constatamos que a maioria dos participantes da pesquisa desejava falar, contar a sua história e os caminhos que suas vidas tomaram. Descobrimos também que, apesar de estarmos falando da desistência de viver, falamos a todo momento da vida, e do jeito como a vivemos. Nossa intenção não era só compreender a experiência de desistir de viver por amor, mas, principalmente, entender o contexto de vida que fez os

adolescentes com quem trabalhamos seguirem esse caminho, deixar desvelar a voz daqueles que, por amor a um outro, ensaiaram desistir de si. Não buscávamos julgamentos ou causas, mas compreender, em toda a sua complexidade, o fenômeno da tentativa de suicídio por razões amorosas. Cada depoimento ouvido nos revelou a singularidade de cada experiência, muito embora, em certos aspectos, nos revelasse também a presença de aspectos comuns.

Assim, como afirmamos anteriormente, destacamos núcleos significativos, que nortearam nossa análise dos depoimentos estudados. Com isso, alguns temas em comum foram percebidos nas leituras das narrativas os quais nos possibilitaram organizar a nossa reflexão.

6.3.1 Impulsividade da tentativa de suicídio

Na grande maioria dos casos estudados, pudemos perceber certa impulsividade no ato suicida, de modo que a tentativa de suicídio é vivenciada como algo imediato, respondendo a um sentimento de sofrimento insuportável. Alguns adolescentes revelaram, inclusive, que ela ocorreu em um momento de desespero, o que corrobora a reflexão de Cassorla (1998) de que, muitas vezes, o suicida não deseja morrer, mas sim fugir de um sofrimento insuportável. Essa mesma observação foi feita pela OMS (2000), a qual aponta como característica daquele que pensa em suicidar-se a impulsividade, que pode ser desencadeada por eventos negativos do dia-a-dia.

Podemos perceber essa impulsividade do ato suicida na fala de Mirela:

"Eu nunca tinha passado por isso na minha vida, nunca tinha pensado em morrer, nunca na minha vida. Foi um ato impulsivo."

Fabiana também menciona tal aspecto em seu depoimento, revelando a impulsividade de sua tentativa de suicídio:

"... foi uma coisa extremamente impulsiva, que eu pensei, passou pela cabeça: "vou fazer!!". Peguei o medicamento, tomei, escrevi, dormi e acordei dois dias depois. Foi quando eu retomei a consciência e aí fui tendo noção aos poucos do que tinha acontecido, e com algum tempo a mais, cerca de três meses depois, é que eu vim, realmente cair na real do que tinha acontecido, do que foi ter tentado suicídio, realmente suicídio..."

Tatiana também destaca a impulsividade em seu depoimento, revelando, inclusive, dificuldade em compreender a razão de ter tentado o suicídio:

"*A minha experiência de tentar suicídio foi uma coisa que eu nunca pensei em fazer na minha vida. Quando eu fui pro psiquiatra ele me disse que foi depressão pós-parto, que fazia quatro meses depois que eu tinha tido a minha filhinha. Só que eu não culpo por ter tido ela, eu achei uma maravilha ter tido uma filha..."*
"... aí eu não sei realmente porque eu fiz aquilo..."

Fica, assim, constatada a impulsividade da tentativa de suicídio dos participantes da pesquisa aqui citados. Podemos observar como esse ato vem em resposta à vivência insuportável de um sofrimento. Muito embora não tenhamos percebido histórico de tentativas anteriores em todos os entrevistados, e absolutamente não quer dizer que eles não tenham vivenciado questionamentos sobre a validade de sua própria existência, visto que, se analisarmos as entrevistas e suas histórias de vida, poderemos perceber comportamentos de isolamento, depressão, sentimentos de solidão, que já nos revelariam a face multideterminada do suicídio.

Tal aspecto foi referido por Cassorla (1991), o qual destaca que, para compreendermos o suicídio ou a tentativa de suicídio, devemos levar em conta fatores da biografia do indivíduo, que envolvem tanto aspectos constitucionais como ambientais,

culturais, biológicos, fisiológicos, psicológicos, dentre outros, sempre em uma seqüência progressiva.

De fato, percebemos a tentativa de suicídio na adolescência como uma reação a fatos que causavam sofrimento e que o adolescente não conseguiu resolver ou elaborar de outra forma. Tal experiência soa como uma tentativa de lidar com essa dor, mesmo que ela racionalmente não seja entendida dessa maneira. Muitos a descrevem como algo que ainda não pôde ser compreendido plenamente por eles mesmos, demonstrando, inclusive, perplexidade com tal escolha.

6.3.2 Adolescente suicida e questões familiares

Em muitos depoimentos, pudemos perceber que os jovens entrevistados eram provenientes de famílias com perdas parentais ou separação dos pais ou até mesmo em que havia ausência de diálogo, aspecto presente também em estudos como o de Cassorla (1991) e o de Dutra (2000), dentre outros.

Pedro menciona tal dificuldade de diálogo com o pai, quando diz:

"... Minha mãe mora em Brasília, meu pai mora aqui. Então, eu morava só com meu pai, ainda moro só com meu pai. Então não existia, não existe um relacionamento entre pai e filho que possibilitasse a compreensão maior dele. Claro que ele também não foi um crápula: dentro das possibilidades dele ele tentou me ajudar, já que você entende que o homem é muito mais não sentimental do que uma mãe..."

Tatiana revela o seu crescimento sem a presença de seu pai:

"... eu me criei com minha avó e minha mãe, sem o meu pai; só tinha o Teodoro, que é o meu irmão mais velho e eu. Aí meu pai não me conheceu, não chegou a me conhecer e

quando eu completei onze anos ele veio atrás de mim. Isso até hoje ele não me explicou por quê, nem a minha mãe; só dizem que foi a família da minha mãe que não queria. Agora eu queria saber o porquê e não me contam..."

Fabiana fala da separação de seus pais e da perda de seu pai anos depois:

"... eu nasci meus pais tinham um pouco mais de um ano de casados. A união deles nunca foi tão perfeita. Minha mãe via no casamento a tentativa de libertação: casou com o primeiro namorado, que foi o meu pai, e com pouco tempo de casada viu que não era aquilo que ela imaginava que fosse. Eles se separaram quando eu tinha dois anos e dez meses, quer dizer eles tinham dois anos e dez meses de casados, e eu tinha um ano e nove meses. Essa separação foi muito complicada porque meu pai nunca aceitou isso. Ele tinha uma dificuldade muito grande em receber esse não da minha mãe, porque nunca tinha tido esse não também. E bebia, tinha problemas em relação a me buscar, me deixar, horários de visita, esses tipos de coisa; e casou novamente depois de alguns anos. Aos seis anos foi que eu passei a conviver com ele com mais proximidade, a passar finais de semana, porque ele já tava casado novamente, e a minha mãe também. E depois disso eu só convivi com ele mais três anos porque foi quando ele morreu: ele morreu quando eu tinha nove anos..."

Nas falas da maioria dos entrevistados, percebemos a presença de um ambiente familiar marcado pela desestruturação de seu núcleo principal, com perda de um ente querido, como o pai, ou com a separação dos pais. Em alguns dos depoimentos, observamos quanto tal ocorrência marcou a vida dos adolescentes. Em suas pesquisas, Cassorla (1991) verifica que a maioria dos adolescentes suicidas provém de famílias em que falta uma figura parental, ou faltam ambas, por abandono ou separação. Ele assinala que adolescentes com esse tipo de problema classificam o relacionamento com seus pais como *mau* ou *regular*. De certa forma, percebemos isso na fala de nossos entrevistados, quando relatam a dificuldade em conversar sobre o ato suicida bem como em ter um espaço para dialogar sobre as ocorrências de seu dia-a-dia.

6.3.3 Tentativa de suicídio por ingestão de medicamentos

Um aspecto interessante a ser demarcado é que os quatro entrevistados desta pesquisa realizaram suas tentativas de suicídio ingerindo medicamentos que utilizavam em seu dia-a-dia. Três dos quatro entrevistados referiram o uso de medicação controlada para tratamento da depressão ou para outro tipo de tratamento. Estatisticamente, estudos apontam para o fato de que as tentativas de suicídio ocorrem, em sua maioria, por ingestão de medicamentos, o que torna esses suicídios fracassados, pelo baixo grau de agressividade do método escolhido. Tal evidência foi verificada em pesquisa realizada entre 1993 e 1996 pelo SINITOX -Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas, em que 62% dos casos de tentativa de suicídio notificados nesse período foram feitas por ingestão de medicamentos. Tal constatação sugere que é talvez devido a essa impulsividade do ato, descrita no item 6.3.1, que esses jovens estão recorrendo ao método mais acessível no momento de questionamento de suas vidas. O medicamento de uso diário torna-se, então, o elixir para sanar a dor. Podemos perceber isso na fala de Tatiana:

"... eu tomo anticonvulsivo, eu tenho epilepsia. Aí eu tava tomando gardenal, eu tinha uma cartela cheia e outra com 15 comprimidos, e as duas estavam juntas. Eu peguei só a que tinha 15. Eu ficava me sentindo muito só, apesar de ter muita gente dentro de casa mas eu nunca conseguia conversar com ninguém. Aí escutei aquela voz me dizendo: 'vá a tal canto! pegue aquela cartela, tome!'."

Mas também vemos tal característica em Pedro:

"... porque eu me lembro que eu tomava um remédio, um antidepressivo, eu tomei por um mês e comprei outra caixa, mas não tomei e guardei. E como eu passei dois anos da minha vida em depressão, então eu resolvi, eu peguei. Eu já tinha esse pensamento de suicídio, não planejei nem nada, mas eu tinha colocado esses remédios fora da caixinha num recipiente que ficava escondido, que só eu soubesse. Não foi planejado, mas talvez inconscientemente eu já estava pensando nisso."

Fabiana também refere ter ingerido uma grande dosagem de remédios para depressão:

"*esse fato aconteceu quando eu tinha 18 anos, e a tentativa foi através da ingestão de medicamento, uma superdosagem de medicamentos. Na época eu já estava em acompanhamento psiquiátrico por uma depressão que já existia diagnosticada na parte clínica há seis meses, mais ou menos, e eu fazia uso de Tegretol, Tofamil, e Lexotan.....eram ansiolíticos e antidepressivos."*

Na fala dos entrevistados, percebemos certas peculiaridades. Em Tatiana, vemos a presença de um desejo interior, que dava a sensação de estar comandando o seu ato. Em Pedro, percebemos uma dúvida sobre se seu suicídio foi premeditado ou algo impulsivo. Entretanto, outros significados são apontados em sua fala, como a tentativa de morrer ter sido intencional. Para ele, o desejo real era de morte, associado a um sentimento de frustração latente, que o motivou a fazer uso dos medicamentos como saída para suas dificuldades. Interessante perceber aqui que os atos são precedidos de "gatilhos", fatos ou situações que impulsionam a desistência de viver, como uma frustração vivida.

6.3.4 Sentimento de arrependimento ou culpa após tentativa de suicídio

Um fato observado entre os entrevistados foi o arrependimento pelo ato suicida, expresso em palavras como as de Fabiana:

"Com algum tempo a mais, cerca de três meses depois, é que eu vim, realmente, cair na real do que tinha acontecido, do que foi ter tentado suicídio, realmente suicídio, porque nos primeiros dias, primeiros momentos, eu tava completamente fora de mim, tava frágil, sensibilizada, muito carente, precisando muito da família. Eu tive muito apoio da família, mas, assim, não tinha consciência daquilo. Eu vim ter consciência com o passar dos meses, cerca de três meses depois, foi quando eu tive apoio psicológico e vim ter noção

da gravidade do acontecido... Aí eu me senti com uma ressaca moral muito grande, porque naquele momento eu tive a noção do que era ter tentado ACABAR COM A MINHA VIDA."

Fabiana fala de seus sentimentos, da culpa por ter tentado acabar com sua própria vida, de ter se dado conta da complexidade de seu gesto e do que isso acarretaria não só para o seu viver, mas também para aqueles que a rodeiam. Refere culpa, vergonha e principalmente que sua real intenção não era a de morrer de fato. Sentimos que sua tentativa, acima de todas as coisas, representou um grande pedido de ajuda, face à angústia que vivia e que, naquele momento, tinha grande valor em seu sofrimento existencial. Fabiana aponta os conflitos vividos por um suicida, a vergonha de assumir um ato tão extremo, a maneira como isso mobilizou a sua família; enfim, ela se deu conta de como o seu ato mobilizou diversas instâncias de sua vida, não apenas a preocupação de sanar o seu sofrimento.

Porém o sentimento de arrependimento e culpa não surgem apenas no relato de Fabiana, mas também no de outras entrevistadas, como Mirela:

"...foi a coisa mais absurda que eu já fiz na minha vida. Que depois eu descobri que nada valia, que nada melhor do que a vida da gente, que a gente não pode nem, que não pode tirar a própria vida, só quem tem esse direito é Jesus, é Deus, e depois a gente vê como a vida é preciosa, né?

Por isso que hoje eu me arrependo porque eu sabia que ele não era aquela pessoa, que a gente tem que olhar muito as pessoas que estão do lado da gente, porque ele não era aquela pessoa que ia tá ali comigo pra tudo, e pra dizer: "Mirela, a gente vai enfrentar!"

Mirela fala do descontentamento por ter tentado matar-se por uma outra pessoa, demonstra decepção por ter experienciado tal vivência em função de um outro que, em suas palavras, não merecia a perda de sua própria existência. Notamos aqui um aspecto bastante recorrente na fala dos adolescentes entrevistados, que consiste na idealização do outro amado, na expectativa que têm do outro a quem amam.

Tatiana também refere tal sentimento de culpa; entretanto isso foi inserido em seu discurso a partir da fala de outras pessoas, como podemos ver no trecho seguinte do seu depoimento:

"Eu me senti culpada porque tiveram pessoas que me culparam: "se você tivesse morrido quem é que ia cuidar da sua filha??? Sua filha quando crescesse e soubesse disso ia lhe culpar, ia pensar que você abandonou ela, essas coisas..." Só que hoje em dia minha mãe tem medo: "Tome esses antidepressivos que você vai fazer de novo esse negócio..." Eu digo: "Não, como antes eu não pensei na minha filha, hoje eu penso demais, demais, demais, demais!"

Nesse trecho percebemos o peso das opiniões dos outros em nossa percepção. Tatiana passou a sentir-se culpada pelo seu ato a partir do momento em que outros a censuraram, quando passaram a julgá-la e a atribuir-lhe a responsabilidade pelas conseqüências do seu ato. Essa fala nos remete ao processo de formação do *self* segundo as idéias de Rogers (1977), visto que, para ele, no momento em que a pessoa está incongruente com a sua experiência, com seus pensamentos e sentimentos, ela passa a adotar o outro como referência. Desse modo, os valores de outrem passam a ser incorporados ao seu campo de valores, como pertencentes ao seu autoconceito. Percebemos isso claramente na fala de Tatiana, pois ela passa a se culpabilizar pelo ato suicida a partir da valoração atribuída pelos outros ao seu ato.

Já Pedro sente arrependimento por sua tentativa de suicídio a partir de um outro âmbito, como podemos ver em seu depoimento:

"Depois que eu me dei conta do que eu fiz, eu me arrependi, pelo que eu estava passando, pelo que eu senti dentro do hospital. A sensação foi desagradável, mas eu não senti culpa não, depois, do que eu fiz. Também não tive, agora não culpa de eu ficar me martirizando, porque eu não acredito em culpa; é outra coisa que eu também desdogmatizei da minha vida: culpa, amor, etc, eu já tirei da minha vida."

No relato de Pedro, revela-se uma outra percepção sobre o que aconteceu com ele. Seu sentimento foi de arrependimento, não pela tentativa em si, mas pelo sofrimento que ele estava vivendo no hospital: estar sozinho, sendo submetido a intervenções invasivas e experienciadas com desagrado, ou seja, não há uma culpa em relação ao ato, como percebemos em outros entrevistados, mas sim um arrependimento de ter-se colocado em uma situação que o obrigou a sofrer procedimentos médicos tão desagradáveis.

Interessante apontarmos aqui como cada experiência de tentar suicídio é única e particular. Estamos falando de uma vivência que se processa de diferentes maneiras em cada sujeito. Vemos a tentativa de suicídio encarada com ressentimento, devido ao sofrimento causado à família, mas vemos que esta também pode causar dor e culpa por sentir que não vale a pena morrer por um outro amado, assim como vemos essa assunção da culpa pela tentativa do ato em função dos significados que os outros atribuíram a ele. Percebe-se, igualmente, um sentimento de arrependimento referido especificamente à dor física causada pela tentativa suicida. São diferentes maneiras de se perceber o mesmo fenômeno; são diferentes significados atribuídos à mesma experiência: a tentativa de perder a vida em função de um outro amado, na adolescência.

6.3.5 Autoconceito do adolescente

Um outro aspecto interessante observado em nossa pesquisa é a expressão de conteúdos referentes à definição de si mesmos como se vê em Pedro:

"... eu sempre me achei a pior pessoa do mundo... nunca me senti pertencente ao grupo em que eu vivia da adolescência, que é com menino com treze/catorze anos já perde a virgindade, fica com cinco meninas numa noite, etc; que você sabe que é comum. Quando eu era adolescente eu não pertencia ao senso comum: desde a minha infância eu preferia estar com adultos ao invés de estar brincando, eu sempre tive esse lado. Não que eu não fosse uma pessoa totalmente excluída, eu tinha as minhas amizades, muita gente gostava de mim, as crianças sempre me adoraram, eu sempre fui líder de turma, até na faculdade hoje em dia eu sou..."

Pedro nos fala do seu sentimento de não fazer parte do grupo da adolescência, dessa inadequação aos valores seguidos pelos seus pares, de sentir-se pior que os outros e de como isso o fez tornar-se reservado em relação a suas idéias, acreditando que elas não poderiam ser compartilhadas com os demais do grupo. Entretanto, como encontramos nos teóricos da adolescência, a formação de grupos de pares nessa fase é um comportamento característico, também contribuindo para a formação do *self*. Pedro construiu seu autoconceito a partir dessa percepção que tinha de si: diferente, com idéias que não poderiam ser compartilhadas; inadequado, pois não conseguia agir como os demais e encontrar um grupo com o qual se identificasse. Sendo assim, de certa forma, isso contribuiu para a formação simbiótica estabelecida com a namorada. Como vimos em um outro trecho anterior de seu depoimento, ele expressa um sentimento de afinidade com ela, de sentir que tinham os mesmos gostos, de que havia coisas em comum entre eles. Enfim, Pedro encontrou uma afiliação e, de certa forma, se viu aclarado nela, reconheceu-se nesse outro que dizia muito de si mesmo.

Mirela também menciona essa definição de *si mesma*:

"... E antes de eu conhecer ele eu sempre tive muitos amigos, muitos, muitos, muitos. Eu desperdicei muitas pessoas por causa dele, entendeu? Assim, pessoas que eu não olhava, que eu olhava com olhos amigos, e que pra mim era só amigo, aquele amigo pra sentar e conversar, e pronto. Eu tinha e tenho muitos amigos, graças a Deus, não amigos assim, eu tô dizendo assim colegas, porque hoje em dia eu vejo que amigo mesmo eu só tenho minha mãe e meu pai. Amigo pra eu contar mesmo, pra sentar comigo e conversar, pra eu me abrir, escancarar, que eu sei que não vai acontecer nada, é só eles

dois, mas assim colegas, pessoas conhecidas, pessoas que eu goste, que gostam de mim, eu tenho muitos, muitos mesmo e em todo canto que eu chego eu gosto muito de conversar, e em todo canto que eu chego eu faço alguma amizade, porque eu não sou aquela pessoa calada, que..., sabe? Aquela pessoa quieta, eu nunca fui quieta e mesmo namorando eu continuei do mesmo jeito. Era isso, pronto, a única coisa que ele admirava em mim, eu sei que ele admirava isso: era eu não ter medo de falar com ninguém, porque tem meninas que se fecham por conta do namorado, se concentram só nele e pronto! é só ele: não tem mais amigos, só sai com ele; eu não, eu tinha meus amigos, eu conversava com eles do mesmo jeito, da mesma forma, tanto porque eu não tinha nada a esconder dele, tanto porque eu não ia deixar de falar com meus amigos por causa dele, entendeu? Isso aí eu não privava, conversava com eles do mesmo jeito, apresentava a ele, sabe?"

Mirela menciona ter continuado a mesma pessoa, não ter havido mudanças após o início da relação com o namorado, entretanto observamos que houve coisas de que ela abriu mão por essa relação, como não ter se aproximado de pessoas que poderiam ter sido interessantes para sua vida. Um outro ponto importante que se depreende de sua fala é que talvez ela não tenha mudado nesse aspecto pelo fato de que essa sua característica era admiradas por ele, e isso era a única coisa que ela definitivamente sabia que ele apreciava em sua pessoa. Talvez ela não tenha mudado para corresponder às expectativas do outro amado, para atender ao apreço e ao elogio do outro. Se pensarmos em outras falas dos entrevistados, entenderemos que sentir-se especial para o outro é um dos anseios que existem na relação amorosa. Isso está em consonância com a reflexão de Rogers de que estando inconguente com sua experiência, o indivíduo passa a adotar o outro como referencial, como foi bem explanado em outros momentos deste trabalho.

Tatiana também relata apreciações acerca de simesma, especialmente de seu comportamento na infância:

"... aí eu ficava muito no canto, assim todo mundo na escola era bagunçando e eu no meu canto quietinha. Aí a professora uma vez na reunião falou com mãinha e disse que pra falar comigo tem que falar: "Tatiana, FALE!" – exagerou um pouquinho mas eu sou realmente desse jeito. _"Ela é tão calada, não fala nada, não pede explicação, ela até tem umas notinhas boas, mas não pede explicação". Porque todo mundo fala no colégio, né? Se comunica, mesmo que seja calado, mas eu era demais não falava com ninguém... Aí ,

sempre foi assim... Eu nunca conversei com ninguém... quando eu chegava pra conversar com alguém era um livro..."

Em Tatiana, percebemos um outro conteúdo: a genuína expressão de si, muitas vezes marcada pelas definições que os outros têm dela e que, em muitos momentos, ela incorpora para si mesma como a maneira como os outros a percebem, o que acham dela. De certa forma, isso passou a ser incorporado a seu autoconceito, à maneira como ela se percebe. Isso reflete exatamente a forma como Rogers (1977) concebe a construção do *self*: como algo composto pelas percepções que o sujeito tem de si, a partir de sua interação com o mundo, mas também baseada nos valores que os outros atribuem à sua pessoa.

Já Fabiana percebe a si mesma como tendo sido uma pessoa diferente antes da relação amorosa:

"...A minha vida antes dessa relação era completamente diferente, por isso que tudo mudou tanto: eu sempre fui uma pessoa extremamente animada, sempre tive muitos amigos, sempre fui muito expansiva, muito voluntariosa, muito viva, sempre gostei muito da vida, sempre gostei muito de estar fazendo muitas coisas ao mesmo tempo, sempre fui muito ativa. E a mudança de vida, de comportamento por essa nova relação, é que fez se desconfiar dessa depressão e essa depressão se instalar e a tentativa de suicídio chegar em seguida. E aí minha vida mudou radicalmente, a menina que era feliz, pra cima, cheia de amigos, se afastou dos amigos, deixou de ter aquele comportamento animado, passou a ser uma pessoa com muita raiva, explosiva e que queria aquele sim que sempre teve e não conseguia porque só recebia não. E minha vida passou a ser a relação... E acho que, no meu caso, quando passei a viver a vida de outra pessoa, eu me perdi de mim..."

Fabiana fala da mudança em relação à sua percepção de si a partir da vivência da relação amorosa. Interessante perceber que isso também está em consonância com a formação do autoconceito, tendo em vista que este é formado a partir da interação do homem com o mundo e, portanto, não é estático. Assim, vemos em Fabiana a mudança na maneira como ela se percebia antes da relação, atribuindo a si características positivas – expansiva, apegada à vida – e como, após o início do relacionamento, a maneira como ela se inseriu nessa relação amorosa fez com que ela passasse a viver a vida de um outro,

distanciando-se de si mesma, misturando-se os limites do *self* de um e de outro, fazendo com que ela se distanciasse de si mesma, sendo melhor explicada no próximo item desta análise.

6.3.6 Vivências concernentes à relação amorosa e ao outro amado.

Em relação ao outro, percebemos nos discursos uma vivência intensa em função do ser amado, como ocorre no relato de Pedro:

"Eu tive um relacionamento com uma garota e eu amava ela, então eu comecei a achar que ela era o foco da minha vida, eu comecei a colocar ela no centro da minha vida, pensando que se eu não vivesse com ela a vida não teria pra mim nenhuma outra importância.

Ela tinha tudo que eu imaginava de mulher ideal pra minha vida, então eu fantasiei que só existia ela pra minha vida."

Há uma referência semelhante no discurso de Fabiana:

" Eu me apaixonei perdidamente porque nunca tinha tido um namoro tão próximo, tão ligado, tão maduro, com alguém que me assumisse, me levasse pros lugares, que fosse tão presente, tão interessado, que demonstrasse tanto amor, me querer tanto, né? Então me apeguei muito por isso, porque ele era um namorado mais velho que eu, foi um namorado completamente diferente dos outros poucos namoros que eu tinha tido, e a gente acaba se apegando a esse contexto que você nunca tinha vivido e você fica deslumbrado e quando você vai ver você tá completamente apaixonado, sem saber como conduzir as coisas. E foi o que aconteceu no meu caso: quando eu vi eu já tava apaixonada por ele.

E minha vida passou a ser a relação, eu passei a viver a vida de outra pessoa, e deixei de viver a minha."

Mirela refere também esse sentimento intenso em relação ao outro:

"Eu sentia que eu gostava mais dele, eu sentia que eu não me amava e gostava mais dele do que a mim mesma, entendeu?... Eu gostava muito dele, muito, muito mesmo! Não, eu não vou negar, né? Porque quando a gente gosta a gente parece que cega tudo."

Nos depoimentos acima, percebemos um sentimento em relação ao outro vivido de maneira intensa, assim como a relação amorosa também era vivida dessa forma. O outro é referido como centro da vida do entrevistado, centro de sua atenção, o que faz com que ele atribua seus sentimentos ao outro, colocando a si mesmo em segundo plano. Tal reflexão nos faz lembrar Cassorla (1991), o qual, refletindo sobre a tentativa de suicídio amoroso entre mulheres, verificou a presença de uma relação simbiótica entre os amantes, dando a sensação de que os sentimentos e desejos são um só. É interessante perceber que aqui vemos esse sentimento presente não só em mulheres, mas também no adolescente entrevistado, o qual também colocou a namorada num lugar central de sua vida, sentindo até que sem ela a vida não teria mais importância.

Em seu discurso, Fabiana relata como o outro a assumiu e lhe favoreceu experiências novas. Sendo esse outro alguém tão presente e que demonstrava lhe querer tanto, isso nos faz refletir sobre a construção de *self* dos adolescentes que tentam suicídio, a partir da reflexão de Rogers: essa relação, vivida de maneira tão intensa, os faz sentirem-se especiais, amados, dando um sentido para as suas vidas, mesmo que isso seja viver para o outro. Esse outro a quem eles amam diz muito deles mesmos, leva-os a atribuir novos significados a si mesmos, significados que muitas vezes expressam naquele momento quem eles são, ou quem gostariam de ser para esse outro.

Além disso, o que percebemos em diversos momentos da fala desses jovens é que os limites do *self* entre cada um deles eles e seu(sua) namorado(a) se confundem, de maneira que eles não sabiam mais o que pertencia a eles e o que pertencia ao outro. Passaram a ser um só ser, em que as vontades, os desejos do outro eram incorporados como se fossem seus, pertencentes ao seu autoconceito. A baixa auto-estima, uma concepção de

si negativa, os fez adotar como ponto de referência a fala, a voz do outro, que passa a ser introjetada por eles como se fosse a sua real experiência. O outro que os aprecia e a quem eles amam, passa a ser o mundo real de experiências desses adolescentes, que se distanciam de si mesmos e, conseqüentemente, de quem eles realmente são, em função da adoção de um referencial de um outro que não eles mesmos.

Toda essa reflexão, como foi dito anteriormente, nos remete a Rogers (1977), com sua noção de *inautenticidade*, em que experiências, valores e idéias dos outros passam a ser incorporados como próprios, fazendo com que o sujeito se distancie de seu *si mesmo*. Podemos, assim, pensar que os adolescentes aqui estudados, na maioria das vezes, agiram de forma inautêntica.

Outro aspecto observado na vivência da relação amorosa é a baixa auto-estima e a necessidade de sentir-se especial para o outro. Tal aspecto pôde ser observado no relato de Mirela, que reflete sobre o que a fazia manter a relação amorosa:

> *"Eu fico pensando no que me fez ficar tanto tempo com ele nesse sofrimento. Eu acho que foi a insistência, eu acho que por ser assim meu primeiro namorado, era a insistência. Eu sou muito insistente quando eu quero uma coisa, a insistência de ele querer me amar do mesmo jeito, que ele gostasse de mim do mesmo jeito que eu gostava dele, entendeu? Eu acho que foi isso que fez eu querer ultrapassar tudo, eu chegar ao limite, a chegar que ele gostasse de mim e pronto e acabou-se, e que a gente ia ser feliz para sempre."*

Mirela relata que gostaria de se sentir amada pelo outro na mesma intensidade que o amava, que gostaria de ser especial para ele. Ela desejava afirmar isso para si mesma, precisava sentir que também poderia ser amada. Isso refletiria no seu modo de se perceber e de atribuir significados a si mesma. Sim, se ela o ama e se dedica a esse amor, o que há de errado que ela não consegue ser tão especial a ponto de receber o mesmo amor em troca? Ela precisava ter isso, ela precisava afirmar para si que era alguém passível de ser amada

tão intensamente por um outro, que ela tinha atributos a serem desejados por um outro amado. Mas tal relato também nos remete à concepção de baixa auto-estima, em função da necessidade de sentir-se especial para alguém.

Nesse sentido, observamos que, para Mirela, o que a fez desistir de viver foi a sensação que ela tinha de que o outro a deixaria, a abandonaria.

"O que mais me levou a tentar me matar foi o medo que eu tinha de que o meu namorado me deixasse, eu tinha isso demais. Isso tudo era porque ele não me passava segurança, assim ele não era aquela pessoa de tá assim... não aquele homem meloso, mas aquela pessoa de tá assim dizendo que gosta de você, dizendo que tá com você pra tudo, mesmo que só sejam palavras, mas que ao menos conforte você, ele não era aquela pessoa de tá ligado a mim e eu sabia disso, eu sentia isso... Por isso essa minha insegurança, foi isso que gerou tudo: eu era muito insegura com razão, porque eu tinha razão, porque eu sabia a pessoa, a gente sabe a pessoa que a gente tá convivendo. Se ela, pelos gestos, pelo jeito dela, que ela gosta da gente, então eu sentia isso..."

Nesse trecho, a entrevistada fala do gatilho que motivou a sua tentativa de suicídio, ou seja, do que a fez desistir de viver – o fato de o outro a quem ela amava tê-la abandonado, deixando-a entregue a seus próprios sentimentos. Um outro que a deixava insegura, que a entregava à sensação de que não pertencia a ele completamente, de que os sentimentos e olhares dele não eram completamente dela. Que despertava nela fantasias de que ela estaria para ser abandonada a qualquer momento, de que ela era passível de ser esquecida. Tal sensação a fez questionar seu próprio valor, tornando-se insegura em relação a esse outro. Sua insegurança não se baseava só na possibilidade de que ele não a amar mais, mas também na de isso acontecer porque ela não oferecia razões para que ele permanecesse junto a ela. Isso também tem plena relação com nossas reflexões sobre a construção do *self* desses jovens, visto que uma adequada formação do *self*, que os fizesse ter uma real noção de quem são, dos valores e atributos que possuem, certamente não lhes

permitiria estabelecer uma relação em que a avaliação da própria experiência localiza-se no outro, e não em si mesmos.

Acerca disso, verificamos também, em momentos das falas de algumas entrevistadas, percebemos a referência a um sentimento de obsessão para com o outro, como ocorre na fala de Mirela:

"... que é como se fosse aquela obsessão, como se tivesse obsecada e eu era assim, obsecada: se ele olhasse pro lado eu já achava que... é como eu disse a você eu era aquela pessoa insegura, ele não me passava aquela segurança. Por isso que eu me tornei aquela pessoa obsecada, obsessiva, olhava assim o que ele tava olhando, chorava com tudo. Se ele não me ligasse uma vez eu chorava, porque eu já pensava besteira, então não era aquela relação boa, era uma relação que me prejudicava, entendeu? Que ao mesmo tempo eu achava que era maravilhoso, que "ai! eu amo" mas não era amor, porque amor não me faz chorar, não me faz mal..."

Fabiana também menciona um comportamento obsessivo em relação ao outro, mas, para ela, isso teria uma conotação, que não era a de sentir-se insegura e precisar ter controle absoluto sobre o outro. Para Fabiana, sua obsessão era por conseguir obter o que queria do outro amado e isso, de certa forma, configurou o motivo que a levou a tentar desistir de viver.

"Nós namoramos sete meses até eu tentar suicídio. No primeiro mês de relação eu já identifiquei todos esses problemas e já tava... minha vida já tinha mudado: eu já precisava mentir, eu já usava subterfúgios, e já, o comportamento já era alterado. Era diferente, porque eu mentia pra estar com ele, pra fazer coisas que eu estava gostando de fazer e nunca tinha feito e não tinha permissão da família, que não podia fazer antes, então pra viver essa nova vida que eu tava passando a ter contato, vamos dizer assim, que eu nunca tinha tido antes..."
"*... Eu sempre tive muitos sins, todos os sins, todas as bonecas, todas as barbies, todas as roupas, todas as amiguinhas, ganhava todas as brincadeiras para que eu não chorasse, e sempre tive sim..."*

Fabiana relata a frustração por não ter mais quem amava, a frustração por o outro não a querer mais, por lhe ter proporcionado o primeiro não de sua vida. Na construção do seu autoconceito, ela sempre se via como vitoriosa, como alguém que sempre conseguia o

que queria, exatamente como desejava. E esse outro, que não a amava como ela queria, que não agia como ela desejava e principalmente que a rejeitava, a fez entrar em contato com algo nunca vivido. Essa nova experiência, vivenciada de forma tão intensa, se tornou incongruente, segundo a compreensão proposta por Carl Rogers (1977), com a maneira como ela sempre se observou e como todos colaboraram para que ela se percebesse. Ela se perdeu, dentro de si mesma, ao tentar lidar com esse novo conceito. Passou a ser suficientemente difícil viver com a frustração de que nem sempre ela conseguiria o que queria. Essa nova verdade, esse novo conceito, passou a não ter respaldo em sua experiência vivida. Mas não seria possível rejeitar racionalmente essa experiência. Quem sabe a tentativa de suicídio não foi uma tentativa de rejeitar uma experiência tão dolorosa, causadora de tamanho sofrimento?

Fabiana, como foi dito anteriormente, também refere um comportamento extremamente direcionado para o outro, o que estamos chamando de obsessivo, mas sua obsessão pelo outro era de que ele se tornasse o que ela gostaria que ele fosse, que proporcionasse a ela a realização de todas as suas vontades. Na verdade, era uma tentativa de transformar essa realidade, mais uma vez baseada no autoconceito que ela possuía de si, de que realmente conseguiria o que queria.

Ainda em relação à vivência da relação amorosa, percebemos que, na experiência de tentativa de suicídio de Tatiana, a motivação para tal ato foram as inseguranças sentidas diante da fantasia do abandono. Tais sensações eram fruto apenas de suas fantasias diante de um momento de vida conturbado emocionalmente.

"... Nessa época meu esposo estava saindo muito para comprar as peças do computador e eu ficava assim meio desconfiada, porque ele saía demais, não sei ... e ele: "Não tenho tempo, meu amor, eu tenho que estudar, eu tenho que comprar esse

computador logo, não sei o quê...” Aí eu ficava me sentindo muito só, apesar de ter muita gente dentro de casa mas eu nunca conseguia conversar com ninguém...

... Quando eu começo a pensar começam a vir pensamentos ruins, sabe? O povo diz que quando a pessoa não procura fazer muito as coisas só o que vem é pensamento ruim...

...E aí vinham pela minha cabeça só pensamentos ruins... “Acho que ele tá querendo me deixar... será que eu tô sendo uma boa mãe? uma boa esposa? eu acho que o pessoal aqui não gosta de mim”

Em Tatiana percebemos um sentimento de baixa auto-estima, uma insegurança em relação a si mesma, motivada por tantas mudanças de vida: gravidez na adolescência, vivências anteriores traumatizantes, assim como experiências anteriores em sua história de vida, o que nos faz recordar de que toda tentativa de suicídio ou ato suicida é multideterminado, ou seja, nunca é motivada apenas por um aspecto de vida, mas sim por todo um conjunto. Tatiana apresenta isso de maneira mais enfática, visto que esses fatores contribuíram para seu sentimento de tristeza e insegurança em relação ao marido, muito embora ela mesma assuma que não havia motivos reais para que ela temesse que ele a abandonasse.

Mas como em Tatiana, encontramos nos demais participantes aspectos que nos permitem perceber uma história de vida marcada por separação dos pais, perda de um ente querido, falta de diálogo no ambiente familiar, eventos traumatizantes – como estupro –, uma educação repressora, com valores rígidos. De certa maneira, esses fatores, confluindo e em permanente interação com os acontecimentos vividos pelos sujeitos, os conduziram a vivenciarem a relação amorosa de maneira tão intensa. Para alguns, a relação amorosa era a possibilidade de terem uma vida diferente, um lar como sonharam, marcado por essa visão de amor romântico presente em nossa cultura. É freqüente encontrar na fala dos adolescentes entrevistados a menção de que eles sempre foram o que sempre sonharam.

Para outros entrevistados, a relação amorosa que mantinha com o(a) namorado(a) era a tentativa de perpetuarem a que viam entre os pais, na construção de um lar, de uma família.

Além disso, percebemos também uma idealização do(a) namorado(a), como é visto no discurso de Pedro, o qual marca sua fala com essa idealização do amor, essa expectativa que tinha de um outro amado.

"... eu já tinha um visão idealizada do que seria amor, de que eu encontraria uma garota, e que eu casaria com ela, teria filhos, etc e tal, e eu botei essa garota como se fosse, como se ela pertencesse a esse sonho meu. Eu quando tendo a rever a mim mesmo, a conhecer mim mesmo, como Sócrates dizia, eu tento procurar entender os meus antepassados históricos. Eu tinha uma mãe e isso eu fiquei sabendo depois, eu mesmo procurando saber, que na minha idade infantil sempre dizia: "Oh, meu filho, você vai casar com uma mulher que vai ser bonita, pura, etc etc e tal" " e você não tem que ficar olhando pra essas meninas vadias." E eu tinha um pai que ficava dizendo ao contrário: "Olha aquela menina bonitinha ali", mas, como o discurso da mãe influencia muito na criança, ainda mais quando existe um Édipo forte, então acaba que assimilando e vai levando pra sua vida. Então, quando eu encontrei esta garota, eu pensei que eu poderia perpetuar o relacionamento que eu não tive com a minha mãe, daquela coisa do Édipo, né? E eu me frustrei com essa garota porque, por mais qualidades que ela tinha, ela não era o que eu idealizava, porque quando se fala em amor se idealiza muito. O amor mesmo é...o amor mesmo não é isso que estamos acostumados a ver em filmes, em novelas, e que a mídia ao mesmo tempo que impõe, a sociedade faz de outra maneira, enfim, mas na época eu era muito cheio de dogmas e acreditava em amor..."

No relato de Pedro, vemos a presença de um relacionamento em que os limites do *self* dos dois se confundiram, assim como, percebemos também a presença de uma frustração, quando a namorada não correspondeu plenamente ao ideal de amor romântico de Pedro. A recusa dela o fez perder-se de si, entrando em depressão, um estado de tristeza profunda. De certa maneira, nesse momento ele também se privou de viver. Vivenciava outras mortes, como deixar de comer – alimentar a vida – deixar de estudar, deixar de sair, passando a viver apenas em função do ser amado. Lidar com tantas negações ao mesmo tempo fez Pedro perder parte do seu ideal de vida.

Esse ideal de amor esteve presente nos depoimentos de Pedro, mas também no de outras entrevistadas.

Fabiana traz em suas palavras o que seu namorado representava em sua vida:

"... ele era o grande amor da minha vida, algo que eu nunca tinha tido antes, algo que eu sempre sonhei..."

Aqui transparece uma idealização do outro, ou seja, o outro corresponderia ao ideal de amor presente nos sonhos e ideais de Fabiana, em suas fantasias, e isso permeia toda a sua interação com o mundo e com os outros, visto que, pelas suas próprias palavras, esse a quem ela amava era tudo o que ela sempre tinha sonhado. Isso, por si só, torna a relação dessa jovem com esse outro amado circunstanciada pelo fato de que ele atende ao ideal de homem amado.

Mirela também refere certa decepção por perceber que o outro não correspondia ao que imaginava, como foi visto no trecho a seguir:

"... foi na convivência que eu descobri que ele não era essa pessoa que eu tava pensando, aí o baque foi grande. Quando a gente cai assim, quando a gente tá lá em cima, achando que tá lá em cima, quando a gente cai é horrível, a sensação é horrível, foi a sensação mais horrível da minha vida, sabe? ..."

Aqui aparece a expressão de sensações que correspondem à decepção que Mirela sente ao perceber que o outro não atende às expectativas e ideais traçados anteriormente. Podemos refletir sobre como socialmente idealizamos nossos parceiros, sonhos, projetos, e como isso passa, muitas vezes, a determinar a maneira como lidamos com nossos objetivos. Mirela expressa com sentimentos e palavras a frustração sentida ao perceber que o outro

amado diferenciava-se desse ideal, o que a leva a sentir-se caindo de um sonho, a sentir que está desmoronando uma de suas verdades. Conviver com isso a fez, em um outro momento de vida, não mais desistir de si mesma, mas sim, desistir da relação amorosa.

Góis, Araújo e Rodrigues (2002) fazem menção a essa idealização amorosa em pesquisa sobre o amor, perceberam que, entre os entrevistados, havia uma referência à idealização do outro quando se está apaixonado. Consideramos que tal fato foi corroborado em nossa pesquisa, por observarmos a presença desse componente na forma como o parceiro amado era imaginado.

6.3.7 Presença de comportamentos depressivos

Outro aspecto percebido em alguns entrevistados foi a presença de comportamentos depressivos, como é o caso de Fabiana, comprovado no trecho a seguir:

"... Em tratamento, na época eu já tava fazendo uso dessa medicação que eu disse, eu vivia muito dopada, com muito sono, já estava afastada das minhas atividades tanto estudantis quanto profissionais. Eu vivia o tempo inteiro dentro de casa, tomava remédios três vezes ao dia, eu dormia muito, tinha muito sono, minha interação com as pessoas era diferente, falava muito pouco com os outros..."

Em Pedro, também percebemos referências a comportamentos como os descritos acima.

"*... Eu ficava na cama sem comer, e minha mãe tentando me animar. Aí eu peguei cortei meu cabelo, eu tinha o cabelo muito grande, entendeu? Eu tinha o cabelo grandão e eu cortei o cabelo do nada, coisa pra chamar a atenção mesmo. E ficava na cama, etc. Até que eu peguei cortei um pulso, o outro, e minha mãe me levou pro hospital. Ás vezes eu ficava sete, oito dias sem comer, cheguei a ficar sete, oito dias sem comer mesmo, só bebendo água, e no meu quarto depressivo."*

Em pesquisa realizada por Filho, Mezzaroba, Turini, Koike, Júnior, Shibayama e Fenner (2002), com adolescentes que tentaram suicídio através da ingestão de medicamentos, os autores observaram que, em 67,1% dos casos estudados, houve a referência a diagnóstico depressivo, o que, de certa maneira, corrobora observações da literatura sobre a relação entre depressão e ocorrência de suicídio.

6.3.8 Gravidez durante a relação com os parceiros pelos quais tentaram suicídio.

Na apreciação das entrevistas, observou-se também que as três entrevistadas engravidaram dos parceiros com quem estavam durante a tentativa de suicídio, como mostram os relatos a seguir:

"Aí eu fiquei grávida em 2004, em 2005 eu fiquei grávida dele. Aí a gente passou um tempo pra ele dar um jeito na vida dele, e a gente foi morar junto, só que com essa moradia que eu descobri que ele não era essa pessoa que eu tava pensando" (Mirela)

"Depois disso eu engravidei, três meses depois da tentativa. E aí ficamos juntos até o meu quinto mês de gravidez. Nos separamos, voltamos a ficar juntos a nossa filha já tinha quatro meses. Nos separamos novamente em 2001, por discussões, confusões, ciúmes." (Fabiana)

"O pior que, logo depois que teve esse estupro, um mês depois eu engravidei ... Aí foi um auê, o povo todo vivia me condenando pensando que eu tinha mentido da camisinha e que eu tava grávida dele... Aí por sorte, pra ter a prova concreta, minha filha nasceu a cara do meu esposo, a cópia..." (Tatiana)

Cassorla (1991) comenta que seu estudo com mulheres que havia, tentado suicídio revelou ser comum ter havido uma gravidez, possivelmente em função de uma tentativa de reestabelecer a relação simbiótica da qual falamos anteriormente. Observamos que, com duas de nossas entrevistadas, a gravidez aconteceu após a tentativa de suicídio, enquanto que uma das participantes da pesquisa engravidou antes da tentativa de suicídio (após um acontecimento marcante e traumático em sua vida). Relacionada a essa observação, vimos a presença de um relacionamento, em muitos momentos, marcado pela vivência da vida do outro como a própria vida, pela concepção de que esse outro amado passa a ser o centro de sua vida, fazendo-o distanciar-se de si mesmo, como discutido em tópicos anteriores a partir da reflexão da construção do *self*.

6.3.9 Multideterminação do ato suicida

Nas entrevistas realizadas, apesar de estarmos estudando a relação entre tentativa de suicídio de adolescentes e questões amorosas, vimos que não é apenas esse fator que determina a tentativa de suicídio em si, mas a interação dos mais diversos fatores que integram a vida do sujeito, como ficou claro em vários momentos.

Como podemos ver na fala de Tatiana, a questão amorosa parece ter sido a "gota d'água":

"... Quando eu cheguei a tomar os comprimidos eu cheguei até a pensar, depois que eu tinha tomado: ' eu devia ter feito isso quando eu fui estuprada... pra morrer logo de uma vez!'..."

Pedro menciona a interferência familiar como tendo constribuído para sua tentativa de suicídio:

"... meu pai enchia muito o meu saco. Você sabe que ele é lei, e quando eu tava com ele, ele ficava enchendo muito meu saco e ele falou alguma coisa que eu não gostei no dia e não me deixava ver ela, porque eu queria ver ela, e ele tava seguindo o mesmo papel. E ele não deixava e eu tinha tido uma briga com ele..."

Mirela também menciona um certo receio dos julgamentos que poderia sofrer de sua família, como podemos ver em sua fala:

"... eu comecei a namorar com um rapaz e ele... assim... e a gente transou pela primeira vez, só que era minha primeira vez e a gente não... e eu pensava assim... que meus pais descobrindo... que meus pais descobrindo eles não iam aceitar de jeito nenhum e depois eu descobri que ele não queria mais nada comigo. Eu não descobri, eu pensei isso, eu... por eu ter cedido assim muito fácil, entendeu? Aí já fazia quantos meses de namoro? nove meses de namoro, e a gente teve nossa primeira vez. Minha mãe descobriu, eu descobri que teve um telefonema, minha tia ligou dizendo pra ela. E quando ela me disse eu fiquei assustada, e saí de dentro de casa. Aí eu saí de dentro de casa quando ela descobriu que eu não era mais virgem, aí quando eu saí de dentro de casa, eu passei cinco dias sumida. Aí voltei de novo, voltei pra casa, e eu pensando que eu tinha dado muito desgosto a eles..."

Ressaltamos a importância de não tentarmos compreender a tentativa de suicídio a partir de fatos isolados, visto que esse é um fenômeno multideterminado: como vimos, vários fatores interagem para fazer com que um jovem pense em desistir de sua vida. Tais fatores influenciam na maneira como o jovem se relaciona com o mundo e com as pessoas ao seu redor. Isso também pode influenciar a maneira como eles se posiciona diante de um outro no contexto da relação amorosa. Sabemos que todas as experiências vividas pelo adolescente e pelo ser humano, desde a sua infância, contribuem para a formação do seu autoconceito. Dependendo da maneira como essas experiências são internalizadas, são significadas pelo homem, elas vão favorecer uma noção de si mesmo realista ou não. E é exatamente isso que vai determinar a maneira como o ser humano e por que não dizer, o

adolescente, vai se posicionar, se perceber na interação com os outros componentes do seu mundo.

6.3.10 Reflexão sobre a tentativa de suicídio como algo mobilizador da ressignificação da vida

Um outro ponto interessante a ser destacado em nossa análise é papel reconstrutor que a experiência de entrar em contato com sua finitude teve para esses jovens. Todos os nossos quatro entrevistados relataram uma certa ressignificação de seu viver após a tentativa de suicídio. E isso se torna relevante quando retomamos a fala de Cassorla (1991), o qual relata que existem indícios de que, em alguns casos, a tentativa de suicídio entre adolescentes pode ser considerada como um fator estruturante da personalidade, visto que seria uma tentativa do ego de apelar para o meio ambiente, como um pedido de ajuda.

Fabiana menciona isso quando fala de sua percepção de si após a tentativa de suicídio:

"... vamos dizer que a traumática experiência da tentativa de suicídio me fez muito forte, me fez aprender uma lição muito bem aprendida e me fez ter facilidade de lidar com esse não nas vezes seguintes...

... Eu cheguei à conclusão de que no fundo no fundo, tudo aquilo foi vivido para que eu amadurecesse, para que eu entrasse em contato com esse não, o primeiro da minha vida. Serviu muito para que eu crescesse, amadurecesse, para hoje eu fizesse essa leitura que eu faço, de tudo que aconteceu, da relação e da tentativa de suicídio. E eu enxerguei que por mais que ele tivesse feito todas as tentativas de me conquistar, de me fazer acreditar nesse sentimento, que agora era de verdade, era maduro, mas não foi mais suficiente, tanto que nos separamos...

Hoje eu não tenho mais nenhuma dificuldade de falar sobre a minha tentativa, em conviver com isso, e vejo tudo isso como uma forma muito dura, muito sofrida de amadurecimento. Hoje eu não digo que dou graças a Deus e fico feliz com isso, por ter passado por todas as coisas, porque eu seria hipócrita, mas eu consegui tirar lições de todos esses momentos difíceis, dolorosos, culposos. Eu consegui tirar lições disso tudo e

trazer coisas boas pra minha vida atual baseado nesse sofrimento, nesse marco da minha vida. Eu juntei os cacos e me refiz. Fiz uma nova pessoa..."

A fala de Fabiana expressa uma ressignificação de sua vida, em que ela passa a se perceber de uma maneira diferente, definindo-se como forte e amadurecida. Essa modificação de sua percepção refletiu-se em seus atos e fez com que ela afirmasse que podia se refazer, passando a ressignificar a sua pessoa.

Tal percepção vemos também em Mirela:

"E depois de tudo eu... eu acho que eu mudei de pensamento, de cérebro, o meu se transformou: aquela Mirela imatura, aquela Mirela que achava que o mundo era um mundo de fantasias, sabe? que a gente, as pessoas eram maravilhosas, e todo mundo era, sabe? e a gente não deveria desconfiar de ninguém, porque todo mundo é mil maravilhas, mudou completamente. Mudou, mudou totalmente. Eu mudei totalmente, mudei muito. Agora a minha mudança, graças a Deus, foi pra melhor. Eu acho não, eu tenho certeza. Foi pra melhor. Melhorou, melhorou que se eu entrar numa relação hoje em dia, eu vou me amar mais, eu me amo! A gente tem que olhar no espelho e dizer: "eu me amo, eu sou mais eu!" Hoje em dia eu sou mais eu. Tanto por mim, quanto pela minha filha, eu sou mais eu! Se eu entrar na relação, eu sou uma pessoa que não sou mais fútil, não tenho mais aquela ligação de que eu tenho que tá bonita pra ele me olhar. Eu era muito assim, eu tenho que tá bonita pra ele me achar bonita e não eu me achar bonita, entendeu? No caso se eu tivesse bonita e ele dissesse que eu tava com um defeitinho assim eu já me desesperava. Eu que tenho que me achar linda, maravilhosa, que me valorizar. Mudou isso, entendeu? Que se eu entrar numa relação eu vou me amar mais, é eu em primeiro lugar, e não ele em primeiro lugar. Porque ele que tem que me colocar no alto, ele que tem que olhar pra mim do jeito que eu sou, ele tem que me aceitar do jeito que eu sou, é isso que mudou. A gente tem que se amar, porque se a gente não se amar nunca vai conseguir amar outra pessoa, nunca."

Mirela passou a se perceber de uma outra maneira, a descobrir o seu valor, a aprender a se amar, a se valorizar e, de certa maneira, a se colocar em um plano diferente. E isso a fez valorizar-se diante do outro.

Pedro também fala de uma reavaliação de vida após a tentativa de suicídio, em que repensou os seus conceitos e sua forma de viver, envolvendo-se com projetos de vida:

"Aí depois disso eu passei a avaliar melhor a minha vida...

...Aí mudou minha vida, ao ponto de que hoje em dia eu estudo, estudo, e entrei na psicanálise também e estou fazendo três faculdades: de tarde eu faço Direito, de noite eu faço Ciências Sociais, e aos sábados o dia inteiro eu faço psicanálise, aí são cinco anos os três cursos. E hoje em dia eu já desdogmatizei do que é amor, do que é paixão, vejo tudo melhor, deixei o lado religioso pra lá, porque eu era muito cristão e isso foi um forte influenciador na minha vida. Eu era espírita, então eu tinha aquela coisa de eu vou me matar, você sabe que dos tipos de suicídios tem aquele de que quer ver na outra vida. E eu tinha isso com ela, a gente falava muito. Ela também era espírita, essa coisa, sabe? Eu não acho que era pra culpar ela, depois disso eu fiquei falando, ela morava em São Paulo e talvez nem soubesse, não deixei carta nem nada. Foi uma reação..."

Tatiana também relata uma reavaliação de vida por completo, como vemos no trecho a seguir:

"Hoje eu tô bem mais pronta pra qualquer coisa que vier. Qualquer coisa que acontecer, tô pronta! Porque naquele tempo eu não tava. Eu fui morar com Marcelo mas eu não tinha certeza... eu fui pra me livrar do meu pai, e pra também tentar uma vida nova. Mas eu não tava pronta, como diz, marinheira de primeira viagem. Quando eu engravidei, eu não tava pronta. Mas hoje em dia eu acho que eu sou uma mãezona, apesar de ser pequenininha mas sou uma maezona..."

Percebemos em Tatiana que passar por tantas experiências e ter o apoio do companheiro da maneira como teve a fez modificar a sua visão de si, fazendo com que muitas de suas inseguranças e questionamentos acerca de si mesma desaparecessem, dando lugar a uma visão de si segura de seus papéis no mundo. Dos entrevistados nesta pesquisa, apenas Tatiana permanece com o companheiro da época da tentativa de suicídio; os demais participantes, após inúmeras tentativas de permanecerem juntos aos companheiros, terminaram definitivamente a relação após sentirem que esta realmente tinha chegado ao momento final. Interessante vermos que a iniciativa de terminar, em definitivo, a relação, partiu dos participantes da pesquisa, como reflexo dessa nova percepção de si, que os fez avaliar a relação amorosa de uma outra maneira.

7 Conclusão

Estudar temáticas relacionadas ao suicídio sempre provocou a nossa curiosidade, desde o curso de graduação em Psicologia. Em diversas pesquisas, entramos em contato com familiares de pessoas que se haviam suicidado, mas nunca com pessoas que haviam sobrevivido a essa tentativa, apesar de já termos lido estudos que discorriam sobre esse tema em particular.

Revendo as entrevistas e depoimentos bem como, relendo a literatura estudada, constatamos a complexidade da temática aqui abordada. Devemos, por isso, sempre ter o cuidado de não tentar ver relações de causalidade entre os fatos buscando explicações para a tentativa de suicídio, pois, se assim o fizermos, corremos o risco de chegar a conclusões equivocadas.

Ao invés disso, devemos tentar compreender cada caso como particular, único, e só podendo ser entendido a partir da história de vida do sujeito, do seu contexto de vida, dos aspectos culturais e sociais com os quais ele está envolvido.

Nas quatro entrevistas que compuseram o nosso quadro de análises, vários fatores, integrados, favoreceram a compreensão das tentativas de suicídio. Muito embora estejamos buscando compreender os motivos amorosos de tentativas de suicídio adolescente, isso não nos fez centrar nossa análise e nosso olhar apenas nesse aspecto de vida dos sujeitos, mas sim ampliarmos o nosso olhar para todo o contexto de vida do indivíduo, o que nos favoreceu compreender que as demais situações de vida do sujeito influenciavam a maneira como eles se posicionavam em relação a temas como o amor, a percepção do outro amado e, principalmente, o que esperar de uma relação amorosa.

Percebemos quanto o contexto familiar, a educação, os valores cultivados socialmente, os aspectos culturais de nossa sociedade influenciaram a maneira como os adolescentes de nossa pesquisa se percebiam.

Encontramos em seus discursos palavras que refletiam o mito do amor romântico, com base no qual o indivíduo espera por alguém a quem ama e que o amará com a mesma intensidade, assim como nutre expectativas de encontrar um par perfeito, alguém com quem constituir família, ter filhos, ter um lar, perpetuando, muitas vezes, a história de sua própria família. Alguém que fosse exatamente como sempre foi idealizado e que assim cumprisse os papéis esperados. Alguém que fornecesse um amor que fizesse o indivíduo sentir-se feliz e completo. Quantas vezes não ouvimos, em nossa cultura, em nossa sociedade, alguém falar de expectativas como as que acabamos de mencionar?! Quantas vezes não lemos nos livros, vimos nos filmes de amor, ou escutamos nas músicas românticas?! De certa maneira, o *self* desses adolescentes, ou seja, seu autoconceito (um tema bastante central nesta dissertação) foi sendo constituído nesse mundo de valores. E esses valores e expectativas sociais foram sendo incorporados ao seu imaginário e constituindo, muitas vezes seus projetos de vida.

Entretanto não foram apenas esses pontos que nos chamaram a atenção, mas também o fato de que os jovens estudados nesta pesquisa eram, em geral, provenientes de lares em que os pais eram separados ou, até mesmo, em que houve a perda de um ente querido. Percebemos também a dificuldade de diálogo com os pais, visto que muitas vezes os entrevistados relataram não dividirem suas angústias com os familiares. Esses apontamentos já foram discutidos por outros autores da área, como Cassorla (1998) e Dutra

(2000), os quais também perceberam como ponto em comum entre jovens que experienciaram desistir de suas vidas a questão da desestruturação familiar.

Tal evidência nos indica um fator que pode influenciar, junto a muitos outros, o desejo de desistir de viver. No entanto, é preciso cuidado ao avaliar essa questão, visto que nem todos os que vivem em um contexto de desestruturação familiar são potenciais suicidas. É preciso compreender que o suicídio sempre é determinado por um conjunto completamente diversificado de fatores, não podendo jamais ser compreendido a partir de apenas um único aspecto. Nos adolescentes aqui estudados, não foi apenas o rompimento da relação amorosa ou a fantasia de abandono do outro amado que motivou a tentativa de suicídio, mas também discussões com os pais, o medo de decepcionar os pais em função de alguma atitude adotada, a sensação de solidão, a depressão; enfim, uma multiplicidade de outros fatores interagiram com a experiência vivida na relação amorosa e contribuíram para a experiência suicida.

Um ponto em comum entre esses adolescentes é que existia uma grande idealização do amor. Percebemos que as relações amorosas daqueles que tentaram suicídio eram as primeiras relações amorosas significativas para eles – para alguns, era o primeiro namoro; para outros, era até mesmo a primeira relação amorosa à qual atribuíam significado. Portanto, não eram relações desprovidas de significados, mas sim relações amorosas que fizeram esses jovens inserir-se de uma maneira diferente no mundo, possibilitando, em muitos momentos, que abrissem mão de si mesmos para viverem a vida do outro amado.

Interessante percebermos que, tal como apontavam os estudos epidemiológicos sobre a tentativa de suicídio, as mulheres tentam suicídio mais do que os homens; visto que,

assim como na literatura, em nosso estudo entrevistamos três mulheres e apenas um homem.

Observamos também nesses jovens a presença de baixa auto-estima, com referências negativas sobre si mesmos, visões distorcidas de si. Muitas vezes, o indivíduo, não possuía o conceito real de si mesmo adotando discursos de outro e culpando o outro amado pela sua infelicidade, sem se implicar na relação amorosa. E isso está em total consonância com a reflexão sobre *self* de Carl Rogers que utilizamos neste trabalho, de que esses jovens passaram a adotar o outro amado como referência, afastando-se da capacidade de se auto-avaliar e se auto-corrigir, as quais seriam capacidades que favoreceriam a congruente experiência e o crescimento. E como bem referenciamos em nosso título, tais fatores evidenciaram não só um desamor a si, presentes nas referências negativas atribuídas a si mesmos, como também foram presentificadas a partir do desamor do outro a eles mesmos, ou seja, quando o outro a quem amavam passa a não desejá-los mais ou a dar a percepção de que não mais o quererem.

Nesse sentido, é importante ressaltarmos que o mito de que "quem vai se suicidar não avisa" pode ser quebrado, tendo em vista que pudemos perceber nesses jovens sinais que indicavam seu sofrimento e a necessidade de ajuda, tais como: o comportamento depressivo, o isolamento, o abandono dos estudos, a fuga de casa, o afastamento de amigos e de atividades desenvolvidas anteriormente. Assim, podemos pensar em ações preventivas, que visem trabalhar os pontos aqui verificados de modo a oferecer àqueles que lidam diretamente com adolescentes e que convivem com pessoas nessa faixa etária subsídios para agirem no momento em que observarem comportamentos como os acima citados. É consenso na literatura sobre a tentativa de suicídio que aquele que tenta suicídio uma vez e

não recebe assistência adequada, como acompanhamento psicológico, intervenção medicamentosa – quando apropriada – e apoio familiar tendem a fazer outras tentativas de suicídio, uma das quais pode ser fatal. Essa reincidência não aconteceu com os jovens de nossa pesquisa: após a tentativa de suicídio, eles não tentaram mais nem expressaram a presença de idéias suicidas, devido ao suporte que tiveram após a experiência suicida. É imprescindível que saibamos interpretar os gestos por meio dos quais o indivíduo pede ajuda.

Tendo em vista o nosso objetivo com este trabalho, entendemos que as narrativas aqui apresentadas foram de significativa importância para entendermos temas tão presentes na adolescência e nos possibilitaram ampliar os nossos questionamentos sobre temática aqui mencionada.

O nosso propósito, ao final do trabalho, é que as reflexões desenvolvidas aqui possam ser compartilhadas com profissionais de saúde e a sociedade, de uma maneira geral, através de eventos científicos, publicações e quaisquer meios de comunicação que venham a contribuir para confirmar a função social de um trabalho científico.

8 Referências Bibliográficas

Aberastury, A. (1990) Adolescência. (6ª edição). Porto Alegre: Artes Médicas.

Amatuzzi, M. M (1996). Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica. *Estudos de Psicologia*, 13 (1): 5-10, Natal-RN.

Amatuzzi, M. M. (2001) Pesquisa fenomenológica em psicologia. In Bruns, M. A. T & Holanda, An F. (orgs), Psicologia e pesquisa fenomenológica. Reflexões e perspectivas (p. 15-22). São Paulo: Ômega

Andrews, J. A., Lewinson, P. M (1992) Suicidal attempts among older adolescents: prevalence and co-occurrence with psychiatric disorders. J. Am. Acad. Adol. Psychiatry, 655-662.

Arilha, M. , Calazans, G. (1998) Sexualidade na adolescência: o que há de novo. In: Jovens acontecendo na trilha das políticas. Brasília, Comissão Nacional de População e desenvolvimento, p. 687 – 712.

Associação Brasileira de Enfermagem. (2002) *Viver e Adolescer com Qualidade*. Acessado em 02 de Julho de 2002 no World Wide Web: http://www.abennacional.org.br/revistaadolescer/pg019.htm

Bahls, SC ; Palhares, PA (2003) O suicídio nas civilizações - Uma retomada histórica. Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal, Rio de Janeiro, v. 97, n. 84-85, p. 27-34.

Becker, D. (1997) O que é adolescência? São Paulo: Brasiliense

Bejarano, A.M., Licda, R.C.V, Lic, W.R.M, Licda, A.S.V, Licda, I.Y.C (1999) Desesperanza em adolescentes: una aproximación a la problemática del suicídio juvenil. In: Adolescência Y Salud, vol.1, nº 2.

Benjamin, W. (1994) *Obras escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política.* 7ª ed. São Paulo, Brasiliense.

Bicudo, M.A.V e Martins, J. (1994) A pesquisa qualitativa em Psicologia. Fundamentos e Recursos Básicos. Editora Moraes. São Paulo, SP.

Bouchard, G. (2005) Suicídio na Adolescência. Tradução: Marilita de Castro. Acessado em 24 de Janeiro de 2005 no no World Wide Web: www.ronet.com.br/conhecer/publica1.html

Campos, L. F. D. L. (1999) Métodos e Técnicas de Pesquisa em Psicologia. (2ª edição) São Paulo: Alínia Editora.

Caruso, I. (1989). A separação dos amantes. São Paulo: Diadorim Cortez.

Cassorla, R. M. S. (1984) O que é suicídio. São Paulo: Editora Brasiliense.

Cassorla, R. M. S. (1991) Do Suicídio: Estudos Brasileiros. São Paulo: Papirus.

Cassorla, R. M. S. (1994) Autodestruição Humana. In: Cadernos de Saúde Pública. Vol. 10. Supl. 1. Rio de Janeiro.

Cassorla, R. M. S. (1998) O suicídio – reavaliando um clássico da literatura sociológica do século XIX. In: Caderno de Saúde Pública. Rio de Janeiro, 14, 7-34.

Chang, A. M. C. (2003) Características psicosociales del adolescente parasuicida. Acessado em 19 de Abril de 2005 no World Wide Web: http://www.psicocentro.com/cgi-bin/articulo_s.asp?texto=art31001

Ciampa, A. C. (1977) A identidade social e suas relações com a ideologia. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social, São Paulo, Faculdade de Psicologia, PUC-SP.

Coltro, A. (2000) A Fenomenologia : Um enfoque metodológico para além da modernidade. Caderno de Pesquisas em Administração, v. 1, nº 11, 1º Trim. São Paulo – SP

Critelli, D.M. (1996) Analítica do sentido:uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica. São Paulo: Educ.

Dias, M. L. (1991) O suicida e suas mensagens de adeus. In: Cassorla, R. M. S., org. (1991) *Do suicídio - Estudos Brasileiros*. Campinas, São Paulo: Papirus. Pp. 89-106.

Dias. M. L. (1991) Suicídio, testemunhos de adeus. São Paulo: Editora Brasiliense.

Durkheim, E.(1992). *O suicídio. Estudo sociológico*. (5ª. Edição). Lisboa: Presença.

Dutra, E. (1997). Estudo epidemiológico do suicídio no rio grande do norte: 1985/1996. In: VI Semana de Humanidades - VII Seminário de Pesquisa do CCHLA, Natal. Anais da VI Semana de Humanidades. Natal : EDUFRN, 1997. p. 241-241.

Dutra, E. M . (1999) Epidemiologia das tentativas de suicídio no Rio Grande do Norte. Relatório não publicado.

Dutra. E. M. S.(2000) Compreensão de tentativas de suicídio de jovens sob o Enfoque da Abordagem Centrada na Pessoa. Tese de Doutorado não-publicada. Universidade de São Paulo, São Paulo.

Dutra . E. M. S. (2002) A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. Estudos de Psicologia. Vol.7 n.2, jul.dez. Natal.

Dutra, E. (2003) Aspectos existenciais e psicossociais do suicídio de agricultores no Rio Grande do Norte. Relatório de Pesquisa apresentado ao Cnpq.

Erikson, E.(1987) Identidade Juventude e Crise (2ª edição). Rio de Janeiro: Editora Guanabara.(Texto original publicado em 1968)

Ferreira, T. H. S, Farias, M. A, Silvares, E. F, M (2003) A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. Estudo Psicologia (Natal), v. 8, n. 1. Janeiro-Abril.

Figueiredo, L. C. (1994). A fabricação do estranho: notas sobre uma hermenêutica "negativa". Boletim de Novidade Pulsional, *57*, 17-22.

Filho, W. M., Mezzaroba, L., Turini, C. A., Koike,A., Junior,A. M., Shibayama, E. M.E, Fenner, F.L.S. (2002) Tentativas de suicídio por substâncias químicas na adolescência e juventude. Adolesc. Latinoam., volume 3 nº 2, Nov. Porto Alegre.

Forghieri, Y. C. (1993). A investigação fenomenológica da vivência: justificativa, origem, desenvolvimento, pesquisas realizadas. *Cadernos da ANPEPP*, 2: 19-42.

Gallatin, J. (1986) Adolescência e individualidade: Uma abordagem conceitual da Psicologia da Adolescência. Tradução de Antônio Carlos Amador Pereira, Rosane Amador Pereira. São Paulo: Editora Harbra ltda.

Góis, C., Araújo, D., Rodrigues, L. (2002) Um conceito sobre o amor. CientiFico. Ano II, Vol. 1, Salvador, Agosto-Dez. Acessado em 10 de Junho de 2006 no World Wide Web: http://www.frb.br/ciente/Textos%20CienteFico%202002.2/PSciologia/Metodologia/UM%20ESTUDO%20SOBRE%20O%20AMOR.pdf.

Jacobs, J. (1971) Adolescent suicide. New York: Wiley.

Jacobs, D. G. (1998) The Harvard Medical School guide to suicide assessment and intervention.

Kalina, E.; Kovadloff, S. (1983) As cerimônias da destruição. Trad. de Sonia Alberti. Rio de Janeiro : Francisco Alves.

Laurenti, C., Barros, M. F (2000) Identidade: Questões Conceituais e Contextuais. Acessado em 23 de Janeiro de 2006 no World Wide Web: http://www2.uel.br/ccb/psicologia/revista/textov2n13.htm

Lepre, R. M. (2006) Adolescência e construção da identidade. Acessado em 03 de março de 2006 no World Wide Web: http://www.sociologia.org.br/

Lindoso, E. (2006) Identidade Nordestina: de imaginário, estereótipos e humor. Acessado em 03 de março de 2006 no World Wide Web: http://www.unir.br/~cei/nota1.html.

Marcuschi, L.(1999) A. Aspectos da progressão referencial. Na fala e na escrita no português brasileiro. In: *Estudos de Lingüística do Texto.* GÄRTNER, Eberhard, HUNDT, C.e SCHÖNBERGER (eds): Frankfurt am Main: tfm.

Martins, M. F. (1990) A tentativa de suicídio adolescente. Da clínica às ciências sociais e humanas. Edições Afrontamento. Porto.

Messeder, S. A.(2002) "Namorei não, peguei": o pegar como uma forma de relacionamento amorosa-sexual entre os jovens. Trabalho apresentado no XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais. Ouro Preto, Minas Gerais.

Michaelis (2000) Minidicionário escolar da língua portuguesa. Melhoramentos, São Paulo.

Ministério da Saúde. Saúde do Adolescente e do Jovem. (2002) *Estatuto da Criança e do Adolescente* Lei N 28.069 de Julho de 1990, Art. 2. Acessado em 02 de Julho de 2002 no World Wide Web: http://www.saude.gov.br/sps/areastecnicas/adolescente/legislacao.htm

Morato, H. T. P. (1999) Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: novos desafios. São Paulo, Casa do Psicólogo.

Moreira, S. R. S. M. P. (2004) Ser-no-mundo com a criança portadora de câncer: compreendendo a experiência de psicólogos nos serviços de oncologia pediátrica de Natal-RN. Dissertação de Mestrado não-publicada. Departamento de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal-RN.

Mustelier, L. I .(2005) ¿Adolescentes Problemas o Problemas de la Adolescencia? Acessado em 10 de Abril de 2005 no no World Wide Web: ttp://www.monografias.com/trabajos13/adopro/adopro.shtml#sui.

OMS (2000) Prevenção do suicídio: um manual para profissionais da saúde em atenção primária. Transtornos Mentais e comportamentais. Departamento de Saúde Mental. Genebra. Acessado em 20 de Junho de 2006 no World Wide Web: http://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/en/suicideprev_phc_port.pdf

Palácios, J. (1995). *O que é adolescência?* Em: C. Coll; Palácios, & A. Marchesi, (Orgs.). Desenvolvimento Psicológico e Educação, Vol.1, Psicologia Evolutiva, Artes Médicas.(p. 263 – 272).

Rappaport, C. (1996) Encarando a Adolescência. Editora Ática. São Paulo.

Rezola J. M.G (1975) La psicoterapia de Carl Rogers: Sus orígenes, evolución, e relación com la psicologia cientifica. Bilbao Editorial Española Desclée De Browser.

Rieth, F. (1997) Ficar e namorar. In: Bruschini, C., Hollanda, H.B. Horizontes Plurais. São Paulo.

Rogers, C. R.(1961/2001) Tornar-se pessoa. São Paulo: Martins Fontes.

Rogers, C. R. (1970). *Grupos de encontro*. São Paulo: Martins Fontes.

Rogers, C. R (1975) *Terapia Centrada no Paciente*. S.P., Martins Fontes.

Rogers, C. R. (1977) Psicoterapia e Relações Humanas: Teoria e prática da terapia não-diretiva. (vol. 1 e 2) Belo Horizonte: Interlivros.

Rogers, C. R & Stevens, B. (1994) De pessoa para pessoa. São Paulo: Pioneira.

Sabino, F.(1986) Suíte ovalliana. In: As melhores crônicas de Fernando Sabino. P. 139-145. Rio de Janeiro : Record.

Schmidt, M. L. S. (1990). A experiência de psicólogas na comunicação de massa. Tese de doutorado não-publicada, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.

Silva, M. M. (1992) Suicídio – Trama da Comunicação. Dissertação de Mestrado não publicada, PUC, São Paulo.

SINITOX – Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas, acessado em 30 de Maio de 2006 no World Wide Web: www.fiocruz.br/sinitox.

Souza, E.R., Minayo, M. C.D.S., Malaquias, J.V. (2002) Suicide among Young people in selected Brazilian State capitals. Cade. Saúde Pública, Junho, vol. 18, nº 3, p. 673-683.

Szymanski, H., Almeida, L. R., Prandini, R.O.A.R (2002) A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva. Plano Editora, Brasília.

Tiba, I. (1986) Puberdade e Adolescência: desenvolvimento biopsicosocial. São Paulo: Ágora.

Trivinos. A. N.S (1987). Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em Educação. São Paulo, Atlas.

Turato, E. R. (2003). Tratado da Metodologia da pesquisa clínico-qualitativa. Editora Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro.

Weingartner, C. L., John, D., Bonamigo, L. D. R. & Goidanich, M. (1995) O *Ficar* e o Namorar Visto Pelos Adolescentes. In: Psicologia: Reflexão e Crítica, 8, n. 2, 181 – 203.

ANEXOS

Exemplo de literalização

Participante: *Pedro, 19 anos.*

A minha experiência de tentar suicídio... Bom, não foi algo planejado, aliás, foi meio que inconsciente, porque eu me lembro que eu tomava um remédio, um antidepressivo, eu tome por 1 mês e comprei outra caixa, mas não tomei e guardei, e como eu passei 2 anos da minha vida em depressão, então eu resolvi, eu peguei, eu já tinha esse pensamento de suicídio, não planejei nem nada, mas eu tinha colocado esses remédios fora da caixinha num recipiente, que ficava escondido, que só eu soubesse, não foi planejado, mas talvez inconscientemente eu já estava pensando nisso. Na época eu tinha 17 anos, aí eu guardei e deixei num lugar escondido e chegou num momento que eu tive uma frustração e resolvi tomar, a dose que eu tomei não era uma dose pequena, então era pra matar mesmo, eu tomei uns 30 comprimidos, e você sabe que antidepressivo a maioria tem um forte poder em relação a ataque cardíaco, então se eu não tivesse sido levado com tempo certo pro hospital, eu teria morrido.

Eu tive um relacionamento com uma garota e eu amava ela, então eu comecei a achar que ela era o foco da minha vida, eu comecei a colocar ela no centro da minha vida, pensando que se eu não vivesse com ela a vida não teria pra mi nenhuma outra importância. Na época a gente tinha acabado, mas nem em paz a gente conseguia viver, porque eu sabia que ela sofria, eu também sofria e a gente não conseguia entrar num acordo, ela morava longe, entendeu? A distância também atrapalhava muito e eu não consegui levar isso pra um lado bom, achei que ela era o amor da minha vida, acho que na adolescência isso é bem comum, tendo em vista que os adolescentes tendem a mistificar muito o que é um relacionamento, por não conhecer, por ser uma nova experiência, pra mim era uma nova experiência, ela era a minha primeira namorado, o primeiro relacionamento sempre é uma nova experiência, e você sabe que tudo que é novo tende a quando se esgotar fazer muita falta e quando você não tem outras experiências pra saber que o amor não é só aquilo, você tende a pensar que ela é sim o amor da sua vida e entra em depressão, comete tentativa de suicídio, enfim...

Eu conheci ela com 16 anos e ela tinha 14, eu sempre fui muito reservado, nunca, aí que eu queria que você entendesse como o fator exterior influencia muito, é, eu nunca fui, nunca me senti pertencente ao grupo em que eu vivia da adolescência, né? Que é com menino com 13-14 anos já perde a virgindade, fica com 5 meninas numa noite, etc, que você sabe que é comum, você é psicóloga, e eu não, eu já não tinha essa visão, eu já tinha um visão idealizada do que seria amor, de que eu encontraria uma garota, e que eu casaria com ela, teria filhos e etc e tal, e eu botei essa garota como se fosse, como se ela pertencesse a esse sonho meu, eu quando tendo a rever a mim mesmo, a conhecer mim mesmo, como Sócrates dizia, eu tento procurar entender os meus antepassados históricos, eu tinha uma mãe e isso eu fiquei sabendo depois, eu mesmo procurando saber, que na minha idade infantil sempre dizia "oh, meu filho, você vai casar com uma mulher que vai ser bonita, pura, etc, etc, e tal" " e você não tem que ficar olhando pra essas meninas vadias." E eu tinha um pai que ficava dizendo ao contrário "olha aquela menina bonitinha

ali", mas como o discurso da mãe influencia muito na criança, ainda mais quando existe um Édipo forte, então acaba que assimilando e vai levando pra sua vida. Então, quando eu encontrei esta garota, eu pensei que eu poderia perpetuar o relacionamento que eu não tive com a minha mãe, daquela coisa do Édipo, né? E minha mãe começou a namorar com meu pai com 13 anos, só teve ele de namorado, casou com 17, então, hoje em dia são separados, mas viveram 21 anos de casamento, e eu acabei assimilando isso como pertencente a minha vida, e eu queria seguir o exemplo me dado, já que eu tinha a vontade de estar com a minha mãe, etc, vendo pelo lado da psicanálise. E eu me frustrei com essa garota porque por mais qualidades que ela tinha, ela não era o que eu idealizava, porque quando se fala em amor se idealiza muito, o amor mesmo é...o amor mesmo não é isso que estamos acostumados a ver em filmes, em novelas, e que a mídia ao mesmo tempo que impõe, a sociedade faz de outra maneira, enfim, mas na época eu era muito cheio de dogmas e acreditava em amor, e eu era uma pessoa completamente alienada à dogmas, e a coisas simbólicas como amor, ódio, paixão e etc.

Foi um relacionamento estranho, diferente, porque eu conheci ela pela Internet, ela morava em São Paulo e eu fiquei, ao princípio, 1 anos conversando com ela, no começo eu não tinha nenhum vinculo com ela, não sentia nenhuma atração por ela, depois com a, com o que a gente conversava e a gente tinha de amizade, ela começou a gostar de mim e eu acabei que gostando dela também, depois de 1 anos eu conheci ela, e depois que a gente se conheceu houve uma experiência muito traumática e a gente acabou. Depois que a gente acabou eu fiquei com essa tentativa de voltar, só que eu não estava mais lá, eu já estava aqui em Natal, e eu me sentia perdido, porque talvez se eu tivesse perto dela teríamos revisto alguns paradigmas do que aconteceu pra que a gente acabasse e estivéssemos juntos, mas a distância também atrapalhava então ficava muito complicado e eu me frustrava por conta disso, também existia o peso dos meus pais, de meio que não me permitirem encontrar com ela já que me viam num estado de depressão por causa dela e essa experiência em Natal, sem ela, e ela com raiva de mim, tendo um sentimento negativo e eu ao mesmo tempo também e ela também, uma relação de amor e ódio, então ficava complicado.... depois ela ficou sabendo da minha tentativa de suicídio, eu falei com ela, mas não foi algo que chamou muito a atenção dela, mas eu também não fiquei com nenhum tipo de, eu não tentei passar nada pra ela, nem convencer que a culpa era dela, não tinha esse intuito depois do acontecido, eu só esclareci pra ela assim como eu esclarecia tudo que acontecia na minha vida. Na época ela ficou com raiva de mim, depois a gente não tocou mais no assunto, e depois disso, é engraçado, depois dessa tentativa a gente continuou do mesmo jeito, amor, ódio, só que isso a minha depressão foi em 2004-2005, eu no estudava, eu parei de estudar, eu não fazia nada, eu passava o dia no ócio. O que era algo bem prejudicial, então eu não tinha nenhuma perspectiva na época, a única coisa que eu fazia era ir pra academia, malhar, kung fu, essas coisas que eu gostava, exercício físico, mas estudar, eu não estudava por vagabundagem, porque também eu não tinha muita vontade sair pra festa, etc, eu não tinha vontade de fazer nada, ás vezes eu ficava 1 mês dentro do meu quarto, sem sair mesmo! No escuro, etc, não tinha muito contato. Minha mãe mora em Brasília, meu pai mora aqui. Então, eu morava só com meu pai, ainda moro só com meu pai, então não existia, não existe um relacionamento entre pai e filho que possibilitasse a compreensão maior dele, claro que ele também não foi um crápula, dentro das possibilidades dele ele tentou me ajudar, já que você entende que o homem é muito mais não sentimental do que uma mãe, ainda mais ele que é de uma família árabe, e tem

aquela visão mais de mulher " acaba meu filho, você pega outra, tem tanta mulher por aí" "você é bonito, tem uma condição financeira estável, não vai faltar mulher pra você" só que eu nunca enxerguei nada disso, eu sempre me achei a pior pessoa do mundo. E, então, ele tinha essa visão, ele já tinha essa visão mais realista, talvez realista demais e eu tinha essa visão mais idealista do que seria o amor. Mais puxado por causa da minha mãe.

Na época da minha tentativa, quando o meu pai viu o meu estado que eu tinha tomado, ele ficou louco, com raiva, ao mesmo tempo triste, entendeu? Me levou pro hospital, quando eu tava no hospital a minha psicóloga foi pra lá pro hospital também me ver, só que eu tava muito grogue então eu não, mas ela estava lá, e depois do acontecido nenhum comentário, nada, nada, nada, até hoje ninguém fala nada a respeito aqui em casa. Minha mãe, a principio nem soube, depois ficou sabendo mas também não comentou comigo. Então foi algo que a gente atropelou, não tinha porque ficar comentando dentro de casa. Eu cheguei até a conversar com minha mãe, eu conversei e converso com ela, eu tenho abertura com minha mãe, com meu pai eu não tenho, eu tenho abertura total, até de falar da minha vida sexual com ela, coisa que é meio incomum, vamos dizer que eu tenho um lado feminino forte dentro de mim. Eu sou heterossexual, mas eu tenho sentimentos mais femininos e tenho a ver a paixão, o amor, eu tinha a ver dessa maneira.

Mas eu lembro que no hospital foi terrível, porque eu tinha que usar uma sonda que ia do nariz, você deve conhecer esse processo, eu fiz uma lavagem, vomitei e etc, eu tive que ficar na uti, a uti é um lugar desagradável, depois disso eu peguei um, eu não vejo mais o hospital como eu via antes, entendeu? Uma fobia, não uma fobia, porque eu não tenho nenhum problema de ir pra hospital, mas já via de uma maneira mais desagradável o hospital, já que a uti é um lugar desagradável, as pessoas, tem muitas pessoas doentes, as pessoas gritam, gemem e etc, você tá sozinho sem ninguém, de vez em quando aparece uma enfermeira, é por isso que eu defendo que exista uma humanização maior na saúde pública, já que num caso de suicídio teria que haver, teria que ser chamado um psicólogo, um psicanalista, algum desses três ramos para que eles tivessem uma efetivação maior nesses hospitais, já que após a tentativa de suicídio você se sente muito só e eu acho que não é por esse lado, não é dessa maneira que tem que ser vista, quando a gente passa por uma processo desse a gente talvez por negação queremos dizer que era melhor ficar só, não é isso, você sabe que num caso de depressão é muito importante a socialização do indivíduo, ele tem que ficar freqüentando lugares movimentados, ele tem que ficar com pessoas que ele gosta, ele tem que estar com uma pessoa que o escute. Na depressão tem muito disso, se você não tiver uma pessoa que te escute, te oriente, ás vezes não é nem te dar conselho, é só te escutar pra você possa vomitar o que você sente e é necessário, e na tentativa de suicídio, após a tentativa de suicídio não existe esse lado humano dentro do hospital, você é deixado, excluído. E você tá com uma sonda dentro da sua garganta, você passa, no meu caso, eu passei noite e dia lá com essa sonda, sem comer, sem beber, se fazer nada, e é uma situação bem desagradável, e tinha que ter essa humanização dentro dos hospitais.

Depois que eu me dei conta do que eu fiz eu me arrependi, pelo que eu tava passando, pelo que eu senti dentro do hospital, a sensação foi desagradável, mas eu não senti culpa não, depois do que eu fiz também não tive, agora não culpa de eu ficar me martirizando, porque eu não acredito em culpa, é outra coisa que eu também desdogmatizei da minha vida, culpa, amor, etc, eu já tirei da minha vida. Culpa foi algo inventado que foi muito explanado pelas religiões e que influencia muito hoje em dia nossa

vida, que esse sentimento de arrependimento por não pertencer ao que o senso comum te diz, então se eu faço algo de errado eu não tenho que me sentir culpado, eu sou humano, eu erro, e o que eu tenho que fazer é tentar não errar e aprender com o que eu fiz, não ficar sentindo culpa, com a culpa você não tem nenhum acréscimo na sua vida, a culpa só te martiriza, te mortifica, não tem nenhum. Eu acho que a culpa seria um sentimento forte na tentativa de suicídio, seria uma causa na tentativa de suicídio.

Pra mim foi, culpa por não ser como eu queria ser para aquela pessoa, culpa por ter feito algumas coisas que eu não deveria ter feito, porque é como eu te disse, quando a gente acabou teve uma coisa muito forte, um problema muito forte por causa disso e eu me sentia culpado por isso. É porque quando eu conheci essa garota ela, eu não tenho o que falar de mal dela, porque ela é uma garota super inteligente, mais inteligente do que a média das meninas que eu conheço, eu gosto de garotas inteligentes, não só que sejam bonitas e tal, uma coisa que eu também não importo muito, eu me importo que ela seja inteligente e que tenha sentimentos, né? Comigo, uma humanização, carinho, respeito, afeto,e etc. Agora, ela era uma garota muito inteligente, tinha esse lado feminino forte, que me atraía, porque eu gosto da mulher feminina mesmo, psicologicamente ela era, tinha esse lado feminino forte, esse lado materno forte, que era algo que me atraía, é tanto que até nas áreas que ela procurou fazer, exercer na sua vida ela sempre foi pra esse lado, ela gostava de escrever poesias, ela pintava quadros e os quadros dela são belíssimos pra a idade que ela tem, ela pinta quadros lindos, e isso me atraía muito nela, e fora que ela tinha uma inteligência assim espetacular, não vou idealizar muito ela, mas o senso comum diria a mesma coisa a respeito dela, e fisicamente ela também tinha o que me atraía,ela tinha os traços bem femininos, ela descendente de italiana, pele branca, seios fartos, eu gosto de mulheres com seios fartos, porque é algo bem feminino, um rosto bem angelical, cabelos lisos, negros, tinha tudo que eu imaginava de mulher ideal pra minha vida, então eu fantasiei que só existia ela pra minha vida, então ela mesmo com tantas qualidades, com a cabeça boa, ela também fracassava e como eu tinha essa visão tão ideal dela, eu não admitia. Ela sempre foi uma pessoa que valorizou sentimentos, etc, mas tinha coisas nela que eu não gostava e a gente bária muito de frente por isso, e tinha coisas que ela mentia porque sabia que eu ia ter uma, tentar coagir em relação a isso. E então, ela tinha esse medo de falar pra mim, e muitas vezes, mentia. E sempre eu descobria, porque eu tenho uma capacidade investigativa muito apurada e mesmo ela estando longe eu descobria tudo que acontecia na vida dela. O que é um feito. Eu descobria tudo! E me magoava muito não o fato mas sim a mentir, eu também tinha esse ideal de que quem ama não mente. Isso me machucava muito. e quando eu conheci ela, a gente conversava muito e ela me falou que uma vez eu perguntei se ela era virgem, ela com 14 anos, ela falou que era mas que ela tinha feito uma coisa naquele dia bêbada. E eu como sempre fui uma pessoa muito pura, uma coisa horrível, ser bom, puro e perfeito é a pior coisa do mundo. Como eu sempre fui muito puro, eu me assustei bastante porque ela disse que fez sexo oral num garoto, bêbada, um garoto não, uma pessoa já mais... mas que ela foi levada por uma amiga que meio que embebedou ela, segundo o que ela me disse. Eu tenho as minhas dúvidas já que eu não vejo que se uma pessoa beba ela solta o seu inconsciente, mas eu entendi isso normal, só que eu fiquei um pouco assim com ela, mas naquela época eu não gostava dela, a gente era amigo. Depois de um tempo quando a gente já tava junto, junto não que a gente ainda não tinha se encontrado, mas que a gente já tava se gostando e tal, eu fiquei sabendo que não tinha sido só aquela experiência, 1 mês antes daquilo tinha acontecido a mesma coisa: a

amiga tinha ... bebida nela e tinha transado com, tinha sido estuprada pelo irmão da amiga dela. Agora ela diz que esse fato ela não lembra realmente. Isso foi em 2004, na copa de 2004, e 1 mês depois quando eu conheci ela, aconteceu isso seguido. Ela botava sempre a culpa nessa amiga, e eu no começo não me metia porque eu achava que amizade era algo importante, então ela que tinha que saber levar a amizade dela, não acabar e tentar dar um jeito. Só que ela não conseguia, a amiga dela tinha uma grande influencia sobre ela, então eu fiquei na minha, e dizia pra ela se ligar com ela, ter, não se deixar levar por ela. E ela me contava coisas horríveis sobre a amiga dela, era aquela coisa amor e ódio também. Contava coisas horríveis sobre a amiga pra mim, ao mesmo tempo em que tava saindo com ela e tal. E eu não me meti. No dia que eu fiquei sabendo disso, que ela tinha transado com o menino e tal, eu fiquei muito mal não quis falar com ela, eu fiquei meio com raiva, chateado, triste, e eu conversei com a amiga dela e essa amiga dela, já me deu uma outra visão, que ela que tinha ido beber, não foi ela que botou, foi ela que tinha ido beber com o irmão, e que tinha acontecido isso, depois no final da gente conversar muito ela pegou no telefone e disse que tava apaixonada por mim, desligou o telefone e disse que nunca tinha encontrado um garoto como eu. Idealizou também demais. Só que eu nem dei bola. Depois de um tempo voltei com ela, disse pra deixar pra lá, que eu não tinha nada a vê, isso é coisa da vida dela e fui levando. Aí em relação a amiga dela, eu fiquei com o pé atrás, já que ela tinha dito que tava, né? E fui levando. Então, depois de um tempo essa amiga dela começou a falar mal de mim, só que eu não falava mal dela, eu falava normal com ela, ela começou a falar mal de mim, disse que eu era nordestino, muito preconceituosa, começou a me julgar pelo que eu era, disse que eu tinha sangue ruim, e isso me magoou bastante porque eu sempre vivi num mundo de ilusão, eu nunca conheci preconceito, nunca conheci nada relacionado a sexo, eu era virgem na época, eu tinha 16 anos. Então eu vivia num mundo fantasioso e aquelas coisas me assustaram demais. Assustavam tanto que eu dizia que tava triste pra ela, e a gente acabava brigando, e quando eu me refiro a mentiras é que muitas vezes ela saía com a amiga dela e não me contava e eu descobria, e ela quando a gente começou me prometeu que não ia beber mais e eu tinha encontrado uma foto das duas num carnaval e ela tava na foto com cara de bêbada. Por acreditar que naquela coisa cristã que você tem que perdoar, nunca fui de religião, aqui em casa também nunca teve nada de religião, estudei em escola católica, Marista, a vida toda, nunca tivemos nada de religião de ir pra igreja, etc e tal. Agora eu mesmo tinha isso dentro de mim, minha mãe era espírita, acreditava em Deus mas não era aquela religiosa, aqui em casa nunca fomos moralistas, minha mãe nunca falou "meu filho você tem que, você não pode gostar de, não pode usar droga, não pode gostar de homem", não minha mãe "o homossexualismo é uma coisa comum, drogas é uma coisa comum, agora eu preferia que você não usasse drogas" e meu pai também, nunca tivemos nenhum tipo de coerção aqui em casa. Ao contrário, sempre foi muito liberado. Existia aqueles discursos da minha mãe idealizadores e que eu, na entrada da minha puberdade, da minha adolescência, peguei. Ah! Não falei que, quando eu conheci ela, minha mãe tinha acabado de separar do meu pai e foi pra Brasília... você que tem uma ligação forte isso. Freud explica! Aí então, eu tinha só ela pra conversar na época, ela não era só a pessoa que eu gostava, era muito amiga mesmo porque só podia ser amiga, já que a gente só tinha contato pela Internet. E eu contava tudo da minha vida pra ela, era mais do que amiga pra mim. E ela mentia, etc, e eu descobria, aí chegou num ponto que a amiga dela tava falando tanto de mim, que eu tava vendo tanta coisa, que eu peguei e falei "ó" e ela vivia

reclamando da amiga dela pra mim e falando coisas horríveis, toda hora, e a amiga dela tinha 1 ano a menos do que ela (13 anos) mas usava drogas, transava com um e com outro, etc, uma menina nova, entendeu? E classe média as duas, viviam bem, moravam em São Paulo, né? E eu falei pra ela sair de perto dela já que fazia tanto mal e que ela falava mal de mim eu falei "já que você me ama, sai de perto dela", e ela prometeu fazer isso porque me amava, só que ela mentia pra mim de novo, saiu e eu descobri, foi aquele drama. Depois de um tempo ela parou mesmo dessas coisas e tal, parou mesmo de andar com a amiga dela, segundo ela, e eu fui ver ela em Marília, a cidade em que ela mora, em São Paulo. Aí lá a gente se encontrou, foi a coisa mais linda que você possa imaginar; cheguei de avião lá, flores na mão, tava a mãe, ela e uma outra amiga dela no aeroporto me esperando. A mãe foi lá, porque era uma menina muito nova, e um cara vindo de longe ver a filha. Foi lá, cheguei com flores, etc, e quando olhei assim pra ela foi aquela coisa instantânea, e a mãe dela gostou muito de mim, etc, depois a mãe dela deixou a gente num canto, à vontade, etc. Ficou andando eu, a amiga dela e ela. Aí chamei ela prum canto, aí tinha um presente pra ela, dei pra ela uma gargantilha linda de veludo, com um coração de ouro assim, lindo, lindo, lindo! Era a coisa mais linda do mundo! E uma pulseira para que ela lembrasse de mim. É tanto que antes de falar com ela, eu disse pra ela que ela me beijasse porque eu sou tímido. Então, nesse momento, ela me beijou, só que ela me beijou toda sem jeito, ela não soube, aí eu beijei ela normal etc e tal. E os dias que eu passei lá foi aquela coisa altamente pulsional, eu não podia encostar nela que eu tinha aquela coisa de orgasmos múltiplos. Não era aquela coisa do orgasmo físico, era o gozo que Freud tanto fala. Eu tinha aquela coisa, ela me enlouquecia. Tudo nela, eu nunca... Eu tinha tido outros contatos com outras meninas assim de ficar, umas 5, mas nunca namorei. Mas ela era aquela coisa instantânea. Eu não podia tocar nela, na pele dela, e ela também. Foi um encontro. E a gente tinha muita coisa em comum, a gente fazia aniversário no mesmo dia, tínhamos os mesmos gostos, então foi aquela coisa... sabe? Tinha muita coisa em comum em relação a gosto, e você já deve ter escutado minha história, deve ter visto que ela particular tem muitas coisas diferentes também em mim, foi aquela coisa linda. E quando eu tava lá, todos os dias que eu tava lá, levei muito dinheiro. Nessa época eu fui morar com minha mãe, eu esqueci de falar isso, em Brasília, por isso ficou mais fácil eu ir pra São Paulo. E eu, quando tava lá levei muito dinheiro, acho que levei 2 mil conto só pra passar 1 semana com ele e tava gastando dinheiro. Não era porque ela queria, porque eu queria agradar eu comprava chocolate, eu queria compensar os dias que eu não tive com ela, fazendo várias coisas pra ela, entendeu? Aí eu levava ela pra jantar, pra não sei o quê. Era comidinha na boca, foi a coisa mais de novela mexicana que você possa imaginar. Aquela coisa de amor de internet... Mas na época a gente nem tinha muito essa coisa de internet, sabe? Foi uma coisa que partiu mesmo da gente, sabe? Eu nunca quis uma menina de internet, nunca mesmo, o que me fez querer ela, era que ela parecia muito comigo, era aquele encontro mesmo! E ela também, a gente tinha aquela coisa que encaixava, sabe? E a gente tinha aquela coisa que encaixava emocionalmente, mas depois fisicamente também e foi aquela coisa. Eu não cheguei a fazer sexo com ela, nem nada, porque eu não tinha espaço a mãe sempre tava por ali, a mãe tava certa, é lógico, a menina com 14 anos e eu com 16, rolou algumas coisas, umas preliminares, o suficiente pra me deixar com aquilo na cabeça, já que eu nunca tinha tido nada com nenhuma mulher. E depois de um tempo, quando a gente, quando eu voltei pra Brasília a gente ficou com promessas de voltar, a gente tinha promessa de casar, tudo que você puder imaginar... Ter filho, etc. e ficou a

promessa de eu voltar no final do ano até o tempo que eu terminasse o 2º grau e pudesse fazer uma faculdade ou com ela, ou ela comigo, entendeu? E depois disso, 1mês depois que eu voltei pra Brasília que foi o meu aniversario e eu liguei pra ela, porque era o aniversario dela também, aí eu falei com o pai dela, a mãe dela me amou, louca por mim, aí nos dia do meu aniversario aí o pai dela atendeu e falou "não, a Fernanda não ta, ela saiu com as amigas dela" "que amigas?" "fulana e FULANA" aí eu fiquei naquele estado, foi aí que eu entrei em depressão, então, o início da minha depressão foi ela. E aí, então, lá em Brasília eu subia na janela e dizia "ai, eu não quero eu vou pular daqui." Não era aquela coisa dramática, eu ficava encostado meio que inclinado, ou então eu ficava na cama sem comer, e minha mãe tentando me animar. Aí eu peguei cortei meu cabelo, eu tinha o cabelo muito grande entendeu? Eu tinha o cabelo grandão e eu cortei o cabelo do nada, coisa pra chamar a atenção mesmo, e ficava na cama, etc. até que eu peguei cortei um pulso, o outro, e minha mãe me levou pro hospital. Depois eu voltei, aí cheguei em casa e eu tava grogue e minha mãe queria saber porquê e eu não dizia , porque eu não queria dizer, porque eu não queria falar o quanto essa amiga era prejudicial pra ela, o que tinha acontecido, eu não queria expor ela, só que eu tava muito grogue por conta dos remédios, e minha mãe..eu falei "ah, a Fernanda" e minha mãe ligou pra ela pra falar com ela, tentou ligar pra falar que o Pedro tá assim. Só que quando ela ligou a Fernanda tava dormindo e quem atendeu foi a mãe dela, aí elas duas começaram a conversar, e minha ma~e não falou nada, porque ela é altamente reservada, e começaram a falar "ah, o Pedro ta muito triste por causa da Fernanda, eu queria saber porquê, se aconteceu alguma coisa, já que ele me fala tão bem dela" e a mãe dela começou a "ah, eu adorei o Pedro" "ah, ele é isso..." e começou a falar "ah, eu to tão feliz porque a Fernanda nunca teve um namoradinho, e o Pedro é uma pessoa maravilhosa pra ela, eu to adorando" aí "ah o Pedro ta triste, deixa eu falar com ele." E começou a conversar e eu meio grogue, contei tudo! Principalmente o negócio com o irmão. Não foi algo que eu planejei, eu nem tava muito consciente do que tava falando e a mãe dela ficou perplexa, a mãe dela também tinha um grau de depressão alto, então existia problemas na família dela, a mãe ficou muito desesperada em vista depois que eu contei também quem era a amiga dela, a ninfeta que faz tudo e tal. E eu fiquei sabendo 1 semana antes que as duas iam cheirar cocaína e eu falei também sobre as drogas. E a mãe dela ficou muito assustada e aconteceu que depois a mãe dela foi conversar com ela, conversou de boa, conversaram, choraram... Pra entrar num consenso de afastar a amiga dela, e a mãe dela ficou com muita raiva da amiga dela, porque a amiga dela já tinha ido pro negocio dos menores e não tinha um relacionamento bom em casa, já tinha fugido de casa, é tanto que ela ficou até uns dias lá na casa da Fernanda pra não ficar no Juizado de Menores. E a mãe dela já não queria que ela andasse com essa amiga por já saber desse problema. Queria denunciar o irmão dela por estupro, o negócio foi tão forte, as brigas da mãe com a outra mãe da amiga que até elas mudaram de cidade, foram pra Curitiba e foi uma coisa muito forte, mexeu com família, a princípio a Fernanda "ah, tudo bem, eu to triste por tudo" e eu falava "eu não queria falar" foi aquela coisa chata, e depois de um tempo, de 1 mês, ela parou de falar comigo, ficou com raiva e pediu pra eu parar de procurar ela,aí eu entrei em depressão total. O engraçado, indo pra psicanálise, é que eu tive um sonho, nessa época que a gente tava brigando, que eu transava com a minha mãe, foi uma coisa pra mim que... Mas eu deixei pra lá, eu não entendia nada de psicanálise e foi exatamente nessas rupturas que talvez houve uma transferência, eu não sei e eu ainda tava em Brasília, e eu fiquei tão puto

que disse que ia passar uns dias em Natal, e vim pra cá depois logo que eu fiquei sabendo que ela não queria falar comigo. E vim pra Natal, fiquei aqui, já vim com depressão, dei muito trabalho pro meu pai, eu ficava, eu passava o dia pela casa, andando pra cima e pra baixo com a mão na cabeça, aquela coisa de pulsão mesmo que você não tem como, né? E eu poderia recalcar, sublimar, mas eu fiquei nessa casa que nem um neurótico, andando pra cima e pra baixo, sem parar . E eu saía pra rua às 3 da manhã, ficava andando que nem um louco e meu pai atrás de mim, entendeu? E depois de um tempo eu ficava tentando ir atrás dela e ela não me respondia nem nada. Depois de 7 meses e tal eu fiquei sabendo que uma pessoa que desabafava sobre a Fernanda tava dando em cima dela e tava fazendo, e eu ia falar com ele, sobre meus sentimentos e ele devia falar com ela, fazer um joguinho e tal e quando eu comecei a ver a relação dos dois eu fiquei louco também, fiquei louco e cheguei a um dia andar pela rua e bati com a cabeça na parede, começou a sangrar e as pessoas na rua me falando pra eu ir pro hospital. Eu saí, parei de estudar também, eu estudava no Mackenzie em Brasília e parei de estudar, eu ficava só nessa de ficar pensando nela. Às vezes eu ficava 7-8 dias sem comer, cheguei a ficar 7-8 dias sem comer mesmo, só bebendo água, e no meu quarto depressivo, às vezes eu pegava uma faca e ficava pensando em me cortar, etc. depois eu descobri que ela tinha anorexia e descobri várias coisas a respeito dela, descobri várias coisas. Aí depois de um tempo, eu mandei flores pra ela, com um poema e pedindo desculpas e ela aceitou falar comigo, mas era aquela coisa, ela falava comigo e me pisando pelo que eu tinha feito, sempre dizendo que depois do que eu tinha feito a vida dela em casa tinha virado um inferno porque o irmão dela ficou sabendo, o pai não, porque se ele soubesse expulsava ela de casa, por considerar ela puta. E não tem nada a ver, hoje em dia com a psicanálise eu não vejo nenhum problema nisso. E ela ficou pensando que a culpa era minha, e sempre me culpando e eu tentando reatar com ela, e ela pisando e eu triste, eu chorava. Aí a gente ficava 2 meses falando, 2 meses sem se falar, depois de um tempo ela começou a dizer, brigava comigo, eu ia atrás, às vezes ela que vinha atrás, e ficou aquela coisa, e foi quando teve a tentativa,porque meu pai enchia muito o meu saco, você sabe que ele é lei, e quando eu tava com ele, ele ficava enchendo muito meu saco e ele falou alguma coisa que eu não gostei no dia e não me deixava ver ela, porque eu queria ver ela, e ele tava seguindo o mesmo papel, e ele não deixava e eu tinha tido uma briga com ele e cheguei em casa e tentei, é tanto que 1 mês depois disso, eu tava com minha psicanalista no carro, com a filha dela, a gente voltando de uma cidade no interior e a gente sofreu um acidente e o carro virou umas 5-6 vezes, amassou todinho, todo mundo que passava pensava que a gente tava morto, eu passei por um barranco de 3 metros e não tinha como sobreviver e a gente sobreviveu, então eu passei por experiências 2 vezes. Aí depois disso eu passei a avaliar melhor a minha vida, fiquei ainda 1 ano em depressão, só que depois disso, ela começou a admitir que me amava ainda e que fazia isso porque me amava, só que era aquela coisa ela dizia que me amava, mas brigava comigo, aí isso foi até o fim do ano passado. Aí quando foi no meio do ano passado, depois da depressão de do suicídio, eu já tava com a cabeça melhor, ela em junho, a gente voltou a se falar e a gente marcou de se ver de novo, a gente marcou de se ver em São Paulo, pra assistir ao Fantasma da Ópera, que é uma peça que eu gosto muito, ela também, só que não deu certo, porque foi muito em cima, e combinamos pro final do ano, final do ano passado. Sendo que eu descobri outras mentiras dela, que ela tava usando droga e eu não sabia, e peguei e tinha outro amigo dela que eu conversava e eu conversava com ele porque eu não tinha com quem conversar, e depois eu

falei uma coisa da vida dela que ele se sentiu, mas não tinha nada a ver com ele, ele sentiu talvez por não saber, não sei. E ele ficou sabendo e disse que eu tinha que falar e eu não queria falar porque se eu falasse a gente ia brigar de novo e eu não queria porque a gente tava pra se ver. Aí eu meio que ignorei ele, deixei pra lá, e disse "olha, é porque a Fernanda ta muito triste, por problemas em casa e eu não vou encher o saco com isso, depois eu conto." Só que eu não contei e ficou da gente se ver, a gente viu as passagens, eu ia comprar as passagens pra ela vir, a mãe dela não queria que ela viesse só, eu cheguei até a falar com a mãe dela, e disse que ela viria com a tia dela, nenhum problema, só pediu que eu pagasse a passagem dela, porque ela já ia pagar a da tia e ficaria muito pesado, e nenhum problema pra mim, a gente resolveu comprar, só que quando tava faltando uns 2 dias pra eu comprar a passagem, o garoto ficou sabendo que ela vinha e contou tudo pra ela, e aí acabou de novo, depois disso eu peguei e falei: já era. Faltam 2 meses pro vestibular, eu não tava estudando, aí peguei fiz aqueles provões do ensino médio, passei me todos, fiz vestibular na UFRN e passei, que ninguém acreditava que eu ia passar, porque eram só 2 meses estudando, aí passei na UFRN em 2º lugar, passei em 1º lugar me Direito na UNP, com mais de 16 turmas, vem aí uns 1000 alunos, e uma coisa sem estudar, e eu não fiz nem 2º, nem 3º ano. E resolvi, vou fazer as duas. Aí mudou minha vida, ao ponto de que hoje em dia eu estudo, estudo, e entrei na psicanálise também e to fazendo 3 faculdades: de tarde eu faço direito, de noite eu faço Ciências Sociais, e aos sábados o dia inteiro eu faço psicanálise, aí são 5 anos os 3 cursos.e hoje em dia eu já desdogmatizei do que é amor, do que é paixão, vejo tudo melhor, deixei o lado religioso pra lá, porque eu era muito Cristão e isso foi um forte influenciador na minha vida, eu era espírita, então eu tinha aquela coisa de eu vou me matar, você sabe que dos tipos de suicídios tem aquele de que quer ver na outra vida, e eu tinha isso com ela, a gente falava muito, ela também era espírita, essa coisa, sabe? Eu não acho que era pra culpar ela, depois disso eu fiquei falando, ela morava em São Paulo e talvez nem soubesse, não deixei carta nem nada. Foi uma reação, quando você se sente...

Mas os problemas do suicídio é justamente isso de não se adaptar à realidade... Veja que quando eu era adolescente eu não pertencia ao senso comum, desde a minha infância eu preferia estar com adultos ao invés de estar brincando, eu sempre tive esse lado, não que eu não fosse uma pessoa totalmente excluída, eu tinha as minhas amizades, muita gente gostava de mim, as crianças sempre me adoraram, eu sempre fui líder de turma, até na faculdade hoje em dia eu sou. Eu sempre fui de grêmio, as pessoas sempre gostaram de mim, só que era aquela coisa assim, eu não me sentia muito bem, preferia estar no meio do pessoal adulto, sempre gostei demais de conversar com mulheres, porque eu acho que elas tinham mais a acrescentar a mim do que ta numa mesa de bar, bebendo, falando de futebol, cachaça, essas coisas de brasileiro, e eu sempre preferi companhias femininos. Só que eu sempre fui muito reprimido também, ao mesmo tempo que eu gostava muito delas eu tinha aquele ideal de mulher que eu não podia ultrapassar. Meu pai dizia que quando eu era pequeno eu sempre me apaixonava pelas menininhas, mas como eu tinha aquele ideal de mulher eu não podia estar com uma e com outra a toda hora, também não faço isso hoje em dia, não é porque eu acabei com ela que eu faço. Eu sou bem reservado, não sou do tipo do homem que chega numa mesa de bar e fica falando do que fez com a mulher, eu odeio isso! Então eu prefiro ter amizades femininas e tal, nunca pertenci ao grupo por não achar a cabeça deles compatíveis a minha, não que eu me ache

superior a ninguém, eu não acho nem nada disso, mas é porque os assuntos não batiam com os meus interesses.

Eu sinto que o que eu vivi refletiu em mim como ações reacionais objetivando fins. Eu acho que mais do que a tentativa foi a depressão, eu sinto que a depressão, eu vi que não é com remédios que a depressão se cura, é uma ilusão... O prozac, as drogas, o êxtase, são essa tentativa falsa de diminuir a libido.

Assim, eu acho que o que leva a alguém a tentar suicídio por amor eu não vou dizer que é baixa estima, nem a falta de amor, também não acho isso, eu acho que é a não concretização do gozo, o suicídio é isso, e nesse caso do amor, é por causa disso, às vezes por narcisismo, eu não acho que o meu caso não foi por isso, é mais por não poder concretizar aquilo que eu desejava, e é isso, se fosse por amor não se suicidaria, porque o amor,pelo que se entende, é algo muito bonito, né? Porque quem inventou isso do amor ideal foi na época da Grécia antiga, Sócrates, Platão, com aquela metafísica idealista de achar que o amor, quando está com a razão em cima... A literatura se encarregou disso, o Cristianismo também, as pessoas são muito ligadas a isso, mas tudo isso ainda é reflexo dessa cultura grega, cristã, ocidental.

Natal, 11 de Agosto de 2005
Ilustríssimo Sr. Dr. José Roberto Freire de Oliveira
Coordenado do CIT - Centro de Informação Toxicológica de Natal

Senhor Coordenador,

Vimos por meio desta, solicitar a autorização para pesquisa de dados nesta Instituição com fins acadêmicos. Tal finalidade se dá no intuito de compor o corpo de dados de dissertação de Mestrado com título de "Tentativa de Suicídio e Relação Amorosa na adolescência: Uma questão e (des) amor" do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Os dados fornecidos pela Instituição pesquisada, não serão identificados, para resguardar a identidade daqueles que virão a compor o corpus de tal estudo.

Desde já agradecemos a colaboração.

_____
Ana Karina Silva Azevedo
Psicóloga/Pesquisadora

_____
Elza Maria do Socorro Dutra
Orientadora/Professora

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

TÍTULO DO PROJETO: RELAÇÃO AMOROSA E TENTATIVA DE SUICÍDIO NA ADOLESCÊNCIA: UMA QUESTÃO DE (DES) AMOR.

PESQUISADOR: ANA KARINA SILVA AZEVEDO
FORMAÇÃO: PSICÓLOGA (CRP 13/3934) TELEFONE: (84) 2116683

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O objetivo do presente trabalho é buscar compreender como jovens que tentaram suicídio, vivenciam a questão amorosa em suas vidas.

Para haver um registro do relato dos sentimentos, idéias e conteúdos envolvidos no ser adolescente dos jovens colaboradores da presente pesquisa, no que diz respeito ao tema proposto, serão realizadas entrevistas que poderão durar a princípio cerca de uma hora, durante as quais serão feitas perguntas ao informante, sempre visando alcançar os objetivos deste empreendimento e dentro do intuito maior que é contribuir para a construção do conhecimento científico.

Com a finalidade de trabalharmos dentro de uma ética estabelecida para a pesquisa clínico-psicológica, o informante tomará ciência dos princípios abaixo discriminados e que regerão sua participação.

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte da cidade do Natal-RN, no dia____/___/_____.

Este TERMO, em duas vias, é para certificar que eu, _____ , concordo em participar deste projeto científico, bem instruído neste termo de consentimento, de acordo com os seguintes princípios:

Autonomia: Considero preservada minha participação como voluntário(a), sem coerção pessoal ou institucional, dando minha permissão para ser entrevistado e para estas entrevistas serem gravadas em fitas cassete. Estou ciente de que sou livre para recusar e dar respostas a determinadas questões durante as entrevistas, retirar meu consentimento e terminar minha participação a qualquer tempo, bem como terei a oportunidade para perguntar sobre qualquer questão que eu desejar, e que todas deverão ser respondidas pelo pesquisador a meu contento.

Beneficência: Estou ciente de que poderá não haver benefícios diretos para mim enquanto entrevistado deste estudo, além de eventuais ganhos altruísticos e emocionais de poder falar sobre o assunto em pauta. Estou ciente de que também poderá haver benefícios diretos para minha pessoa e para a maneira como me relaciono com o tema em questão nesta pesquisa, mas sei que poderei estar contribuindo para a maneira como no futuro, profissionais de saúde ligados a esta problemática, possam fornecer uma melhor acolhida às tentativas de suicídio nas instituições de saúde.

Não-maleficência: Estou ciente de que estarão garantidas a não invasão de minha privacidade. Sei que, além do pesquisador, o material coletado na entrevista poderão ser conhecidos por colegas pesquisadores, especialistas da área, ou seja, poderão conhecer trechos do conteúdo para discussão dos resultados, mas meu nome será omitido e estas pessoas estarão sempre submetidas às normas do sigilo emocional. O relatório final estará disponível para todos quando estiver concluído o estudo, inclusive para apresentação em encontros científicos e publicações em revistas especializadas, podendo conter citações literais da entrevista, mas sempre de modo anônimo e evitando a identificação do informante. Finalmente, estou ciente se que serei respeitado (a) quanto a não Ter tocados aspectos de foro íntimo, a não ser quando for de minha concordância abordá-los.

NOME:_____
ASSINATURA: _____

Pesquisador: _____
Entrevistado:_____
Entrevista n.º.: _____

Local: _____
Data: ____/____/_____

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo